



**KARINA APARECIDA MASCARENHAS**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS *FAKE NEWS*  
SOBRE AS VACINAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO  
MOVIMENTO ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS  
FACEBOOK E YOUTUBE**

**LAVRAS - MG  
2021**

**KARINA APARECIDA MASCARENHAS**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS *FAKE NEWS* SOBRE AS VACINAS NO  
BRASIL: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS  
FACEBOOK E YOUTUBE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora  
Profª. Dra. Dalva de Souza Lobo

**LAVRAS - MG  
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Mascarenhas, Karina Aparecida.

A construção discursiva das *fake news* sobre as vacinas no Brasil: uma análise do movimento antivacina nas redes sociais Facebook e Youtube / Karina Aparecida Mascarenhas. - 2021.  
130 p. : il.

Orientador(a): Dalva de Souza Lobo.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Pós-verdade. 2. Movimento Antivacina. 3. Fake News. I. Lobo, Dalva de Souza. II. Título.

**KARINA APARECIDA MASCARENHAS**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS *FAKE NEWS* SOBRE AS VACINAS NO  
BRASIL: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS  
FACEBOOK E YOUTUBE**

**THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF *FAKE NEWS* ABOUT VACCINES IN  
BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE ANTI-VACCINE MOVEMENT IN FACEBOOK AND  
YOUTUBE SOCIAL NETWORKS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 28 de maio de 2021.  
Profa. Dra. Dalva de Souza Lobo UFLA  
Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim UFLA  
Profa. Dra. Pollyana Ferrari Teixeira PUC-SP

Profa. Dra. Dalva de Souza Lobo  
Orientadora

**LAVRAS – MG  
2021**

*Ao meu filho Gabriel, alegria da minha vida e  
meu amor incondicional.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos espíritos de luz, pela oportunidade da vida e por fornecer ânimo e inspiração nos momentos mais adversos dessa jornada do conhecimento. À minha amada Universidade Federal de Lavras, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e ao Departamento de Letras, por permitir a possibilidade de realizar mais esse sonho em minha vida. #OrgulhodeSerUFLA. À minha querida orientadora, Dalva Lobo, por aceitar o desafio desta proposta de pesquisa, me conduzindo com toda atenção e conhecimento mesmo nos momentos mais difíceis. Não há palavras suficientes para descrever a imensa gratidão que tenho por ter sido sua orientada, obrigada pelas palavras amigas, pelos incentivos e por acreditar em mim. À banca avaliadora deste trabalho, professoras Márcia Fonseca Amorim e Pollyana Ferrari Teixeira. Agradeço com carinho pelas sugestões e apontamentos durante a qualificação. Por toda a ajuda e incentivo durante o trabalho e pelas contribuições que ainda virão. É uma grande honra tê-las como minha banca. Aos demais professores da Pós-graduação em Letras, minha gratidão pelo aprendizado e pela paciência em me acolher, mesmo eu sendo de uma área diferente da de Letras, vocês são grandes mestres e desejo que o curso possa crescer muito mais dentro da Universidade. Aos colegas que se tornaram amigos (as) da primeira turma do Mestrado em Letras, pelos cafés, prosas e amizades que levarei para o resto da vida. Meu agradecimento especial à Josi, Nayara, Thayrine, Luana, Aline, Silvio, Reynaldo, Lucimara, Joice, e todos os demais. Foi gratificante o aprendizado que tive com cada um de vocês, são todos excelentes profissionais. Ao meu emprego como Jornalista que proporcionou meu sustento enquanto ao mesmo tempo eu estudava, agradeço à Diretoria de Comunicação da UFLA pela oportunidade de trabalhar nessa instituição eu tanto amo. Às minhas queridas amigas Carol e Mel, minhas irmãs de coração, pelos conselhos, pelos ouvidos e principalmente pela amizade que enriquece meus dias. Agradeço especialmente ao meu pai Vitório (*in memoriam*) e minha mãe Ana por proporcionarem essa existência e por todo amor. Aos meus filhinhos de quatro patas, meus gatos: Lion e Mimi, pela companhia e alegria que me proporcionaram durante toda a pesquisa, repousando nos livros e oferecendo um carinho quando eu mais precisava. O Lion inclusive ama o Foucault! Ao meu marido, Rubens, por ser meu ombro amigo, as palavras sensatas e meu apoio emocional e até mesmo financeiro quando precisei, nunca irei me esquecer do quanto crescemos juntos nesses 10 anos; te amo! Ao meu amado filho Gabriel, que você possa um dia ler esse trabalho e se orgulhar dos passos de sua mãe que enfrentou muitas dificuldades, noites sem dormir, cansaço e gastou muita energia para terminar esse estudo. Perdoe-me pelos finais de semana trancada

no quarto e pela atenção a desejar. Você é a luz da minha vida! Ao meu anjinho que brevemente esteve conosco e está sempre em nossos corações e orações, meu amor eterno.

**MUITO OBRIGADA!**

*“Há esperanças que é loucura ter, pois eu digo-te que se não fossem essas eu já teria desistido da vida.”  
(José Saramago)*



## RESUMO

Considerando o impacto da pós-verdade sobre a sociedade, principalmente no meio digital, buscamos, neste trabalho, problematizar como esse fenômeno compromete as campanhas de saúde pública, dentre as quais, as de vacinação no Brasil. Nesse contexto, assumimos como objetivo principal compreender como o discurso do movimento antivacina se constrói e se propaga nas redes sociais. Quanto aos objetivos específicos, estes visaram identificar as estratégias enunciativas do movimento antivacina que circulam nas redes sociais e comparar tais estratégias com as presentes no discurso oficial do Ministério da Saúde, divulgado por meio das notícias no site oficial e no Facebook e Youtube do órgão. Para tanto, o procedimento metodológico contou com a análise de fragmentos de algumas postagens extraídas de páginas do movimento antivacina no Facebook e no Youtube que trouxeram elementos constitutivos da pós-verdade, no intuito de examinarmos se houve e, quais foram as estratégias utilizadas pelo Ministério da Saúde para se contrapor ao discurso erigido por tal movimento antivacina. Tal análise ancorou-se nos conceitos de verdade e poder, de Michel Foucault, discurso das mídias, de Patrick Charaudeau e de Pós-verdade, a partir de Pollyana Ferrari, Lúcia Santaella, entre outros autores que pesquisam a construção enunciativa da Pós-verdade. Dentre os resultados obtidos na análise, observamos que o discurso do movimento antivacina pode ser visto como uma resposta ao poder institucional do Ministério da Saúde, que promove o ódio e a desinformação dentro de bolhas de *fake news* espalhadas pelas redes sociais. Tal discurso se tornou um ponto de embate que tem sido confrontado pelas agências de checagem e pela mídia tradicional, no intuito de conscientizar a população acerca do caráter duvidoso de postagens antivacinas. Desse modo, esta pesquisa buscou contribuir para um olhar mais criterioso e provocar reflexões acerca dos impactos da Pós-Verdade, sobretudo no campo da saúde, onde a alienação pode resultar em danos irreversíveis.

**Palavras-Chave:** Pós-verdade. Discurso. Movimento antivacina.

## ABSTRACT

Considering the impact of post-truth on society, especially in the digital environment, we seek, in this paper, to problematize how this phenomenon compromises public health campaigns, including vaccination campaigns in Brazil. In this context, we assumed as our main objective to understand how the discourse of the antivaccine movement is built and spread in social networks. As for the specific objectives, these aimed to identify the enunciative strategies of the antivaccine movement that circulate in social networks and compare these strategies with those present in the official discourse of the Ministry of Health, disseminated through news on the official website and on Facebook and Youtube. To do so, the methodological procedure included the analysis of fragments of some posts extracted from pages of the antivaccine movement on Facebook and Youtube that brought elements of post-truth, in order to examine whether there were and, what were the strategies used by the Ministry of Health to counter the discourse erected by such an antivaccine movement. This analysis was anchored on the concepts of truth and power, by Michel Foucault, media discourse, by Patrick Charaudeau and post-truth, from Pollyana Ferrari, Lúcia Santaella, among other authors who research the enunciative construction of post-truth. Among the results obtained in the analysis, we observed that the discourse of the antivaccine movement can be seen as a response to the institutional power of the Ministry of Health, which promotes hatred and misinformation within bubbles of fake news spread by social networks. Such discourse has become a point of contention that has been confronted by checking agencies and traditional media, in order to raise awareness about the dubious nature of antivaccine posts. Thus, this research sought to contribute to a more careful look and provoke reflection about the impacts of post-truth, especially in the health field, where alienation can result in irreversible damage.

**Keywords:** Post-truth. Fake news. Anti-vaccine movement.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem de maior interação grupo antivacinas Facebook 2018 .....	58
Figura 2 - Comentários em post de maior interação 2018.....	60
Figura 3 - Postagem de maior interação Facebook 2019 .....	64
Figura 4 - Comentários postagem de maior interação 2019 .....	67
Figura 5 - Postagem de maior interação Facebook grupo antivacina até agosto 2020.....	70
Figura 6 - Comentários publicação 2020.....	73
Figura 7 - Vídeo Youtube termo “Não tome Vacina” .....	79
Figura 8 - Comentários no vídeo do Bolsonaro.....	83
Figura 9 - A vacina contra a Covid-19 é perigosa? .....	86
Figura 10 - Comentário sobre a morte do Dr. Wong.....	86
Figura 11 - Comentários sobre a vacina chinesa no vídeo do Dr. Wong .....	87
Figura 12 - Por que existe gente antivacinas? .....	89
Figura 13 - Comentários pró-vacina das gerações anteriores.....	90
Figura 14 - Mensagem transmitida através do WhatsApp .....	93
Figura 15 - Efeitos colaterais do HPV – Facebook Ministério da Saúde.....	99
Figura 16 - Postagem dezembro de 2018 – Ministério da Saúde.....	101
Figura 17 – Comentário publicação Ministério da Saúde 2018.....	102
Figura 18 - Postagem sobre verdades a respeito das vacinas 2019.....	103
Figura 19 - Montagem da autora sobre comentários na postagem sobre verdades das vacinas 2019 .....	104
Figura 20 - Responsabilidade de vacinar nossas crianças MS 2019.....	105
Figura 21 - Comentários publicação Ministério da Saúde 2019.....	106
Figura 22 - Recomendação para o uso da Cloroquina pelo Ministério da Saúde.....	108 e 109
Figura 23 - Comentário na publicação do MS sobre o uso da Cloroquina .....	109
Figura 24 - Apresentação do plano de vacinação contra a Covid-19 .....	112
Figura 25 - 140 milhões de doses da vacina contra a Covid-19.....	113
Figura 26 – WhatsApp do canal Saúde sem <i>Fake News</i> .....	116

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – A questão da Cloroquina.....	110 e 111
---	-----------

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2018.....	62
Gráfico 2 – Informações sobre os participantes da postagem de maior interação 2018 .....	63
Gráfico 3 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2018 .....	63
Gráfico 4 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2018 .....	63
Gráfico 5 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2019.....	69
Gráfico 6 – Informações sobre participantes da postagem de maior interação 2019 .....	69
Gráfico 7 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2019 .....	69
Gráfico 8 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2019 .....	70
Gráfico 9 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2020.....	74
Gráfico 10 – Informações sobre os participantes da postagem de maior interação 2020 .....	75
Gráfico 11 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2020 .....	75
Gráfico 12 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2020 .....	76

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I - PÓS-VERDADE E A EPIDEMIA DA (DES) INFORMAÇÃO: A AFONIA DA VERDADE.....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 A epidemia das Fake News .....</b>	<b>36</b>
<b>1.2 A Anticiência do Movimento Antivacina .....</b>	<b>40</b>
<b>1.3 O impacto das mídias na disseminação de notícias falsas sobre as vacinas .....</b>	<b>45</b>
<b>1.4 Ministério da Saúde e o combate às Fake News .....</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO II - A CONSTRUÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS SOBRE VACINAS NAS MÍDIAS SOCIAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>2.1 Grupos Antivacina no Facebook .....</b>	<b>54</b>
<b>2.2 O que dizem as Redes? .....</b>	<b>56</b>
<b>2.3 O discurso antivacina no Youtube .....</b>	<b>77</b>
<b>2.4 O WhatsApp como instrumento de propagação da hesitação vacinal .....</b>	<b>92</b>
<b>CAPÍTULO III - ENTRE O REAL E A FICÇÃO: UMA COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE E DAS REDES SOCIAIS ANALISADAS .....</b>	<b>95</b>
<b>3.1 A retórica da verdade sobre as vacinas .....</b>	<b>96</b>
<b>3.2 O discurso do Ministério da Saúde no Youtube.....</b>	<b>111</b>
<b>3.3 Saúde sem Fake News.....</b>	<b>115</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO A – Comparação entre as postagens do Facebook.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO B - Comparação dos vídeos do Youtube.....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

No contexto da era digital, grande parte da população utiliza as redes sociais para obter e disseminar informações das mais variadas. Notamos, desse modo, como o advento das tecnologias e o avanço proporcionado pelas redes digitais contribuem significativamente para informar e formar a opinião pública em escala global e em tempo real. Se, por um lado, o acesso à internet, que foi criada no final dos anos de 1960 para fins militares e chegou à população somente na década de 1990, com a criação do provedor *World Wide Web*, possibilitou a relação mais próxima entre os sujeitos, por outro lado, observamos que o excesso de informações de caráter duvidoso e mal intencionado circulando pela rede mundial de computadores afeta vários âmbitos da sociedade, visto que mesmo verdades já comprovadas pela ciência são contestadas por meio de notícias falsas, causando confusão à população. Conhecidas como *fake news*, essas notícias falsas são estrategicamente construídas e compartilhadas entre os usuários por meio da internet.

É nesse cenário que surge a “era” denominada de Pós-Verdade (*Post-truth*<sup>1</sup>), cujo termo foi utilizado pela primeira vez em 1992, em um artigo do dramaturgo sérvio-norte-americano Steve Tesich (1992). A expressão apareceu na revista *The Nation*, uma das mais antigas publicações dos Estados Unidos, para retratar o episódio conhecido como escândalo de Watergate, que culminou na renúncia do então presidente norte-americano Richard Nixon, em 1974. Na época, Tesich utilizou o termo para se referir à falsa verdade vivida naquele momento pelos norte-americanos durante as denúncias de corrupção de membros daquele governo.

A pós-verdade é descrita por estudiosos como um fenômeno cuja prerrogativa é contestar verdades cientificamente comprovadas a partir da articulação discursiva que instala uma noção de verdade pautada em ideologias destituídas de compromisso ético, como se observa em FERRARI (2018), KEYES (2018), KAKUTANI (2018) e SANTAELLA (2019).

Passadas algumas décadas, o fenômeno ganhou notoriedade em discursos politicalizados e extremos nos quais os sujeitos passam a construir informações falsas e/ou imprecisas que são retroalimentadas por preconceitos, fatos inventados e crenças sob o *status* de verdade, formando, assim, opiniões distorcidas. Com o auxílio da tecnologia à palma da mão e potencializados pelas mídias, estes falsos conteúdos ou *fake news* são disseminados em

---

<sup>1</sup> O termo *post* possui diversos significados na língua inglesa, podendo se referir à postagem de algo na internet, ao sistema de entrega de correspondências no Reino Unido, a um emprego ou a ficar de guarda. Fonte: [https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/post\\_1](https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/post_1). Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

tempo real e com uma velocidade surpreendente que leva à desinformação em massa. Assim, notícias manipuladas, muito embora não condizentes com a realidade e sem a comprovação científica, promovem incertezas e contestações por parte da população.

Dito de outro modo, a pós-verdade trata da negação da verdade cientificamente comprovada e ocorre em diversas áreas, como na economia, na política, na educação e na saúde, nas quais os discursos por ela construídos se assentam. Como exemplo, temos a negação do aquecimento global, o terraplanismo (que contesta o formato oval do globo terrestre) e o movimento antivacina.

Sabemos que a negação do conceito de verdade não é atual, no entanto, quando implicado no discurso sobre as vacinas, as quais comprovadamente salvam milhões de vidas por ano, torna-se tão perigosa quanto afirmar que o holocausto aos judeus não existiu. Isso porque tal discurso se erige sob pontos de vista ideológicos, e sem diálogo com os contextos histórico, cultural e social.

Praticada em vários âmbitos da sociedade, a pós-verdade se tornou objeto de estudos de diversos autores. Ralph Keyes (2018) e Michiko Kakutani (2018), por exemplo, apontam para a questão da utilização da mídia para manipulação do poder político por meio de fatos criados e de *fake news* como forma de convencer eleitores. O jornalista Matthew D' Ancona (2018) discorre sobre o surgimento da era da pós-verdade, assim como Christian Dunker *et al.* (2017). Já Pollyana Ferrari (2018) e Lúcia Santaella (2019) lembram que as bolhas de informação limitam os sujeitos em suas próprias crenças, levando-os a acreditar no fenômeno da pós-verdade.

Outro exemplo que aponta para a crença em pós-verdades se encontra no campo literário, na obra de George Orwell, outro autor que parece trazer elementos para discutir a questão da pós-verdade. Apesar de não utilizar o termo, o escritor inglês relatou em sua obra *Homage to Catalunha* lançada em 1938 - e que no Brasil recebeu o título "Lutando na Espanha" sendo publicada em 1986 - a experiência vivida por ele durante a Guerra Civil Espanhola, criticando não somente o fascismo, mas o modo como os sujeitos encaravam as atrocidades da guerra, se apropriando da verdade que lhes convinha, ora negando os horrores e as mortes, ora explicando-as a partir de questões políticas.

Observando, a partir da própria experiência, o fato de a imprensa narrar acontecimentos que nem sequer ocorreram naquele período, Orwell (2002) deixa claro que a imprensa encobria sobre o que de fato se tratava o que ele chama de revolução. O autor demonstrava preocupação pelo que seria narrado da guerra pela história, a qual, segundo ele, poderia ser escrita sem a objetividade da verdade, pelos olhos de quem detivesse o poder,



ressaltando que o governo espanhol também pregava mentiras sobre a guerra, corroborando o totalitarismo, o qual nega a verdade. Na obra de Orwell (2002), notamos também como a imprensa manipula e influencia na formação da opinião pública, como será apresentado neste trabalho.

Desse modo, a partir das considerações acerca da pós-verdade e, tendo em vista a complexidade desse fenômeno em diversos âmbitos da sociedade, surgiu uma inquietação sobre a condução da pós-verdade no contexto da saúde, o que nos levou a problematizar sobre como o discurso antivacina pode afetar as campanhas de saúde pública, dentre os quais, as de vacinação no Brasil, mediante a disseminação de informações não cientificamente comprovadas que fazem eclodir, inclusive, doenças erradicadas.

A hipótese levantada foi a de que, ao construir seus argumentos sem a devida apropriação de dados cientificamente comprovados, o movimento Antivacina compromete as campanhas de vacinação na medida em que, com o intuito de convencer a população acerca da veracidade de suas informações, busca fontes advindas do senso comum e dos pensamentos mítico, ideológico, religioso ou mágico para propagar seus discursos através das redes sociais.

Além disso, utilizando as *fakes news*, cujo discurso é falacioso e tendencioso, a pós-verdade leva os sujeitos à falsa noção de verdade a partir de uma linguagem estrategicamente articulada para criar efeitos de sentido que vão de encontro à autoridade científica, a qual passa a ser questionada e até desmoralizada pelo público, mesmo após o processo de comprovação científica.

Apesar de ser uma expressão relativamente nova, desde os anos 1990, a desconstrução dos fatos por meio das *fake news* é utilizada, no entanto, o conceito de “pós-verdade” vem sendo construído pela literatura científica especializada, tornando-se acessível ao público leigo com essa denominação por volta de 2018, o que a torna um vasto campo para exploração acadêmica.

Consideramos, então, nesse sentido a relevância do problema pesquisado como uma possibilidade de contribuir para a conscientização e, quiçá, para a elucidação sobre o quanto a pós-verdade e as *fakes news*, no âmbito do movimento antivacina, operam contra a saúde pública e podem levar a consequências desastrosas, seguindo na contramão da preservação da saúde e até mesmo da vida.

Cabe dizer que a pretensão deste estudo não foi instalar mais uma verdade, e sim, contribuir com elementos que colaboram para uma reflexão sobre as atuais políticas públicas

e socioeducacionais de modo a despertar a população sobre a gravidade de uma notícia falsa, sobretudo no âmbito da saúde.

Assim, o interesse pela pesquisa se justificou na medida em que compreendeu como a credibilidade das pesquisas científicas que resultam nas vacinas oferecidas pelo Ministério da Saúde é afetada pelo modo como as fakes *news* e os conteúdos midiáticos compartilhados por grupos antivacina contestam a verdade científica e desqualificam a autoridade governamental semeando desconfiança e incredulidade em seus discursos.

Nessa perspectiva, adotamos como objetivo geral da presente pesquisa: analisar como o discurso do movimento antivacina se constrói e se propaga nas redes sociais. Quanto aos objetivos específicos, buscamos: 1) identificar quais são as estratégias discursivas presentes no movimento antivacina no Brasil no contexto das redes sociais, 2) comparar esse discurso antivacina com o discurso oficial do Ministério da Saúde, divulgado por meio das notícias no site oficial e nas redes sociais, para compreender se há uma busca através do *fact-checking* no intuito de conscientizar sobre as notícias falsas veiculadas pelo movimento antivacina, divulgado em grupos específicos do Facebook e no Youtube.

Assim, para o desenvolvimento do tema proposto, o percurso metodológico envolveu a pesquisa de cunho bibliográfico, de abordagem qualitativa, a qual, segundo Luna (1999) trata de uma revisão dos principais trabalhos científicos realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. Para Gil (2002), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de esta permitir ao investigador uma ampla cobertura de fenômenos. E no caso deste trabalho, a pesquisa bibliográfica foi relevante tendo em vista a complexidade do tema, o qual, nos limites propostos desse exercício de pesquisa, buscou elementos para alcançar os objetivos indicados, visando, se não responder, ao menos lançar uma possibilidade de leitura sobre o fenômeno da pós-verdade no contexto do movimento antivacina no Brasil.

Dessa forma, para responder ao problema que enseja esta pesquisa, o estudo foi organizado em três capítulos, sendo que o primeiro tratou da revisão de literaturas específicas que trazem os conceitos de verdade, em Michel Foucault, de discurso das mídias, de Patrick Charaudeau, de espetáculo, em Guy Debord e de Pós-verdade a partir de Pollyana Ferrari e Lúcia Santaella, além de outros autores que dialogam com os pressupostos epistemológicos apontados para esse estudo. Além dos conceitos privilegiados para essa pesquisa, as literaturas ancoraram-se nas discussões acerca do Movimento Antivacina e do Ministério da Saúde, que foram aprofundadas no capítulo três, após apresentação e aplicação dos conceitos.

Quanto ao capítulo dois, este se concentrou no desenvolvimento e aprofundamento dos conceitos elencados, os quais, por meio da metodologia procedimental, subsidiaram o corpus desta pesquisa a partir da análise de fragmentos extraídos dos textos e dados coletados em um grupo antivacina existente no Facebook e em publicações por meio de palavras chaves no Youtube.

Sobre o terceiro capítulo, apresentamos uma análise comparativa entre o discurso do Movimento Antivacina e o oficial, divulgado pelo Ministério da Saúde, buscando compreender e refletir sobre o papel institucional da pasta em combater as notícias falsas e levar informações cientificamente comprovadas ao público em geral.

Finalmente, em considerações finais, retomamos os objetivos e o problema desta pesquisa buscando esclarecer como os elementos encontrados durante as análises dos capítulos 2 e 3 corroboram ou não à hipótese descrita no início deste estudo.

## CAPÍTULO I - PÓS-VERDADE E A EPIDEMIA DA (DES) INFORMAÇÃO: A AFONIA<sup>2</sup> DA VERDADE

*“A verdade pode ser enigmática. Pode dar algum trabalho agarrá-la. Ela pode ser contraintuitiva. Ela pode contradizer preconceitos profundamente arraigados. Ela pode não ser consoante com aquilo que desesperadamente queremos que seja verdade. Mas as nossas preferências não determinam o que é verdade” (Carl Sagan, 1994).*

Para discutir a pós-verdade, é importante falar sobre o conceito de verdade, o qual tem gerado diversas discussões ao longo dos séculos, e que, nos limites deste capítulo 1, apresentaremos amparados pelo viés dos estudos do filósofo francês Michel Foucault, autor que dialoga com essa proposta de pesquisa. Conforme Foucault (1986), a verdade não existe sem o poder, ela está ligada aos discursos que a sociedade acolhe como verdadeiros. É nesse sentido que o filósofo critica a forma como a verdade está submetida ao poder da ciência, da política e da economia.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1986, p. 11).

Desta forma para o filósofo francês, a verdade está centrada no discurso científico e em instituições que a produzem sob a égide de um controle dominante de acordo com interesses próprios como, por exemplo, os meios de comunicação, as universidades, o governo etc.

Há um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade" – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder"; entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha (FOUCAULT, 1988, p. 13).

---

<sup>2</sup> Na medicina a afonia é o estado de perda da voz de forma parcial ou total do indivíduo por diversas consequências (razões). Ao discutir voz no contexto da pós-verdade, este capítulo toma emprestado o termo da medicina buscando ressaltar a alusão de que a verdade tem perdido a voz no seu sentido social dando espaço às mentiras disseminadas como verdades (Nota da autora).

Nesse sentido, Foucault não se preocupa em definir o que é verdade e sim, em apresentar os procedimentos que podem ser julgados para tornar algo válido ou não na sociedade; são os chamados “jogos de verdade”, que para ele é uma forma em que individual ou coletivamente se tem a produção de verdade.

Há jogos de verdade nos quais a verdade é uma construção e outros em que ela não o é. É possível haver, por exemplo, um jogo de verdade que consiste em descrever as coisas dessa ou daquela maneira: aquele que faz uma descrição antropológica de uma sociedade não faz uma construção, mas uma descrição que tem por sua vez, um certo número de regras, historicamente mutantes, de forma que é possível dizer, até certo ponto, que se trata de uma construção em relação a uma outra descrição. Isso não significa que não se está diante de nada que tudo é fruto da cabeça de alguém (FOUCAULT, 2004, p. 12).

Os regimes de verdade podem ser exemplificados com o consenso de comunidades em tempos atuais, dentre os iguais se encontram os movimentos antivacina, a terra é plana e tantos outros, onde o discurso que circula são o que aqueles sujeitos tomam por verdadeiros, mesmo que se prove o contrário, como aponta Foucault.

Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. Portanto, regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade, ou regras de poder e poder dos discursos verdadeiros (FOUCAULT, 1986, p. 101).

Desta forma, atrelada às relações de poder, a verdade é construída e apoiada por um suporte institucional e coercitivo que submete outros discursos. Para Foucault (2010) “Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?” (FOUCAULT, 2010, p. 20).

Ao se definir como estatuto de verdade norteado por procedimentos reguladores segundo relações de poder, essa vontade de verdade, torna-se um sistema de exclusão e, assim como outros sistemas que seguem a mesma prerrogativa, se relaciona com o fato de como o saber é aplicado na sociedade, ou seja, o acesso dos sujeitos a mecanismos que poderiam ser instrumentos de transmissão de conhecimento se tornou limitado por conta de discursos de poder.

Para Santaella (2019), o filósofo “pensou a verdade como inseparável dos vários lugares em que ela se forma, relacionando sua produção com as formas de subjetivação, os domínios de objetos, discursos e poderes” (SANTAELLA, 2019, p. 87). Nesse sentido, é

fundamental compreender como o fenômeno da pós-verdade se constrói no âmbito do movimento antivacina, levando os sujeitos à desinformação.

De acordo com os pressupostos acerca da verdade na perspectiva foucaultiana, notamos que o bombardeio diário de informações somado à correria da vida cotidiana, aliena e torna o sujeito passivo, visto que, conforme diz Márcia Tiburi, “A verdade é o palatável. E o palatável é o suportado. A verdade depende de algum modo, de nosso gosto” (TIBURI, 2017, p.100). Assim temos, por exemplo, a manipulação das opiniões dos sujeitos, como descrito por KAKUTANI (2018) durante as eleições americanas de 2016, o que reitera a relação entre desejo e poder apontados por Foucault.

A própria negação da ciência, questionada em diversos aspectos, até mesmo em campanhas contra fatos históricos comprovados, nos leva a pensar sobre como cada sujeito não tem o poder de escolha da sua verdade e sua mentira, sendo dessa forma, manipulado, sobretudo ao ter acesso à rede mundial de computadores como forma de busca para os mais variados assuntos. “Na era da pós-verdade, mesmo o mais erudito se volta, por reflexo, para a internet como o seu primeiro porto de escala na busca de informação instantânea” (D’ANCONA 2018, p. 78).

Um aspecto relevante para compreender a pós-verdade é a questão dos meios de comunicação pelos quais ela se dissemina. Em se tratando de Brasil, ele é o 4º país em número de usuários de internet, segundo relatório de economia digital da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), divulgado em 2017. Com 120 milhões de pessoas conectadas, o país ficava atrás apenas dos Estados Unidos (242 milhões), da Índia (333 milhões) e da China (705 milhões). A internet, que nasceu na década de 1960 como a rede militar ARPANET (Rede da Agência para Projetos de Pesquisa Avançada) e alcançou as diversas camadas da população, conta na atualidade com 3,9 bilhões de usuários no mundo, número que cresce a cada dia.

A senha para compreender o avanço da internet rumo a uma posição de interferência no rumo dos jornais está em palavras como ‘velocidade’ e ‘aceleração’. A rapidez com que a grande rede vem crescendo e se desenvolvendo impressiona. Em 1992, a internet estava baseada em sites pessoais; em 1994, surgiram as primeiras lojas virtuais de livros; entre 1994 e 1995, os jornais descobriram a WWW; em 1997, as empresas *pontocom* entraram no mercado de ações (CARREIRO, 2003, p. 119).

O processo de comunicação foi facilitado pela internet e o ser notado e visto, termo muito usado pelo marketing nunca foi tão atual.

Com a facilidade de replicação de informação pela rede, a conexão entre procura e oferta é encurtada. A visualização, porém, não é contemplada com a abstenção de filtros e ressalvas por parte do observador-captador dos dados. É uma construção social, uma interlocução que, por mais que esteja focada localmente, encontra-se imbuída em signos culturalmente difundidos, alimentados em cadeia coletiva, difundidos em escala global (HALLAGE, 2018, p. 211).

De acordo com o filósofo contemporâneo Pierre Lévy (1999), a democratização da informação foi uma importante conquista do século XX, quando as inovações digitais possibilitaram a expansão midiática das notícias e das novas estratégias para a formação de opinião e de relações sociais.

Chamadas pelo autor de cibercultura, essas inovações definem-se como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17).

Atualmente no Brasil, 70% da população, ou seja, 126,9 milhões de pessoas estão conectadas à internet, conforme uma pesquisa divulgada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), em agosto de 2019. Essas pessoas trocam entre si textos, figuras, fotos, vídeos de forma cada vez mais veloz.

Enquanto meio, ou suporte, a Internet não é propriamente um mass media, pois, se por um lado permite a veiculação massiva de informação, por outro também permite ao receptor ser simultaneamente emissor, permite a comunicação interpessoal, a interactividade, a selecção, a escolha de um caminho de navegação, etc. (SOUZA 2008, p. 239).

Há de se levar em conta, no entanto, o fato de que a internet é um campo comunicacional rápido e ambivalente, que pode levar a uma noção de interatividade, quando se utiliza da lógica de poder para instalar a pós-verdade, a qual tem a ver com a questão de escolha de caminho, conforme apontou Souza acima.

Retomando Lévy (1999), a internet permite acesso a vários meios de comunicação a partir da interconexão através da vinculação nas comunidades virtuais, cujas mensagens se renovam constantemente, seja em termos de estrutura (figurinhas, memes etc.) seja pela mídia acessada (Whatsapp, Facebook, Youtube, Instagram etc.) e nesse contexto, as palavras utilizadas pelos internautas assumem diferentes sentidos, tendo em vista o fato de que a linguagem não é exclusiva, nem asséptica.

Observa-se que a linguagem no ambiente virtual corrobora Santaella (2019), segundo a qual “Nenhuma comunicação entre indivíduos pode se livrar da vagueza, pois estamos destinados a interpretar e a interpretação sempre envolve nossos desejos e seus conflitos”

(SANTAELLA, 2019, p. 68). Essa vagueza das mensagens é a forma como os fatos nos são relatados pela mediação da linguagem. Para a autora, a linguagem possui um ardis (SANTAELLA, 2020), ela não é o fato, por isso, ela se torna imprecisa. Assim, as frases e enunciados podem levar às várias interpretações condizentes com as crenças e preconceitos individuais que são expressos e circulam nas comunidades virtuais formadas de acordo com os interesses de seus membros.

Nessas comunidades virtuais, nas quais os sujeitos se relacionam simultaneamente e de formas diferentes, já é possível mostrar a localização em tempo real no GPS do aplicativo, observar por satélite o lugar a que se deseja ir; acompanhar por câmeras a rodovia antes de sair de viagem, saber como ficaria um corte de cabelo em seu rosto, ou seja, as possibilidades são infinitas na web.

Hoje a rede alberga e sustenta cibercomunidades, com códigos e cultura próprias, permite várias funcionalidades, algumas mais desinteressadas, como a troca de ficheiros, outras mais interessadas, como o comércio on-line, potenciam a comunicação interactiva, funciona como uma gigantesca biblioteca, videoteca e audioteca global (“três em um”), funciona como “páginas amarelas”, etc. Para já, a Internet ainda está numa fase “inicial” de desenvolvimento, pelo que ninguém pode prever com segurança a sua evolução e seu impacto futuro (SOUZA 2008, p. 244 e 245).

Assim como cresce a interação e o acesso à informação, avança também a dúvida sobre o que é compartilhado em rede, visto que frequentemente erige-se um discurso por vezes ambíguo, por vezes ambivalente, que acaba gerando incertezas em diversas áreas, e é em meio a essa intercomunicação que reside a pós-verdade.

Nos últimos anos observamos a ascensão deste termo, a *post-truth*, traduzida para o português como "pós-verdade" e eleita em 2016, pelo dicionário britânico Oxford como a palavra do ano. Segundo a definição dessa publicação, a pós-verdade é um adjetivo relacionado ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal.

Ainda de acordo com o dicionário, houve um aumento de frequência de uso do termo naquele ano, fato atribuído às eleições do quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2016, e ao plebiscito de saída do Reino Unido da União Europeia que ficou conhecido como Brexit.

Em 2004, o escritor contemporâneo Ralph Keyes antecipou a tendência social da pós-verdade em seu livro intitulado *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in*



*Contemporary Life*<sup>3</sup>. Na obra, o autor relata que a mentira sempre existiu em todas as sociedades, e suas reflexões levam o leitor a se perguntar se a mentira é facilitada em uma sociedade para justificar ações. Para Keyes, na era da pós-verdade sentimentos como culpa, vergonha e constrangimento são dissimulados, culminando em uma mentira criada para ser uma versão melhorada da verdade dos fatos.

Mesmo embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras têm geralmente sido contadas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um bocado de culpa, um pouco de vergonha, e, pelo menos, alguma timidez. Agora, pessoas inteligentes que somos, apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular a culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. Vivemos em uma era da pós-verdade (KEYES, 2018, p. 20).

Na mesma direção de Keyes, o jornalista Matthew D’Ancona (2018) lembra que a mentira é parte integrante da política desde as primeiras organizações da sociedade. O autor considera que “as manipulações e as falsidades políticas enfaticamente não são o mesmo que a pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso” (D’ANCONA, 2018, p. 34). Ao narrar dessa forma, D’Ancona esclarece que a mentira dos políticos se tornou banal para os sujeitos que se acostumaram e se tornam coniventes com a ideia de que política e as mentiras andam juntas.

Exemplos mais prosaicos são recorrentes na sociedade. Ao mentir em uma entrevista de emprego, ao manipular uma foto que será publicada, ou mostrar uma vida perfeita na qual não se vive, manipula-se a verdade que não passa de uma mentira disfarçada de verdade, algo tornado comum em uma população conectada.

Na era da pós-verdade, não temos apenas verdade e mentira, mas uma terceira categoria de informações ambíguas que não são exatamente a verdade, mas tampouco são uma mentira. Pode ser chamada de verdade melhorada. Neoverdade. Verdade suave. Verdade artificial. Verdade light (KEYES, 2018, p. 22).

Ressaltamos que o termo pós-verdade possui uma preposição, o significado de “pós” que na língua portuguesa é “depois de”, “em seguida a”, “atrás de”, mas que pode assumir diferentes interpretações. Afinal, o que poderia vir depois da verdade? De acordo com o Dicionário Oxford, o “pós” tanto se refere a uma situação ou a um evento específico, como

---

<sup>3</sup> Conforme Keyes (2018, p.20), apesar de ser um dos conhecidos autores usar o termo Pós-verdade na literatura, a atribuição de sua origem é para Steve Tesich como mencionado anteriormente (vide página 01).

denotam os termos *pós-guerra* e *pós-combate*. A respeito desse prefixo, a filósofa Márcia Tiburi vai dizer que:

Desde a invenção desse prefixo – que o pós-moderno, na moda por muito tempo, ajudou a fixar-, não cessam de aparecer eventos e situações que sugerem uma ultrapassagem, até mesmo o abandono de um espaço – tempo, com a criação de um outro, de uma nova experiência, que em tudo parece ter demonstrado o que nos era dado como conhecido (TIBURI, 2017, p. 97).

Assim também faz Santaella (2019) ao esclarecer que há uma ambiguidade, com teor inclusive político, em torno do prefixo “pós” desde os debates sobre pós-moderno e a pós-modernidade e que com o tempo assumiu também a conotação de algo irrelevante ou menos importante, como mostram as formações *pós-nacional* (1945) e *pós-racial* (1971).

Assim, no sentido expandido, o prefixo “pós” não significa apenas “depois de um evento ou situação específica” como, por exemplo, na expressão “pós-guerra”, mas também implica “um tempo em que um conceito se tornou irrelevante ou sem importância”, como foi o caso de pós-nacional, em 1945 (SANTAELLA, 2019, p. 49).

Dessa forma, notamos que alguns autores contemporâneos utilizam os termos pós-moderno e pós-modernismo para explicar o surgimento de outros movimentos como a pós-verdade.

È o caso de Kakutani (2018, p. 65) segundo a qual, “o pós-modernismo não apenas rejeitou todas as metanarrativas, como também enfatizou a instabilidade da linguagem”.

A esse respeito, KEYES (2018, p. 146) diz que “mesmo que essas perspectivas pós-modernas levantem questões filosóficas importantes acerca da natureza da verdade, o que é primordialmente relevante para o discurso intelectual nem sempre serve para a vida cotidiana”. Ao questionar a verdade, o pós-modernismo trouxe o relativismo que impactou diversas áreas como a jurídica, a política, a ciência e até mesmo a religião.

Isso porque ao julgar a verdade como parcial, com vários ângulos e lados, o pós-modernismo abriu as portas para dúvidas e incertezas.

O argumento pós-moderno de que todas as verdades são parciais (e dependem da perspectiva de uma pessoa) levou ao argumento de que existem diversas maneiras legítimas de entender ou representar um acontecimento. Isso tanto encorajou um discurso mais igualitário quanto possibilitou que vozes dos outrora excluídos fossem ouvidas. Mas também foi explorado por aqueles que quiseram defender teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas (KAKUTANI, 2018, p. 87).

Dessa forma, como explica a autora, houve o questionamento da teoria da evolução proposta por Charles Darwin em seu livro *A Origem das Espécies*, de 1859, considerada um dos pilares da ciência moderna. A parcialidade da verdade da teoria moderna também fez com que negacionistas climáticos, os adeptos do movimento antivacina e de outros grupos anticiência, disseminem levemente expressões para confundir o público, desacreditar a ciência e atender a interesses políticos, econômicos e religiosos.

Quando se questiona visões comprovadas cientificamente, uma das consequências é o rompimento do sentido de pertencimento e de confiança que rege a sociedade, podendo levar a movimentos extremos.

Quebram-se, assim, para as pessoas as instituições tradicionais não apenas de transmissão de informação, mas também aquelas responsáveis pela divulgação do conhecimento. Isso tem levado, por exemplo, ao extremo da descrença na crise climática e até a aberrações lastimáveis como o da terra plana de que resultam crenças parcialmente verdadeiras, majoritariamente falsas até redondamente falsas (SANTAELLA, 2019, p. 52).

O pós-modernismo surgiu após a segunda guerra mundial e se consolidou na vida em sociedade principalmente devido às novas concepções do espaço e do tempo que juntamente com o advento da tecnologia e das comunicações de massa tornaram relações dos sujeitos mais fluídas, voláteis e alienadas. “O tempo é alienação necessária, como demonstrava Hegel, o meio em que o sujeito se realiza ao se perder, tornando-se outro para tornar-se a verdade de si mesmo” (DEBORD, 1997, p.109). Tal construção mostra como a imagem pode alimentar o consumismo e manipular a vida real, como se observa nas mensagens veiculadas nas mídias sociais.

Em “Condição pós-moderna”, o autor David Harvey (2008), aponta que é possível identificar a ligação entre a imagem, a alienação e o consumismo de forma clara ao se deparar com o papel do “simulacro” no pós-modernismo. Para o autor, o simulacro é um estado de réplica tão próxima à perfeição que se torna difícil separar o original da cópia e é nesse sentido que há, então, a construção da realidade de uma imagem extremamente fiel à original que promove a alienação prática comum na pós-verdade, onde a verdade pode ser manipulada para se tornar uma mentira e vice-versa.

Com as técnicas modernas, a produção de imagens como simulacros é relativamente fácil. Na medida em que a identidade depende cada vez mais de imagens, as réplicas seriais e repetitivas de identidade (individuais, corporativas, institucionais e políticas) passam a ser uma possibilidade e um problema bem reais. Por certo podemos vê-las agindo no campo da política, em que os fabricantes de imagens e a

mídia assumem um papel mais poderoso na moldagem de identidades políticas (HARVEY, 2008, p. 261).

O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard (2005) também discute o fenômeno do simulacro. Segundo ele, trata-se da imagem gerada a partir de uma reflexão da realidade nas sociedades de comunicação e de informação e, nesse sentido, concorda com Harvey.

Baudrillard (2005) assevera que a vida social foi transferida do espaço físico para o virtual, e assim, a realidade passou a ser sua representação imagética daquilo que vivemos ao que ele chamou de “hiper-real”. É o que observamos ao conectarmos as redes sociais; o postado, comentado, curtido é o que cultua o ego, a vida virtual parece perfeita, porém ela é construída por mentiras e essas mentiras se transformaram em pós-verdades, amparadas pelas *fake news*, e uma série de outros elementos.

A questão do simulacro da realidade também foi retratada pelo historiador político Daniel J. Boorstin em *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America de 1962*. Na obra (apud KAKUTANI, 2018), o autor discorre sobre o fato de os americanos acreditarem em eventos como se fossem reais, graças à manipulação da mídia. Esses pseudo-eventos são espetáculos políticos que atendem arbitrariamente aos desejos ou conveniências dos próprios políticos e da imprensa, ou seja, um processo estrategicamente preparado para levar o público à alienação.

Conforme aponta Kakutani (2018):

Boorstin escreveu em *The Image* que, da mesma maneira que as imagens estavam substituindo os ideais, a ideia de “credibilidade” estava substituindo a ideia de verdade. As pessoas estavam pouco interessadas em saber se algo era um fato, o que importava era se parecia “conveniente acreditar nele” (KAKUTANI, 2018, p. 101).

Considerando o que dizem os autores acima, observamos que as relações sociais para a construção da verdade no mundo pós-moderno se modificaram com o advento da internet, assim como a forma de relacionamento entre os sujeitos se tornou cada vez mais fluída e volátil. Desse modo, “a pós-modernidade deixou o ser humano sem referências, já que a vida líquida estimula postagens e compartilhamentos que interessam aos egos desta sociedade do consumo fechada em bolhas” (FERRARI, 2018, p. 53).

Segundo Pollyana Ferrari (2018), a pós-verdade pode ser construída até mesmo de forma involuntária pelos sujeitos ao publicar uma foto editada no perfil da rede social.

A mentira, *fake news*, não está só nas notícias exibidas na televisão, nos jornais, nos blogs ou nas redes sociais. Ela está na foto “photoshopada”, ou seja, no

rejuvenescimento milagroso feito por um software; a mentira está no check-in do restaurante descolado, feito da porta, só para dizer que esteve lá. A mentira está tomando conta de tudo (FERRARI, 2018, p. 48).

Conforme a pesquisadora, este mundo virtual proporciona entretenimento, informação e facilidades que mantêm os sujeitos reféns em comunidades conhecidas como bolhas de informação, as quais inviabilizam o reconhecimento de outra verdade que não aquela eleita pelo sujeito. Desse modo, tais bolhas sustentam preconceitos, além de impor crenças sem fundamento acerca das questões éticas, o que contribui para a manutenção da antiética do mundo da pós-verdade (FERRARI, 2018, p. 83).

Prega-se o combate aos preconceitos e o direito à igualdade e à liberdade para todos, porém, a realidade é outra no mundo virtual, onde o ter oferece mais curtidas do que o ser. “Distribuímos generosamente o direito à diferença, mas, em segredo, e desta vez de modo inexorável, trabalhamos para construir um mundo exangue e indiferenciado” (BAUDRILLARD, 2005, p. 24).

Nesse tecido social emergem os discursos propagados pelas redes sociais que potencializam pensamentos e formas de ver o mundo individual. Amparados pela falsa crença do anonimato, esses sujeitos imaginam-se imunes ao pensamento do outro; fato também ilusório, visto que o pensamento produzido segue uma lógica de aceitação ou não do outro por meio das likes, curtidas, compartilhamentos e outras manifestações, e “Dessa maneira podemos dizer que um pensamento pessoal é aquele que segue a inclinação de um pensamento coletivo” (HALBWACHS *apud* MAFFESOLI, 1988, p. 97), reiterando a não neutralidade da informação e o uso da tecnologia para a criação e disseminação do discurso da pós-verdade.

Se levarmos em conta o conceito de discurso para Michel Foucault, observamos em a “*Arqueologia do Saber*” (2017) que todo discurso manifesta algo que já foi dito, é o sabido e o repetido dentro de um contexto histórico. Em sua obra anterior “*As palavras e as coisas*”, Foucault (2016) aponta que:

São “convenientes” as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra. Desse modo, comunica-se o movimento, comunicam-se as influências e as paixões, e também as propriedades. De sorte que, nessa articulação das coisas, aparece uma semelhança (FOUCAULT, 2016, p. 24).

Esse pensamento reflete como a repetição das mesmas coisas no âmbito da pós-verdade, se formulam sem trazer argumentos plausíveis, ou seja, o acreditar se dá de forma

unilateral, não há um discurso entre sujeito e objeto, apenas uma falsa afirmação, convicta e tendenciosa.

A pós-verdade é egoísta e só enxerga seu próprio lado, mesmo que tentem lhe provar o contrário, os discursos radicais e repletos de ódio têm aí seu lugar.

Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões (KAKUTANI, 2018, p. 12).

A internet, onde é possível encontrar todo o tipo de informação que se deseja, transformou os homens em especialistas de tudo e de nada ao mesmo tempo:

Estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido (...) A informação é diretamente destruidora ou neutralizadora do sentido e do significado. A perda do sentido está diretamente ligada à ação dissolvente, dissuasiva, da informação, dos *media* e dos *mass media* (BAUDRILLARD, 1981, p. 103 e 104).

As redes sociais, sobretudo, sustentam as ideologias individuais e a de grupos constituídos a partir de uma mesma ideologia e das opiniões dos sujeitos sobre política, saúde, religião e os julgamentos, antes mesmo de conhecer os fatos. Deste modo, torna-se evidente a ideia de verdade digital, do dizer sem provar, como explica Márcia Tiburi (2017):

O dogma que une todos em torno de Facebooks, Twitters e Instagrams, redes sociais que mudam de tempos em tempos numa avalanche de tecnologias descartáveis, sustenta-se como verdade ou como o que é considerado verdadeiro porque foi dito e apenas por isso (TIBURI 2017, p. 114).

O julgamento individual da pós-verdade limita o pensamento crítico, o questionamento do que ocorre na vida em sociedade, as pessoas acreditam na mentira e aceitam passivamente suas implicações como parte de seu cotidiano como meras marionetes. “Com essa adoção da subjetividade veio também uma diminuição da verdade objetiva: a glorificação da opinião acima do conhecimento, das emoções acima dos fatos” (KAKUTANI, 2018, p. 75).

Assim, as redes sociais como o Youtube e o Facebook deram aos ativistas da anticiência um novo suporte fazendo com que “as crenças mais estranhas e regressivas adquiriram uma espécie de backing vocal garantido” (DUNKER, 2017, p. 18).

Tal *backing vocal* encontra eco também no espetáculo proposto pelo filósofo Guy Debord na década de 1960, quando ele apontou que vivíamos em uma sociedade moldada pelo espetáculo e pela alienação que marcava a hierarquização das classes. Considerando a perspectiva deste filósofo, podemos dizer então que nos tornamos imagens-objetos de um espetáculo, visto que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela não é (DEBORD, 1997, p. 18).

O mundo virtual se tornou a inversão do real, isso é observado, por exemplo, ao seguirmos algumas pessoas conhecidas como digital *influencers*<sup>4</sup>. Essas pessoas ganham dinheiro para expor “vidas perfeitas” nas redes sociais, uma alienação que alimenta o imaginário de seus seguidores. A respeito dessa inversão de valores, Debord (1997) salienta:

No mundo *realmente invertido*, a verdade é um momento do que é falso. O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social - como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a *negação* visível da vida; como *negação* da vida que *se tornou visível* (DEBORD, 1997, p. 16).

As mídias têm o poder de subverter a realidade e a verdade dos fatos transformando-os em um espetáculo que se torna real para o público, que tira suas próprias conclusões, muitas vezes equivocadas.

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2012, p. 39).

---

<sup>4</sup> Sujeito capaz de influenciar a maneira como as outras pessoas se comportam através de mídias sociais, como YouTube, Facebook, Instagram e Twitter. Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/influencer>

Desta forma, os sujeitos, vistos como meros objetos de um mecanismo de desinformação e, nesse contexto, de alienação em função do espetáculo produzido pela mídia, relacionam-se apenas com o que lhes são iguais conforme aponta Ferrari (2018):

convivemos com quem é igual a nós nas *timelines*: tem o mesmo corte de cabelo, ouve o mesmo estilo de música, gosta dos mesmos seriados da Netflix, frequenta a mesma hamburgueria, tem gatos ou cachorros, ou é da bolha contra bichos. Enfim, tudo pasteurizado e “fofo” (FERRARI, 2018, p. 54).

Essas bolhas aumentam o poder de disseminação de notícias falsas. “A rigor, as bolhas não são as causadoras diretas das NFs<sup>5</sup>. Elas as incubam e ajudam no seu processo de propagação” (SANTAELLA, 2019, p.37)

Para o psicanalista Christian Dunker, isso se concretiza pelo fato de que um dos traços da pós-verdade é que sua retórica é icônica, persuasiva e não leva ao questionamento se é verdade ou não, fato ampliado pela vida cotidiana agitada e sem tempo.

Cada vez mais lemos a mensagem que o outro nos envia em pacotes de informação, compostos por imagens e textos, que se apresentam como um “todo de uma vez”. Isso degrada a narrativa da viagem a um percurso sem memória. A resposta antecipada para uma determinada imagem coordena nossos códigos de comunicação e de produção de desejo, de tal forma que é preciso rapidamente acolher ou descartar, inibir ou estimular o processo de comunicação com o outro (DUNKER, 2017, p. 29).

O espetáculo alienante faz parte da cultura do “eu”, como mostram as selfies, as fotos editadas, os *youtubers* e digital influencers que alimentam as redes sociais com postagens de restaurantes caros, roupas de grife, baladas extravagantes, viagens luxuosas e outras fantasias criadas para satisfazer os desejos mais egocêntricos, levando a uma falsa noção de realidade que se apresenta democraticamente acessível a todos.

É pertinente retomar a questão do ciberespaço, de Pierre Levy para observar o quanto este se consolida como um espaço do simulacro e das personas, isto é, das pessoas que adotam a cultura do eu potencializada pela tecnologia, o que caracteriza esse espaço aberto e movente no qual transitam e migram culturas, ideologias etc.

O desejo de obter a atenção alheia promovendo o espetáculo de si mesmo foi nomeado de autopavoneamento pelo professor Tim Wu (2016) *apud* Kakutani (2018, p.75). O termo é sugestivo já que o pavão é uma ave que possui uma cauda longa e colorida que se

---

<sup>5</sup> Abreviação de “Notícias Falsas” conforme utilizado por Santaella (2019, p. 37).



abre como um leque durante o ritual de acasalamento onde os machos se exibem para as fêmeas. O espetáculo de si é o culto do outro.

Se atualmente a sociedade está imersa no espetáculo do autopavoneamento, observamos uma degradação da vida social, a transformação do “ser” para o “ter”, que se tornou o “parecer”.

A vedete do espetáculo, a representação espetacular do homem vivo, ao concentrar em si a imagem de um papel possível, concentra, pois, essa banalidade. A condição de vedete é a especialização do vivido aparente, o objeto de identificação com a vida aparente sem profundidade, que deve compensar o estilhaçamento das especializações produtivas de fato vividas (DEBORD, 1997, p. 40).

Notamos a rapidez e a fragilidade dos laços sociais nas postagens do ambiente virtual o que, para o sociólogo Zygmunt Bauman significa o efêmero, ou seja, “a modernidade “fluída” não tem função para a duração eterna, o “curto prazo” substituiu o longo prazo e fez da instantaneidade seu ideal último” (BAUMAN 2001, p. 112). Proliferam-se a rapidez e o fugaz, fazendo sobressair o mais do mesmo com pequenas modificações.

Outros críticos da mídia alertam para o fato de que a verdade da realidade que buscamos é transformada o tempo todo, os homens são reféns da tecnologia como retratado na produção cinematográfica *Matrix* (1999)<sup>6</sup>, onde a humanidade é controlada por máquinas e vive entorpecida em um sono eterno, algo não tão ficcional como podemos imaginar, já que, conforme Baudrillard (2005) “A potência do “virtual” nada mais é do que virtual. Por isso, aliás, pode intensificar-se de maneira alucinante e, sempre mais longe do mundo dito “real”, perder ela mesma todo princípio de realidade” (BAUDRILLARD, 2005, p. 20).

Se a sociedade se mostra refém das tecnologias digitais, é necessária uma ferramenta que atue para a conscientização das massas, como propõe Walter Benjamin em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, publicado em 1955. Para o filósofo alemão, a partir do momento em que a obra de arte perdesse a aura, poderia alcançar as massas conscientizando-as de seu papel na sociedade. Benjamin se referiu naquele momento histórico, à fotografia e ao cinema, duas instâncias com significativo poder de expansão e, a seu ver, capazes de transformar a sociedade.

O olhar de Benjamin sobre a técnica de reprodução dialoga com o papel da mídia de informação<sup>7</sup>, considerando seu poder de alcance, de velocidade e de impacto sobre a

<sup>6</sup> Filme de ficção científica dirigido por Lana Wachowski e Lilly Wachowski.

<sup>7</sup> Em *Discurso das Mídias*, Patrick Charaudeau se refere a mídias de informação como os “suportes tecnológicos que têm papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público: imprensa, rádio e televisão” (CHARAUDEAU, 2012, p. 21).

população. É fato que tal mídia impacta diretamente a construção da opinião pública, todavia, é importante dizer que há um lado obscuro definido a partir dos interesses econômicos e ideológicos dos detentores dos meios de comunicação.

Como diz o pesquisador brasileiro Nilson Lage, a informação deixou de ser apenas ou principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação para tornar-se essencial à vida das pessoas. E o âmbito da informação necessária ampliou-se muito além da capacidade individual de acesso do homem comum a outras fontes (FERRARI, 2018, p. 67).

Para informar o cidadão sobre o que ocorre no mundo à sua volta, a mídia utiliza de algumas estratégias, conhecidas como critérios de noticiabilidade ou de valores-notícia, conforme explica o jornalista Nelson Traquina (2008), “podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Dessa forma, segundo o autor, os critérios de valores-notícia determinam se um assunto é ou não, apto para ser tornar uma notícia. Entre os fatores que tornam um acontecimento uma notícia, podemos listar baseado em Traquina (2008), os critérios de: notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, conflito ou a controvérsia e a infração<sup>8</sup> que é o ato de infringir a lei com violência trazido também como valor notícia pelo autor.

Baseando-nos nas *fake news*, por exemplo, é possível entender melhor esses critérios uma vez que as notícias falsas sobre celebridades e políticos são facilmente encontradas na internet, assim como aquelas que envolvem temas atuais como, por exemplo, as de política durante um pleito eleitoral ou as de curas milagrosas quando surgem doenças etc.

Charaudeau (2012) afirma que são duas as formas como o cidadão pode ser informado pela mídia por meio da visada de informação, uma delas é através da descrição-narração dos fatos do mundo e a outra é pela explicação como forma de esclarecer aos destinatários sobre determinado episódio. Porém, segundo Charaudeau, nestas duas maneiras diferentes, a verdade é vista como uma problemática, pois,

Tratar da verdade não é uma tarefa simples [...] O verdadeiro e o falso como noções remetendo a uma realidade ontológica não pertencem a uma problemática linguística. Entretanto, acham-se no domínio linguístico noções como as de significar o verdadeiro ou significar o falso, isto é, produzir um valor de verdadeiro

---

<sup>8</sup> Outros autores como Mário Erbolato (1991), Mauro Wolf (2003), entre outros também trazem seus conceitos sobre valores-notícia conforme suas correntes teórico-metodológicas. Neste trabalho, o de Traquina foi o privilegiado.

ou de falso por meio do discurso. A verdade, sob esse ponto de vista (de produzir um valor verdadeiro), avalia-se através de um dizer, logo, é uma questão que pode ser tratada segundo determinadas oposições: o verdadeiro seria dizer o que é exato/o falso seria inventar o que não aconteceu; o verdadeiro seria dizer a intenção oculta/o falso seria mascarar a intenção (mentira ou segredo); enfim, o verdadeiro seria fornecer a prova das explicações/ o falso seria fornecer explicações sem prova (CHARAUDEAU, 2012, p. 88).

Parafrazeando Charaudeau (2012), é importante ressaltar que nas mídias de informação a verdade está nas formas de reportar os fatos, já que muitas vezes cabe ao jornalista reconstituí-los de forma o mais semelhante possível, porém, por mais semelhante que seja o relato de uma testemunha, ele é apenas a visão dela sobre o que aconteceu e nunca a verdade real. Além disso, a credibilidade de uma mídia interfere diretamente no que se pretende mostrar ou narrar, é necessário que o que se diz atenda ao que é verdade para diferentes pessoas. Por isso, “Dizer o exato é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte; eis porque as mídias estão sempre em busca de transmissão direta” (CHARAUDEAU, 2012, p. 90).

Lembramo-nos desse modo, o caráter manipulador da mídia, e, em se tratando da mídia impressa cabe retomar a lógica simbólica descrita por Charaudeau (2012) que a considera como um organismo de informação estrategicamente criado para influenciar a construção da opinião pública. Para Charaudeau, as mídias estão submetidas à várias lógicas como a econômica, a tecnológica e a simbólica que seria a:

[...] maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem as suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzem sentidos. Não deixa de ser paradoxal, no final das contas, que seja essa lógica que governe as demais (CHARAUDEAU, 2012, p. 16).

Nesse sentido, o teórico resalta que a informação é uma questão de linguagem, uma visão particular do mundo (Charaudeau, 2012, p. 19), sendo assim, as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica: a econômica e a simbólica; econômica, pois é uma empresa que vende algo, nesse caso, a informação e simbólica porque participa da construção da opinião pública (Charaudeau, 2012, p. 21).

Ressaltamos que a imprensa e todo seu poder é uma instituição com fins lucrativos que exerce controle de informação às massas. Perante esse contexto, é pertinente discorrer sobre o seu papel como um elemento chave no combate à pós-verdade, por meio da apresentação de checagens e da divulgação da ciência.

Nunca tivemos um discurso anticiência tão evidente como agora; com a avalanche das *fake news*, informações falsas disseminadas pelas redes sociais através de sujeitos replicadores da informação que por vezes foi divulgada por quem deveria combater a Pós-verdade, a saber, a grande mídia. Essas notícias têm como objetivo a desinformação pública, como veremos a seguir.

### 1.1 A epidemia das Fake News

Se em 2016, a pós-verdade (*post-truth*) foi eleita como palavra internacional pelo Dicionário Oxford (*Oxford Dictionaries*), em 2017 foi a vez da *Fake News*. Considerada a palavra do ano pelo dicionário britânico Collins, o termo *Fake News* corresponde a “informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas sob o disfarce de reportagens”. A propagação de notícias falsas tem causado indisposição aos brasileiros e, conforme pesquisa do *IBOPE Conecta*<sup>1</sup> sobre o tema, 46% dos entrevistados se sentem incomodados com as *fake news*.

Embora em seu auge, a disseminação de notícias falsas é um problema retratado na história: Darnton (2017) lembra que na história da desinformação os pasquins na Itália do século XVI se transformaram em um meio para difundir notícias desagradáveis, muitas vezes falsas, a respeito de personagens públicos. O autor lembra também o surgimento do *Canard*, uma gazeta cheia de boatos que circulou em Paris no século XVII. O historiador lembra também a produção de notícias falsas, semi-falsas e verdadeiras, mas comprometedoras na Londres do século XVIII.

Em 1788, a cidade tinha 10 jornais diários, 8 que saíam três vezes por semana e 9 semanários, e as notícias que publicavam costumavam consistir em apenas um parágrafo. Os “homens do parágrafo” se inteiravam das fofocas nos cafês, escreviam algumas frases em um papel e o levavam aos impressores, que eram também editores e que normalmente o incluíam no primeiro buraco que tivessem disponível em alguma coluna da pedra litográfica. Alguns gazeteiros recebiam dinheiro pelos parágrafos; outros se conformavam em manipular a opinião pública a favor ou contra uma personalidade, uma obra de teatro ou um livro (DARNTON, 2017).

Já McGuillen (2017) diz que “as notícias falsas são eficazes porque dizem algo sobre o mundo que você, de certa forma, já conhece”. A pesquisadora investigou as notícias fabricadas na Alemanha na década de 1850; o fenômeno chegou a ganhar o nome de “carta falsa de correspondente estrangeiro”. Com o alto custo para enviar repórteres ao exterior,

escritores locais fingiam enviar seus textos de outros países como forma de enriquecer o conteúdo jornalístico de determinado jornal.

As falsas notícias são estratégias discursivas que já fazem parte da sociedade há muito tempo, e no Brasil não foi diferente, como mostra o episódio conhecido como revolta da vacina. Conforme cita Hochman (2011), a questão da obrigatoriedade da vacina contra a varíola a partir de 1837, mal interpretada pela população devido a informações equivocadas por parte da imprensa da época, levou a conflitos que resultaram em repressões e prisões.

Novamente, reiteramos o caráter manipulador da mídia, no caso, a imprensa daquele momento, corroborando a lógica simbólica descrita por Charaudeau (2012) como o organismo de informação que participa da construção da opinião pública.

Sousa *apud* Oliveira (2018, p. 6) diz que “as notícias falsas fazem apelo às emoções e às crenças coletivas e individuais”, as *fakes news* constituem, portanto, um objeto de manipulação das massas, o que remete às palavras de Guy Debord (1997, p. 176), para quem “a mentira sem contestação consumou o desaparecimento da opinião pública, que, de início, ficará incapaz de se fazer ouvir e, logo em seguida, de ao menos se formar”.

Na realidade da sociedade atual, somos bombardeados constantemente por um grande número de informações que tornam a possibilidade da disseminação de desinformação cada vez mais comum, uma vez que, ao receber mensagens em redes sociais, a leitura é considerada dinâmica, feita na velocidade de encaminhamentos facilitados por aplicativos.

As notícias procedem das mais variadas e múltiplas fontes e, muitas vezes por falta de compreensão dos modos pelos quais as redes funcionam, ou por confusão diante do acúmulo de informações, torna-se mais difícil saber se as histórias ou as notícias são confiáveis ou não. Uma vez que compartilhar é uma das regras ou dos apelos do funcionamento das redes sociais, geram-se aí as condições para a disseminação de falsas notícias e de boatos (SANTAELLA, 2019, p. 31).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados no final de 2018 mostram que 69,8% da população do país possui conexão com a rede mundial de computadores, sendo que 95,5% dos usuários enviam mensagens de texto ou de voz através de aplicativos diferentes de e-mail, como o Whatsapp.

Como apresentado, é fato que as mentiras e os boatos fazem parte da sociedade e são conhecidos há séculos, assim como é próprio do ser humano conviver com eles, no entanto, vale ressaltar que: “As notícias falsas só existem porque as pessoas precisam de notícias, verdadeiras ou não, para alimentar as próprias certezas” (FERRARI, 2018, p. 62). Nota-se que, com o advento da internet, a novidade é a forma como essas mentiras ganham, em

segundos, uma dimensão global, prova disso é a notoriedade alcançada pelas *Fake News* nas pesquisas científicas.

Em uma busca rápida por plataformas de pesquisas acadêmicas como a Biblioteca Eletrônica Científica Online - Scielo, pelo Portal de Periódicos da CAPES ou até mesmo pelo Google Acadêmico, observa-se que as publicações científicas de estudos de casos envolvendo o termo *Fake News* são recentes, surgindo com mais frequência a partir de 2017, o que coincide com a publicação de livros sobre o tema, especialmente, no Brasil.

Para Ferrari (2018), as notícias falsas são aberrações midiáticas que propagadas pela tecnologia com o uso de algoritmos e robôs (*bots*) circulam em uma velocidade assustadora e em pouco tempo viralizam para o bem ou para o mal.

Concordando com as pesquisas de Ferrari, o professor de comunicação Nilson Lage alerta para o fato de que a mentira em si é um ato premeditado, tanto por parte de quem a elabora quanto da parte de quem, de algum modo, a deseja.

A mentira é, no mundo moderno, uma estratégia como outra qualquer: não resulta de engano nem é questão de crença. É um ato deliberado, a que geralmente se apoia em desejo atribuído ao receptor<sup>9</sup>: querer algo é o primeiro passo para se acreditar que esse algo existe (LAGE, 2005, p. 49).

Para Tandoc *et al.* (2017), há duas motivações principais para a produção de notícias falsas: as motivações financeiras e as ideológicas. As financeiras são os cliques gerados em site que lucram com a produção desse tipo de conteúdo, já as ideológicas, favorecem ou não, a uma determinada pessoa, podendo construir a imagem positiva ou negativa, como o que ocorreu nas eleições dos Estados Unidos, em 2016 e, na do Brasil em 2018.

Por um lado, histórias ultrajantes e falsas se tornaram virais - precisamente porque são ultrajantes - fornecem aos produtores de conteúdo cliques que são convertidos em receita de publicidade. Por outro lado, outras notícias falsas são produzidas para promover ideias ou pessoas que se favorecem, muitas vezes desacreditando outras pessoas para isso<sup>10</sup> (ALLCOTT e GENTZKOW *apud* TANDOC *et al.*, 2017, p. 02).

As *fakes news* utilizam de termos sensacionalistas e imagens muitas vezes impactantes como forma de atrair leitores com cliques ou curtidas e, dessa forma, lucrar com

---

<sup>9</sup> Compreendemos, nesse estudo, que o receptor apontado por Lage não é um sujeito passivo e, sim, um sujeito ativo e que interage, efetivamente, com tal mentira, deixando-se levar por ela baseado em suas crenças e desejos (Nota da Autora).

<sup>10</sup> Tradução da autora. Texto original: “On one hand, outrageous and fake stories that go viral—precisely because they are outrageous - provide content producers with clicks that are convertible to advertising revenue. On the other hand, other fake news providers produce fake news to promote particular ideas or people that they favor, often by discrediting others” (Allcott and Gentzkow *apud* TANDOC *et al.*, 2017)

a publicidade, é o chamado *clickbait*. Essas *fake news* podem ser compartilhadas sem que os sujeitos se deem conta do que se trata, não se atentando ao conteúdo da mensagem recebida, e, na rapidez de um clique, até mesmo um dado verdadeiro pode se tornar falso com o emprego errado de seu conteúdo, contribuindo para essa disseminação de notícias falsas.

Como vivenciar é líquido e, no minuto seguinte, estamos vivenciando outra postagem, o tempo necessário para o cérebro verificar a veracidade do fato narrado fica prejudicado, pois, na maioria das vezes, só para citar um exemplo, os consumidores compartilham a informação apenas pelo título, sem se dar ao trabalho de ler o texto completo ou mesmo de verificar a fonte de informação (FERRARI, 2018, p. 77).

Outra forma de compartilhamento das *fake news* é através da indústria da informação como mostra o documentário indicado ao Oscar e disponível na Netflix “Privacidade Hackeada<sup>11</sup>”, o qual relata o escândalo da empresa Cambridge Analytica que manipulou dados não autorizados de milhões de usuários do Facebook na campanha presidencial norte-americana de 2016. O caso veio à tona em 2018 sendo denunciado por pessoas que participaram do esquema. A indústria das *fake news* movimenta um mercado obscuro criado exclusivamente para criar e espalhar notícias falsas com as mais diversas intenções com a facilidade do modo de compartilhamento das redes sociais.

O objetivo de postagens *fake news* é levar a população à dúvida ou a crenças infundadas, utilizando, por exemplo, informações sobre compostos que podem ser encontrados na vacina com o intuito de manipular as informações sobre suas propriedades, gerando, desse modo, incerteza ou a concepção de que tais informações são reais, o que leva à não-vacinação. Observamos também outro efeito das *fake news*: a desinformação, cujo objetivo é espalhar incertezas. “Essas campanhas de desinformação prepararam o terreno para a era da pós-verdade. Invariavelmente, seu propósito é semear dúvida, em vez de triunfar de imediato no tribunal da opinião pública (em geral, um objetivo impraticável)” (D’ANCONA, 2018, p. 49).

Alguns autores chamam a atenção para o fato de que essa constituição de mentiras conforme interesses; sejam eles: políticos, econômicos, sociais e até mesmo próprios, confere às falsas notícias seu caráter mais perturbador: o da desinformação em massa; isso explica, em parte, a preocupação que as *Fake News* vêm causando. “O verdadeiro perigo não é que não desenvolvamos o ceticismo necessário acerca de mentiras e apócrifos, mas que, uma vez que

---

<sup>11</sup> Lançado em janeiro de 2019, o documentário é dirigido por Karim Amer e Jehane Noujaim.

o façamos, descartemos informações legítimas. Esse é o impacto inevitável da mentira promíscua” (KEYES, 2018, p. 211).

Outra expressão que tem sido utilizada para designar o motivo que leva algumas pessoas a seguirem outras em termos de formação de opinião é o chamado “efeito de manada”, termo comum no mercado financeiro que no contexto das *fake news* se refere conforme (Gragnani, 2017) “à tendência das pessoas de seguirem um grande influenciador ou mesmo um determinado grupo, sem que a decisão passe, necessariamente, por uma reflexão individual”.

É importante notar, portanto, que o comportamento de manada, considerado como fenômeno associado à imitação, traz um elemento interessante no processo de tomada de decisão: as ações ou as atitudes de outros agentes podem exercer forte influência, a ponto de fazer com que um agente aja de forma contrária às suas próprias convicções (LOPAU ZULIAN *et al.*, 2012, p. 8).

Voltando à mídia que manipula e é manipulada pelos jogos de poder, a disseminação das *fake news* se torna estratégia para persuadir a população que acaba por não discernir o que seria verdadeiro e o que seria falso. Charaudeau (2012) explica que o verdadeiro e o falso remetem a uma realidade ontológica e não pertencem a um problema linguístico em si, porém é possível produzir um valor verdadeiro ou um falso por meio do discurso, ou seja, podemos dizer que o verdadeiro fornece a prova das explicações e o falso mascara a real intenção do que se quer dizer, o que é próprio das *fake news*. A partir dessas considerações, é possível mapear alguns elementos que configuram o movimento antivacina.

## 1.2 A Anticiência do Movimento Antivacina

A ciência moderna adquiriu status por volta do século XVII, quando grandes nomes como Nicolau Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650), Isaac Newton (1642-1727) romperam com o senso comum e com dogmas religiosos, à época da Inquisição, e contribuíram com grandes descobertas para que a ciência se tornasse conhecida ao longo dos séculos pelo seu caráter científico e metodológico e como fonte confiável de informações.

A Ciência possui doravante a única força moral que pode fundamentar a dignidade da personalidade humana e constituir as sociedades futuras. A Ciência domina tudo: só ela presta serviços definitivos. [...] Na verdade, tudo tem origem no conhecimento da verdade e dos métodos científicos pelos quais ele é adquirido e propagado: a



política, a arte, a vida moral dos homens, assim como sua indústria e sua vida prática (BERTHELOT *apud* CHRÉTIEN, 1994, p. 26).

O progresso científico, para o bem ou para o mal, chegou ao século XXI e a mídia massiva, assim como a ciência, se consolidou: celulares, *tablets* e computadores fazem parte de nossa sociedade; a vida virtual e o bombardeio constante de informações inviabilizam a construção de um senso crítico e é neste âmbito que se observa como essa alienação tem transformado séculos de pesquisa em pós-verdades, consideradas segundo Dunker (2017) um novo tipo de irracionalismo que tem ganhado notoriedade através da rede mundial de computadores.

Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwiniano, a relatividade da ‘hipótese’ do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais (DUNKER, 2017, p. 18).

A proliferação de movimentos conhecidos como anticiência não é recente. São movimentos que visam desacreditar pesquisas científicas mundialmente reconhecidas. Dois exemplos são o da “Terra é plana” (sociedade a terra é plana ou terraplanismo), e o movimento antivacina que contestam verdades cientificamente comprovadas pela ciência, o que não é novidade uma vez que, conforme aponta o professor e pesquisador Isaac Epstein (1998):

O ataque à ciência não é um fenômeno apenas atual e tampouco tem ou tem tido uma unidade em seu ideário ou em seu alvo. A rejeição à ciência começa com a própria ciência enquanto empreendimento racional. Às vezes, este ataque tem se confundido com o próprio ataque à razão; outras vezes, a própria razão coordena o ataque à ciência. Provêm de vários círculos culturais, alguns internos e outros externos à academia (EPSTEIN, 1998, p. 13).

Esses movimentos suscitam os discursos de ódio, medo e intolerância e são propagados na internet e, sustentados pelas redes sociais, levam a crer que se trata do pensamento da maioria da sociedade, corroborando o totalitarismo ideológico no qual se inscreve o fascismo de toda ordem.

Circulando em um espaço privado de interação, a mensagem midiática não pode explorar o contexto particular no qual o destinatário evolui, e negligência sua singularidade, seus links sociais, sua microcultura, sua situação específica em um momento dado. É este dispositivo ao mesmo tempo muito redutor e conquistador que “fabrica” o público indiferenciado das mídias de “massa”. Por vocação, as

mídias contemporâneas, ao se reduzirem à atração emocional e cognitiva mais “universal”, “totalizam”. Também é o caso, de forma muito mais violenta, da propaganda do partido único dos totalitarismos no século XX: fascismo, nazismo, stalinismo (LEVY, 1999, p. 116).

Observamos o crescimento de uma ciência falsa promovida por ativistas que negam o aquecimento global, a geometria da Terra, as leis de Newton e a prevenção de doenças por meio da imunologia. Um desses movimentos, o AntiVacina (*Anti-Vax*), surgiu na Europa no final do século XIX, juntamente com o começo da vacinação contra a varíola na Inglaterra, e ganhou força nos Estados Unidos na década de 1980.

Em 1998, um estudo fraudulento relacionando a vacina MMR ao autismo, foi publicado pelo então médico Andrew Wakefield, na revista britânica *Lancet*, uma das mais respeitadas publicações sobre Medicina do Reino Unido. A MMR é uma vacina conhecida no Brasil como a tríplice viral que protege contra o sarampo, caxumba e rubéola. Apesar de ter sido contestada por pesquisadores de vários países, a publicação causou um grande impacto na população, gerando dúvidas e discussões.

A publicação deu os holofotes necessários ao ex-médico que posteriormente se tornou um dos principais nomes do movimento antivacina. Dessa forma, retomando a questão da relação entre verdade e poder em Foucault (1986), para esse filósofo a verdade pode ser manipulada de acordo com interesses próprios, tendo em vista que,

Podemos então supor na nossa civilização e ao longo dos séculos a existência de toda uma tecnologia da verdade que foi pouco a pouco sendo desqualificada, recoberta e expulsa pela prática científica e pelo discurso filosófico. A verdade aí não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada, mas sim suscitada: produção em vez de apofântica. Ela não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégia e não método (FOUCAULT, 1986, p. 66).

A vacina atribuída por Wakefield como responsável pelo aumento de casos de autismo no mundo corrobora o poder das estratégias discursivas na construção da verdade e, nesse caso, o autismo se tornou uma das principais bandeiras do movimento antivacina. Outros mitos como o de contrair o vírus da gripe ao se vacinar contra a H1N1 no Brasil, a tentativa de esterilização de crianças muçulmanas que o Talibã atribui às vacinas contra a poliomielite, as alegações de que as vacinas contra o tétano são ligadas às pílulas anticoncepcionais no Quênia e na Nigéria como descrito por Boddice (2016, p.71) também reforçam o poder manipulador dessas verdades construídas à margem da ciência.

Os ativistas da vacina, como são chamados, se organizam principalmente por meio de comunidades em redes sociais como o Facebook, para divulgar informações e fotos em sites

que geram comentários e dúvidas não só aos membros da comunidade Facebook, como também àqueles que tomam conhecimento de tais notícias viralizadas por outras redes sociais. Em 2019, o movimento antivacinação foi incluído pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em seu relatório sobre os dez maiores riscos à saúde global. Já uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) divulgada em novembro de 2019 mostra que sete em cada dez brasileiros acreditam em *fake news* sobre vacinas.

Para Davies, Chapman e Leask (2002), ao buscar informações sobre a imunização de seus filhos, muitos pais encontrarão uma variedade de materiais antivacinação convincentes na web, e isso tem causado grande preocupação das autoridades de saúde pública. Os pesquisadores examinaram o conteúdo de 100 sites de antivacinação encontrados no Google, usando palavras-chave como “vacinação” e “imunização”. Os resultados mostraram que 43% dos sites que apareceram eram antivacinação, sendo inclusive, os 10 primeiros sugeridos pelo Google em uma consulta.

Conforme apontam as pesquisadoras americanas Shelb e Ernst (2013), a cada curta, o conteúdo dessas páginas antivacina é endossado por um sujeito, depois enviado para sua rede de amigos no Facebook.

Tal fato é corroborado por Dunker (2017, p. 18) segundo o qual, “uma nova expressão cognitiva acende com um novo tipo de irracionalismo”, trazendo à tona teorias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, como no caso das redes sociais.

Notamos o quanto essas comunidades anti-ciência se transformam em ambientes de disseminação de pós-verdades, pois ganham voz e vez nas mídias sociais e, por meio destas, propagam seus ideais e crenças infundadas, indo ao encontro do que afirma Lévy (1999):

Ao dar visibilidade a estes grupos de discussão, que são feitos e desfeitos o tempo todo, o ciberespaço torna-se uma forma de contatar pessoas não mais em função de seu nome ou de sua posição geográfica, mas a partir de seus centros de interesses. É como se as pessoas que participam das conferências eletrônicas adquirissem um endereço no espaço móvel dos temas de debates e dos objetos de conhecimento (LÉVY, 1999, p. 100).

Nesses grupos descritos por Pierre Lévy (1999), os discursos, muitas vezes repetitivos, como os do movimento antivacina, sustentam crenças infundadas em termos de pesquisa científica, credibilidade e ética.

Sobre a questão da ética, a filósofa Márcia Tiburi assevera que “parece evidente que a era da pós-verdade é a época em que nenhuma ética é mais possível” (TIBURI, 2017, p. 112). A autora lembra que de tempos em tempos a palavra ética desaparece de nosso dia a dia,

sobretudo quando a perspectiva moral está em baixa, e que, atualmente, observa-se que as subjetividades são produzidas em massa; em outras palavras lembramos aqui dos movimentos que contestam a ciência, divulgados especialmente por meio das redes sociais que propagam informações de fontes diversas não comprovadas cientificamente.

Enganação de qualquer tipo pode ter consequências inesperadas. A dissimulação em uma área ricocheteia em outras. Os cientistas que falsificam descobertas não apenas desvalorizam a moeda da pesquisa em seu próprio campo, mas enfraquecem a confiança nos médicos que baseiam as decisões de tratamento nessa pesquisa (KEYES, 2018, p. 220).

Para Charaudeau (2012), a opinião faz parte do domínio do crer que por sua vez se define em uma relação do sujeito com o saber, onde o sujeito pode exercer seu julgamento.

O saber não é, como se diz com frequência, o ponto terminal da passagem de um estado provisório de conhecimento a um estado final, ao término de um processo de “desmodelização”, que consiste em submeter os fatos a uma série de provas de realidade para estabelecer uma verdade ou uma falsidade que seria independente do sujeito. Se assim fosse, haveria de início uma opinião, depois se teria acesso ao saber (CHARAUDEAU, 2012, p. 120 e 121).

Para Charaudeau (2012), o saber então pode ser chamado de conhecimento, o sujeito teria ou não o saber ou ele teria ou não, o ponto de vista sobre o saber. A crença, conforme este autor, seria a verdade constituída por esse sujeito, o qual crê de uma maneira não racional, uma espécie de certeza sem provas e é neste âmbito que participam os movimentos coletivos como no caso do antivacina que utiliza de crenças religiosas, mágicas ou místicas, pois,

Toda a adesão a ideias preconcebidas, a rumores, a julgamentos estereotipados que aparecem sob a forma de enunciados mais ou menos fixos (provérbios, aforismos, máximas, mas também expressões idiomáticas, fraseologia ritualizada etc.) que circulam nos grupos sociais, participa desse fenômeno de crença. Pois, em todos os casos, através desses enunciados, o sujeito acredita estar aderindo a uma verdade universal, a um mundo de evidência que o tranquiliza (CHARAUDEAU, 2012, p. 121).

Parafraçando o autor, ao contrário do conhecimento e da crença, a opinião é um julgamento de probabilidades que o sujeito faz a favor ou contra a respeito de algo, e está ligado diretamente ao sujeito e não à verdade.

A opinião é o resultado de uma atividade que consiste em “reunir elementos heterogêneos e associá-los ou compô-los segundo a lógica do necessário ou do

verossímil” (*aspas do autor*). Ela depende, com efeito, de um cálculo de probabilidade, que leva o sujeito a tomar uma atitude intelectual de aceitação ou não da verossimilhança (CHARAUDEAU, 2012, p. 121).

Para Kakutani (2018, p. 54) desde a década de 1960, período que coincide com o advento da internet, tem ocorrido uma queda progressiva da confiança nas instituições e nos discursos oficiais, mas a democratização libertadora da informação possibilitada pela internet não apenas estimulou a inovação e um empreendedorismo de tirar o fôlego, como também deu origem a uma enxurrada de desinformação e relativismo, conforme evidenciado pela atual epidemia de notícias falsas (KAKUTANI, 2018, p. 59).

### **1.3 O impacto das mídias na disseminação de notícias falsas sobre as vacinas**

Diariamente milhões de pessoas se informam por meio de noticiários televisivos, jornais, revistas, rádios. Chamada de o “quarto poder”, a imprensa repercute muitas vezes fatos nem sempre verdadeiros, mas que influenciam diretamente no processo de formação de opinião.

Os jornais, como se sabe, surgiram no século XIX tendo como princípio básico o de informar o cidadão do que ocorre ao seu redor, já o jornal diário televisivo nasceu no final da década de 1940, nos Estados Unidos. Para Traquina (2008), a história do jornalismo na democracia é marcada por três vertentes, a expansão de novos meios de comunicação social, a notícia como mercadoria que teria iniciado no século XIX e a profissionalização dos jornalistas e a função dos valores-notícia.

A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos e neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda. Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público - uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do “pólo intelectual” do campo jornalístico (TRAQUINA, 2008, p. 34).

Dos jornais impressos ao rádio e às cadeias de televisão, a imprensa foi se reinventando, assim como o modo de fazer jornalismo. Com a chegada da internet, dos sites e blogs, a informação passou da fonte ao receptor sem o intermédio do jornalista e a esse respeito Souza (2008) vai dizer que:

[...] Num mundo sobre-informado, talvez seja de relembrar o papel tradicionalmente relevante do jornalismo e dos jornalistas: o de fornecer informação confirmada (“verdadeira”), útil, selecionada e hierarquizada. É cedo, portanto, para avançar com previsões sobre o alegado “fim” do jornalismo, entendido como atividade profissional de produção e difusão de informação, como prova o fato de os sites dos meios noticiosos serem dos mais procurados por quem busca informação (SOUZA, 2008, p. 242).

Mais do que informar a imprensa exerce poder sobre os sujeitos. O caráter manipulador da mídia não é novidade, retomando o episódio conhecido como Revolta da Vacina, ocorrido a partir de 1904 no Brasil, observa-se o quanto a falta de informação ou a informação errada prejudica a sociedade. Quando uma epidemia de varíola assolou a cidade do Rio de Janeiro, a lei da vacina obrigatória, promulgada em 1837, fora mal interpretada por parte da população que a julgava arbitrária devido à falta de esclarecimento e informações, inclusive por parte da imprensa da época, que chegou a ridicularizar o sanitarista Oswaldo Cruz, o qual instaurou a saúde pública no Brasil.

Em sua crítica à sociedade do consumo, Baudrillard (1995, p. 24 e 25) diz que as comunicações de massa na sociedade não nos fornecem a realidade, apenas uma parcela dela, uma simulação. A vida cotidiana desta forma é um sistema de interpretação dos fatos definidos como lugar de consumo. As imagens transmitidas pela mídia exaltam a violência, a qual os cidadãos assistem inertes dentro da segurança de suas casas. Como caricatura, eis o telespectador acaçapado diante das imagens da guerra do Vietnã. A imagem da TV como janela invertida, dá primeiramente para um quarto, em cujo interior a exterioridade cruel do mundo se torna íntima e calorosa, com calor perverso (BAUDRILLARD, 1995, p. 26).

Desse modo, a escolha editorial de um veículo de imprensa impacta diretamente o modo como os sujeitos enxergam a realidade, reiterando os efeitos de sentido produzidos pelos discursos midiáticos a partir das relações de poder sobre o que interessa publicar, ou seja, o que é consumível, já que,

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2012, p. 39).

Santaella (2019, p. 63) lembra que sempre foi uma tarefa do jornalismo reivindicar para si a veracidade dos fatos noticiados, mas a autora salienta que esse mesmo jornalismo que hoje aponta dedos também tem suas marcas no passado. Nesse ponto, corrobora o que diz Marshall (2003) sobre a manipulação dos fatos pela imprensa.

A imprensa marrom inaugurou a era dos escândalos, do denunciismo gratuito, do jornalismo mexeriqueiro, das sessões de fofocas, das notícias dos bastidores da sociedade, para artificialmente produzir-se um ambiente de espetacularização. Estão associadas a esta etapa as reportagens de caráter especulativo e espetacular sobre o mundo da política, dos artistas, das personalidades públicas. Este tipo de imprensa é, sobretudo, aquele que manipula arbitrariamente os fatos, imaginando, inferindo, especulando, inventando, elucubrando, para deles extrair e artificializar o máximo de sensacionalismo (MARSHALL, 2003).

Nesse mesmo sentido quanto ao impacto midiático, Ferrari (2018) aponta que a seu ver, para o jornalismo: o furo, o chegar à frente do concorrente, é o que tem contribuído para a avalanche de *fake news* que se encontra na atualidade.

O jornalismo tem a chance agora de assumir um caráter mais procedimental, através da rotina de checagem e confrontação dos dados, ganhando nova tipologia, na qual a checagem passa a ser a notícia, apurada por uma equipe própria ou vinda de um parceiro externo ( agência de *fact-checking*) (FERRARI, 2018, p. 94).

Desse modo, cabe ao jornalismo da atualidade contribuir para que esse novo momento de (des) informação seja superado através da conscientização da população sobre o que é verdade ou não nos fatos e, isso deve ser feito massivamente pela imprensa e seu caráter formador de opinião, só assim, superaremos esta era da pós-verdade.

#### **1.4 Ministério da Saúde e o combate às Fake News**

O Brasil possui um Programa Nacional de Imunizações (PNI), que foi formulado em 1973 por determinação do Ministério da Saúde. O objetivo do PNI segundo a pasta é o de coordenar as ações de imunizações no país que na época possuía uma cobertura reduzida e se caracterizava, até então, pela descontinuidade, pelo caráter episódico e pela reduzida área de cobertura.

O Programa Nacional de Imunizações do Brasil foi criado conforme as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2019, a pasta informou que são disponibilizados 47 imunobiológicos diferentes em todo território nacional, sendo 13 soros, quatro imunoglobulinas e 30 vacinas. Destas vacinas, 19 tipos são ofertados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para a população de 0 a 65 anos ou mais, em postos de saúde. Outras 11 vacinas são oferecidas em centros de referência de imunobiológicos especiais, para populações que tenham condições especiais para tomar, como pacientes portadores da HIV/Aids e imunodeprimidos.

Há, em todo o território nacional, os calendários de vacinação da criança, dos povos indígenas, do adolescente, dos adultos, das gestantes e dos idosos, estabelecendo as vacinas, doses e períodos de vacinação. Anualmente são realizadas campanhas para atualização da caderneta de vacinação. O PNI conta com o apoio técnico, operacional e financeiro da UNICEF e contribuições do Rotary Internacional e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil é referência internacional na produção de imunobiológicos. Além de distribuir vacinas gratuitamente, o país ainda exporta doses para mais de 70 países, sobretudo os africanos. As doses são produzidas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pelo Instituto Butantã, além de laboratórios privados.

Desde a criação do PNI, doenças como a poliomielite e o tétano neonatal foram erradicadas, o mesmo ocorreu com o Sarampo, já que em 2016, o Brasil recebeu o certificado de eliminação da circulação do vírus do sarampo pela Organização Mundial da Saúde (OMS), porém conforme o Informe 36 de 24 de Janeiro de 2019, mais de 10 mil casos da doença haviam sido confirmados no Brasil em 2018, com surtos de sarampo nos estados do Amazonas e Roraima, e casos da doença no Pará, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe, São Paulo, Bahia, Rondônia e Distrito Federal.

A esse aumento de casos atribui-se a queda no número de vacinados já que em 2017, a cobertura vacinal nacional da primeira dose de sarampo foi de 84,9%, e a da segunda dose, de 71,5% enquanto a recomendação da OMS para evitar a proliferação da doença é de imunizar pelo menos 95% da população. De acordo com levantamento do Ministério da Saúde divulgado em fevereiro de 2019, 49% das cidades brasileiras não atingiram a meta de vacinação contra o sarampo em 2018.

O ressurgimento de casos provoca grande preocupação aos governantes e especialistas da área, e acende o debate sobre a influência do movimento antivacina e das chamadas *fake news* na opinião pública. De acordo com uma pesquisa do IBOPE Inteligência (anteriormente Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) que realizou 2.002 entrevistas em todo país, visando identificar a percepção dos brasileiros a respeito das vacinas, praticamente metade dos brasileiros, ou seja, cerca de 48% da população, vê ou ouve informações sobre as vacinas nas redes sociais e/ou pelo WhatsApp, onde a circulação



de desinformações sobre a doença é mais comum e o uso dos chamados *bots*<sup>12</sup> é maior. Os resultados do levantamento divulgado em novembro de 2019 mostraram ainda que:

A grande maioria dos brasileiros (87%) diz nunca ter deixado de se vacinar ou de vacinar uma criança que estava sob seus cuidados, ao passo que 13% dos entrevistados, ou seja, aproximadamente 21.249.073 brasileiros com 16 anos ou mais, já deixou de fazer isso (IBOPE, 2019).

Ainda conforme as informações do IBOPE, entre a parcela da população que indica as redes sociais e/ou WhatsApp como fonte de informação sobre vacinas, 50% afirmaram já ter recebido mensagens negativas sobre os imunizantes, enquanto 73% dos que utilizam as redes sociais e 60% dos que não as utilizam, acreditam que são corretas as afirmativas (falsas) como “Há boa possibilidade das vacinas causarem efeitos colaterais graves” (IBOPE, 2019). O resultado evidencia o grande percentual da desinformação por parte da população brasileira e provoca um fenômeno mais amplo, conhecido como hesitação vacinal, termo utilizado pelos especialistas para designar o fato de algumas pessoas não se vacinarem devido às dúvidas geradas pela falta de informação ou pelo recebimento de informações erradas.

Diante disso, D’Ancona (2018) assevera que:

Tanto na saúde pública como na política, a pós-verdade gera uma volatilidade espantosa. Quando se confia menos na investigação baseada em provas do que numa coleção de anedotas e se presta menos atenção à autoridade institucional do que em teorias da conspiração, as consequências podem ser imprevisíveis e fatais. (D’ANCONA, 2018, p. 72 e 73).

Ao analisar fatos históricos sobre a ciência e a medicina, Boddice (2016, p. 71) mostra que o medo do público sobre vacinação pode ser entendido como a manifestação da ignorância a respeito da imunologia, vetores de doença e saúde pública, além da questão da ideologia política em relação à liberdade individual. A desconfiança do governo ou ainda um possível pânico moral ou receio ético relacionado à religião, sexo e classe, também podem ser causa do medo. Portanto, proporcionar à população evidências científicas de fácil entendimento e, principalmente, uma educação social para minimizar os efeitos da disseminação de informações errôneas é crucial para o combate ao medo ou a hesitação em relação às vacinas.

---

<sup>12</sup> Segundo definição do dicionário Cambridge, bots é a definição de um programa de computador que funciona automaticamente pesquisando e encontrando informações na internet. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bot> . Acesso em 28 de fevereiro de 2020.

Uma das formas encontradas pelo Ministério da Saúde para combater a *fake news* sobre saúde e doenças, foi o lançamento de um canal de comunicação com a população. O projeto “Saúde Sem *Fake News*”<sup>13</sup> funciona em forma de *fact-checking*, ou seja, através da explicação de profissionais de saúde nas áreas técnicas da Pasta sobre a veracidade ou não de imagens e/ou informações publicadas em redes sociais. O Ministério diz já ter identificado 13,8 mil mensagens com conteúdo falso, o resultado da checagem é divulgado no site. Tal estratégia vem sendo utilizada por organizações como a *United Nations Children’s Fund* (UNICEF) para campanhas de conscientização sobre a importância das vacinas em outros países como a Índia.

A saúde, em especial, tem sido alvo de muitas Fake News. Informações sem respaldo científico disseminam supostos tratamentos milagrosos para doenças graves como câncer; afirmam que vacinas podem ser prejudiciais a saúde, gerando insegurança e possibilitando o retorno de doenças já erradicadas no país (ROCHA, 2018).

É relevante salientarmos a respeito do uso dos chamados *bots*, mencionado pelo IBOPE (2019), Kakutani (2018) cita um relatório do *Omidyar Group* sobre o efeito das redes sociais no discurso público. O documento mostrou entre os fatores analisados justamente o uso de *bots* para manipular a opinião pública. Conforme mostra o relatório “as redes sociais tendem a minar a confiança nas instituições e dificultam discussões e debates em fatos” (Kakutani, 2018, p.164).

A autora demonstra a preocupação com o que a evolução tecnológica poderá nos trazer:

Vozes já podem ser recriadas a partir de amostras de áudio, e expressões faciais podem ser manipuladas por programas de inteligência artificial. No futuro, talvez vejamos vídeos realistas de políticos dizendo coisas que eles jamais disseram: o simulacro de Baudrillard se torna realidade. Um perigoso avanço tecnológico, ao estilo Black Mirror, que mexerá ainda mais com a nossa capacidade de distinguir entre a imitação e o real, o falso e o verdadeiro (KAKUTANI, 2018, p. 165).

Uma saída seria o *fact-checking* (checagem dos fatos) uma abordagem anti *fake news* ainda recente no mundo, no entanto, mostra-se como um aspecto assertivo da mídia. Pesquisadores e diversos profissionais utilizam a tecnologia a favor da verdade das informações divulgadas nas redes, um modo de combater as *fakes news*. “As plataformas de

---

<sup>13</sup> Lançado em agosto de 2018, o programa recebe mensagens da população através do WhatsApp (61) 99289-4640 pedidos de checagem de informações diversas sobre a saúde que são compartilhadas na internet.

*fact-checking* têm atraído atenção da mídia e dos leitores para a questão de checagem, o que pode vir a ser o começo de uma mudança de paradigma rumo ao compartilhamento de fatos com credibilidade” (FERRARI, 2018, p. 134).

Completando esse pensamento Santaella (2019) diz que “Um dos maiores problemas relativos às bolhas consiste em que a grande maioria dos usuários das redes não tem a menor ideia acerca de como as mídias, especialmente as mídias digitais, funcionam” (SANTAELLA, 2019, p. 24).

Para se ter uma base sobre a tamanha relevância da discussão da pós-verdade no Movimento Antivacina, segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgada em 2013, de 2 a 3 milhões de mortes a cada ano são evitadas pela vacinação. Se a verdade sobre a saúde permanecer questionável, poderemos em um futuro bem próximo presenciar surtos de doenças antes inimagináveis.

Quando a verdade desaba como valor social, as continuidades da prática social que ela apoiou são postas em perigo. Antes da ascensão do movimento de antivacinação, as doenças contra as quais as crianças eram inoculadas de modo rotineiro eram assumidas amplamente como sendo coisa do passado. No entanto, tanto na saúde pública como na política, a pós-verdade gera uma volatilidade espantosa (D’ANCONA, 2018, p. 72).

O que se sobressai nesse caso é o fato de o valor de verdade ser substituído por discursos vazios, porém, estrategicamente articulados com o intuito de enfraquecer teses cientificamente comprovadas como se fossem retrógradas e, portanto, sem valor.

Em síntese, as campanhas de conscientização são a chave para evitarmos a proliferação de pós-verdades em relação à imunização.

Assim, para a continuação desta pesquisa o próximo capítulo se concentra no desenvolvimento e aprofundamento dos conceitos que subsidiaram o corpus estudado, visando a análise de fragmentos extraídos dos textos de dados coletados de um grupo antivacina existente no Facebook e de postagens no Youtube, nos quais identificamos algumas estratégias discursivas, bem como a sua disseminação pelas redes sociais.

## CAPÍTULO II - A CONSTRUÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS SOBRE VACINAS NAS MÍDIAS SOCIAIS

*“Vacinas são intervenções que salvam vidas”  
(OMS, 2020)<sup>14</sup>*

No capítulo anterior, discorremos sobre o conceito de Pós-verdade, baseado na perspectiva teórica de D’Ancona (2018), Dunker *et al.* (2017), Ferrari (2018), Kakutani (2018), Keyes (2018), Santaella (2019), entre outros. Observamos que o valor de verdade tem sido substituído por discursos esvaziados de sentido<sup>15</sup>, porém estrategicamente articulados com o intuito de enfraquecer teses cientificamente comprovadas como se fossem retrógradas e, portanto, sem valor. Além disso, notamos o propagar de notícias falsas e/ou fraudulentas que interferem diretamente no senso crítico comum dos sujeitos.

Em “Discurso das Mídias” de Patrick Charaudeau (2012), observamos como as crenças não são racionais e pertencem a uma verdade constituída, uma verdade que nutre o julgamento de nossas opiniões sobre diversas questões, tais como as vacinas. Dessa forma, para compreender como o discurso do movimento antivacina se constrói e se propaga nas redes sociais no Brasil, propusemos a análise de alguns fragmentos retirados das redes sociais nas quais o movimento antivacina pode ser encontrado, e pelas quais, ele dissemina suas crenças, opiniões e *fake news*.

Para entender os mecanismos do discurso do movimento antivacina, na construção procedimental desse estudo, retomamos a perspectiva da verdade, enunciado e discurso, do filósofo francês Michel Foucault. O autor compreende que a verdade não existe fora do poder, e que esse poder é exercido aos outros através dos discursos. “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2010, p. 18).

Para Foucault (2010), o discurso é um pensamento revestido de signos, a verbalização de uma realidade, um jogo de escritura e leitura que se torna uma vicissitude de signos podendo ser interpretados. Para o autor, todo esse discurso depende de acontecimentos de

---

<sup>14</sup> Fala de Soumya Swaminathan, cientista-chefe da Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/04/vacinas-salvam-vidas-comenta-oms-sobre-afirmacao-de-bolsonaro-de-nao-poder-obrigar-ninguem-a-se-vacinar.ghtml>. Acesso em 01 de janeiro de 2021.

<sup>15</sup> Discurso esvaziado de sentido, por não se pautar em reflexões, pesquisas, mas com o intuito de cooptar a sociedade com pseudoverdades, sem qualquer base científica (NOTA DA AUTORA).

uma época, ou seja, do contexto, apesar de parecerem repetitivos. Os discursos são refeitos cada vez que são ditos ou escritos conforme estes acontecimentos e se manifesta por um já dito, portanto, é preciso observar o acontecimento, a singularidade e a historicidade.

É importante salientar que através dos discursos, as ideologias refletem seu desejo, poder e interesses. Através desse mecanismo (o discurso), as massas são corrompidas, e por que não escravizadas?! Afinal, seu senso crítico é ignorado para ser manipulado de acordo com os interesses do poder.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é, também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Conforme o próprio Foucault propôs, falar de discursos implica falar de enunciados. No livro “A Arqueologia do Saber”, o filósofo esclarece seu ponto de vista sobre o que é enunciado e dessa forma aponta que o enunciado não é algo fixo, com início e fim e, sim, uma função em correlação com outros enunciados.

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)... É que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2017, p. 105).

Sendo assim, a partir das perspectivas teóricas apresentadas, estabelecemos como corpus nesse trabalho um grupo antivacina presente no Facebook, vídeos publicados no Youtube e uma mensagem compartilhada via WhatsApp que nortearam a análise de fragmentos midiáticos extraídos, tendo como critério a relação com o tema pesquisado e a interação. Como metodologia optou-se pela utilização da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, na perspectiva de Foucault, com contribuições de autores do tema pós-verdade e do Discurso das Mídias de Patrick Charaudeau.

Torna-se relevante reiterar que, ao acompanhar grupos antivacinas, notamos o quanto a desinformação pode manipular os discursos e suas consequências podem levar à morte, haja vista inúmeros relatos que ocorreram durante a pandemia do novo Coronavírus (2020/2021). Em pleno século XXI, médicos, cientistas e personalidades das mais diversas áreas de atuação

usam as redes sociais para reforçar o que há dezenas de anos tem sido comprovado pela ciência, a saber, que as “Vacinas são intervenções que salvam vidas” (OMS, 2020). Desde a gripe espanhola que causou a morte de milhões de pessoas, não tivemos em nossa sociedade um momento tão crítico como este que estamos vivendo com a pandemia da Covid-19 em todo mundo.

## 2.1 Grupos Antivacina no Facebook

Notícias falsas e fraudulentas sempre existiram, esse é um consenso entre os pesquisadores da Pós-verdade. O que as torna alvo de estudos, pesquisas e preocupações em relação ao impacto que causam na opinião pública são a forma e a facilidade com que se propagam pela internet. Sites, *chatrooms*, *wikis* e redes sociais são ferramentas que facilitam a ação organizada contra as recomendações de saúde pública que alargam o seu alcance em massa, aponta WARD *et al.* (2016).

Os espaços sociais da comunicação foram transferidos para o virtual, ao instantâneo e uma enxurrada de informações que chegam aos quatro cantos do mundo moderno. “Todo um conjunto de aparelhos, softwares, aplicativos colocam pessoas em contato, podendo “trocar” imediatamente não só palavras, mas também imagens, arquivos etc.” (SILVA, 2017 p. 28).

*Bit a bit*, nossa vida inteira, do acordar ao dormir pode estar disponível no mundo virtual, espaço que se tornou um palco para os mais variados discursos, inclusive de ódio e discriminação, ancorados pela obscuridade das telas.

Para aqueles que estão na mídia social, o anonimato reduz drasticamente a responsabilização. A agitação da colmeia envia a efervescência do embuste para o ciberespaço para fazer o seu trabalho. Nunca o antigo adágio de que a mentira viaja muito mais rápido do que a verdade pareceu tão atual (D’ANCONA, 2018, p. 54).

A falsa sensação de anonimato e o palco aberto a quem quer que esteja disposto a falar tornaram a internet uma grande arena, cujos atores sociais, os sujeitos, espalham suas crenças, curas milagrosas, desconfianças e posições diversas, muitas vezes sem provar, e, isso se justifica na internet, onde tudo é possível. É o caso dos adeptos ao movimento antivacina.

O início dos anos 2000 assistiu à multiplicação das referências à Internet como grande fonte de desinformação sobre vacinação para o público e, portanto, como possível causa para este não cumprimento das recomendações de saúde pública. Nesses primeiros trabalhos e comentários, a Internet já se apresentava como uma plataforma na qual os indivíduos buscavam informações sobre vacinação em geral ou sobre algumas vacinas em particular (WARD *et al.*, 2016).

A propagação das notícias falsas que já existia se tornou uma indústria. Ferrari (2018) aponta que, a partir de 2013, houve o surgimento de sites e agências que veiculam notícias falsas em diversos países, utilizando principalmente *boots* - sistemas desenvolvidos que têm a função de se conectarem a aplicativos -, e *softwares* de inteligência artificial.

Segundo diversos autores, como Kakutani (2018) e D’Ancona (2018), o ápice das *fake news* e da pós-verdade veio com as eleições presidenciais de Donald Trump, nos Estados Unidos e o *Brexit*, no Reino Unido, ambos, em 2016. A premiada crítica literária Michiko Kakutani (2018) nos lembra de que, embora o declínio da importância do discurso racional, do bom senso e da política de checagem dos fatos não tivesse iniciado com Trump, certamente foi potencializado pela maior personalidade política das Américas.

No Brasil, a influência da pós-verdade se tornou mais forte durante a campanha eleitoral de 2018, quando as *fakes news* tomaram conta das redes, envolvendo candidatos em escândalos que alimentaram os mais variados preconceitos. Além do âmbito político, são encontrados movimentos da pós-verdade que colocam em *check* métodos científicos contestando, por exemplo, o aquecimento global, a forma esférica da terra e a eficácia das vacinas.

Retomando Santaella (2019), é interessante dizer que, assim como ocorreu com o desenvolvimento das ciências, houve a multiplicação das tendências epistemológicas que questionam as conclusões do saber científico. Porém, há de se levar em consideração que na ciência toda verdade é provisória, ou seja, ela é provada por pares naquele momento, mas em um futuro pode ser questionada e rebatida, num eterno “jogo de poder” entre as instituições (ciência, religião, política) como diria Foucault (2010).

Há poucos anos, o movimento antivacina era mais conhecido em países da Europa e nos Estados Unidos. Notamos, no entanto, que com o advento das redes sociais como o Youtube, criado em 2005, e Facebook, lançado no mesmo ano – e que só chegou ao Brasil em 2007-, além do WhatsApp, um aplicativo de mensagens que teve início em 2009, a eclosão de grupos contrários à vacinação se tornou mais acessível ao público em geral, contando com a forma cada vez mais interativa da internet.

No Facebook, encontramos grupos e páginas contrárias à vacinação. Entre os grupos destacam-se dois: “Vacinas: o lado obscuro das Vacinas” que também possui uma página e o grupo “Sou contra a Vacina HPV”, ambos com mais de 5 mil membros cada. Nesses grupos antivacinas são compartilhadas fotos de pessoas com supostas reações às vacinas, textos que alimentam as crenças de que as vacinas fazem mal, reportagens muitas vezes deslocadas do

contexto, depoimentos de pessoas que supostamente tiveram reações às vacinas etc. Dessa forma, examinar como os membros desses grupos antivacinas articulam seus discursos torna-se imprescindível para entender a disseminação do movimento no país, pois,

Os atores críticos da vacina fornecem uma quantidade enorme de informações sobre si mesmos online (trajetória pessoal, atividade profissional, localização, gênero, proximidade com outros grupos políticos ou culturais, outros tipos de atividades relacionadas à vacina no mundo real, como organização de marchas, protestos, petições, lobbying, etc.). Portanto, a Internet constitui uma mina de ouro para qualquer pessoa interessada em mobilizações sociais relacionadas a vacinas e atores críticos de vacinas (WARD *et al.*, 2016).

Para analisar essas comunidades sociais é preciso levar em conta sua lógica simbólica descrita por Charaudeau (2012) como a forma pela qual os sujeitos regulam suas trocas sociais e constroem suas representações de valores para produzir sentido ao que acreditam a fim de justificar seus discursos antivacinas. Conhecer esses sujeitos enquanto formadores de opinião, mesmo que de notícias fraudulentas do ponto de vista científico-social, é fundamental para compreender como esses discursos ganham adeptos nas redes sociais.

A lógica simbólica é uma estratégia de dominação relacionada ao poder. A defesa de seus valores leva o sujeito a acreditar que tudo aquilo fora de suas opiniões é ilegítimo. Essa regulação imposta no discurso “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2010, p. 8 e 9).

Esse discurso de dominação leva à exclusão do eu em favor de uma instituição, uma disciplina ou até mesmo um pensamento, pois,

[...] de sorte que toda tarefa crítica, pondo em questão as instâncias do controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais (FOUCAULT, 2010, p. 66).

Não se pretende, neste estudo, como anteriormente mencionado, julgar verdades ou mentiras, mas compreender como se formam as práticas discursivas nesses determinados grupos e como elas afetam a sociedade a partir dos conceitos aqui apresentados, e é nesse sentido que faremos uma incursão em algumas redes sociais onde encontramos traços do movimento antivacina no Brasil.

## 2.2 O que dizem as Redes?



Já disse Charaudeau (2012, p.28) que para os analistas de mídia “toda análise de texto nada mais é do que a análise dos possíveis interpretativos”, portanto, dando seguimento ao objeto de estudo proposto na presente pesquisa, serão analisadas postagens do Facebook, Youtube e WhatsApp com base nos conceitos apresentados pelos filósofos franceses Foucault e Charaudeau e nas pesquisas sobre a Pós-verdade.

Para tanto, conforme nossa proposta, extraímos os conteúdos mais comentados do maior grupo contrário à vacinação do Facebook, intitulado “O lado obscuro das vacinas”, que até o dia 30 de agosto de 2020, possuía 13.796 membros. As postagens selecionadas foram delimitadas pelo maior número de interação, de acordo com o período de tempo dos anos 2018, 2019, e de janeiro a agosto de 2020, em conformidade ao objetivo geral da presente pesquisa que é analisar como o discurso do movimento antivacina se constrói e se propaga nas redes sociais, identificando as estratégias discursivas presentes no movimento antivacina no Brasil no contexto das redes sociais, neste caso específico, em grupos que utilizam o Facebook.

O grupo intitulado “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” foi criado em 28 de dezembro de 2014, de forma pública, e os interessados na temática podem entrar e seguir suas postagens. Na descrição “sobre”, há alguns tópicos que indicam o propósito do grupo, sendo “Este grupo destina-se principalmente para divulgar informações sobre todas as possíveis vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para nosso corpo. A decisão de vacinar deveria caber aos pais, e não a obrigatoriedade do governo”<sup>16</sup>. Os administradores também informam que textos em inglês devem vir acompanhados de tradução e que nem todas as postagens são liberadas por alguns motivos especiais, os quais não são citados.

Para examinar a interação dos usuários do grupo, optamos pela publicação de maior número de comentários, pois conforme Antunes (2003, p. 46) “Quem escreve, na verdade, escreve para *alguém*, ou seja, está em *interação com outra pessoa*”, assim sendo, quem faz uma publicação deseja expor seus pontos de vista, ao mesmo tempo em que espera dos usuários da página uma reação àquilo que foi publicado.

Há de se notar que os discursos, conforme Foucault, variam em função do momento, atribuindo diferentes significados de acordo com interesses, de modo que o discurso é constituído “por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2017, p. 131).

---

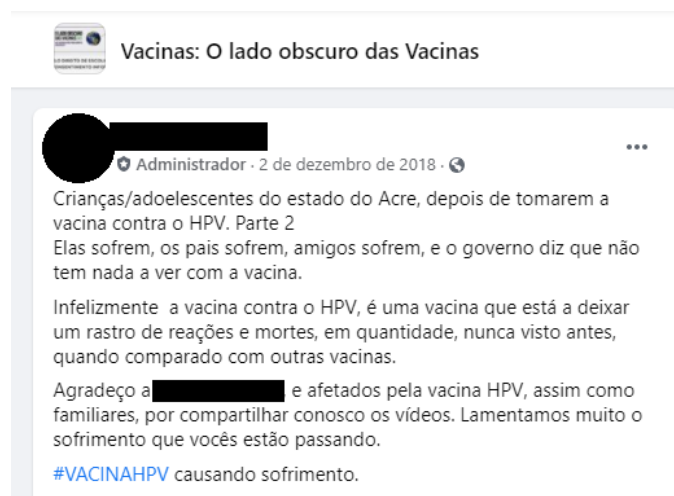
<sup>16</sup> Página do grupo “Vacinas: o lado obscuro das vacinas”. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/about>. Acesso em 29 de agosto de 2020. Atualizado em 15 de fevereiro de 2021.

Assim, podemos entender que dentro de um determinado grupo, como no caso do dos Antivacinas, os enunciados atribuem determinado sentido às palavras, podendo, segundo Foucault “ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (*Ibidem*).

Assim, na presente análise, observamos o diálogo com a espetacularização que aliena e faz da escrita uma arma conforme aponta Debord (1997), a indústria das *fake news* e o combate da desinformação pelas agências de checagem, de acordo com Ferrari (2018), além do papel da mídia na construção de acontecimentos e na formação de opiniões segundo Charaudeau (2012).

No Facebook, as interações podem ser mensuradas pelo número de curtidas, de comentários e de compartilhamentos. De modo geral, as postagens mais comentadas são as mais curtidas e compartilhadas, a exemplo da publicação mais comentada de 2018, datada de 02 de dezembro e publicada pela própria administradora do grupo. O *post* traz fotos e vídeos de uma adolescente que teria tomado a vacina contra a HPV no estado do Acre.

Figura 1 – Postagem de maior interação Grupo Antivacina Facebook 2018.



A postagem traz uma informação publicada no Grupo Antivacina no Facebook, a qual acusa a vacina contra o HPV de ser a causa do sofrimento de adolescentes no Acre. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>17</sup>.

Em 2014, o Ministério da Saúde, por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), introduziu no Calendário Nacional de Vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS), a vacina quadrivalente contra o papilomavírus humano (HPV). O objetivo, segundo a pasta, é

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

que o imunizante possa prevenir o câncer do colo do útero que hoje é a quarta principal causa de morte por neoplasias entre mulheres no Brasil.

A publicação contou com cerca de 300 (curtidas/interações), 49 comentários e 1.900 compartilhamentos. Na postagem, a opinião da autora do *post* é explicitada no segundo parágrafo: “Infelizmente a vacina contra o HPV é uma vacina que está a deixar um rastro de reações e mortes, em quantidade nunca visto antes, quando comparado com outras vacinas”.

Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgadas pela BBC Brasil<sup>18</sup>, mostram que a vacinação em massa evita, atualmente, quatro mortes por minuto no mundo, um montante de 2 a 3 milhões de mortes anuais, e poupam R\$ 250 milhões por dia.

Alguns pontos chamam a atenção sobre a postagem: a data, dia 02 de dezembro de 2018, foi um domingo, dia em que muitas pessoas têm mais tempo livres para navegar pelas redes sociais. A *hashtag* utilizada foi #VACINAHPV.

As *hashtags* são palavras, expressões ou frases que são utilizadas para marcar um assunto em redes sociais, ficaram muito populares com a ascensão do Twitter, sendo seguida por outras redes como Instagram, Facebook, Youtube. O nome vem do símbolo # que quer dizer “*hash*”, em inglês. As *hashtags* servem para segregar assuntos e facilitar a busca por sujeitos que compartilham da mesma opinião ou que estão falando sobre o mesmo assunto. Ao pesquisar sobre determinado assunto, os algoritmos de busca direcionam para os *posts* nos quais, tal palavra é mencionada, embora seja importante mencionar que “Facebook, Twitter, Youtube e muitos outros sites usam algoritmos para personalizar as informações que você vê – informações customizadas com base em dados anteriormente coletados sobre você” (KAKUTANI, 2018 p. 144).

Na postagem acima (Figura 1) podemos identificar alguns elementos que constituem o enunciado descrito por Foucault no livro *Arqueologia do Saber*:

1) a referência a algo que podemos identificar, neste caso, o referente é a vacina contra o HPV;

2) o sujeito que se reconhece nesse discurso é representado por pais e familiares de adolescentes que tomaram a vacina.

3) o enunciado do movimento antivacina, dizendo que as vacinas fazem mal à saúde, “Infelizmente a vacina contra o HPV...”, nesse caso, a utilização do advérbio “infelizmente” - um modalizador discursivo- reforça o lamento sobre algo que o enunciador entende como ruim/funesto. Na primeira frase da publicação: “Crianças/adolescentes do estado do Acre,

---

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54029641>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

depois de tomarem...”, o dêitico “depois” – reitera a ideia de que somente após a vacina, algo ruim aconteceu às crianças e adolescentes, ou seja, a vacina foi a única responsável pelo sofrimento e mal de saúde relatado. A insistência no mesmo enunciado do verbo “sofrer”, no tempo presente do indicativo, indica algo que está ocorrendo e que, portanto, faz sofrer.

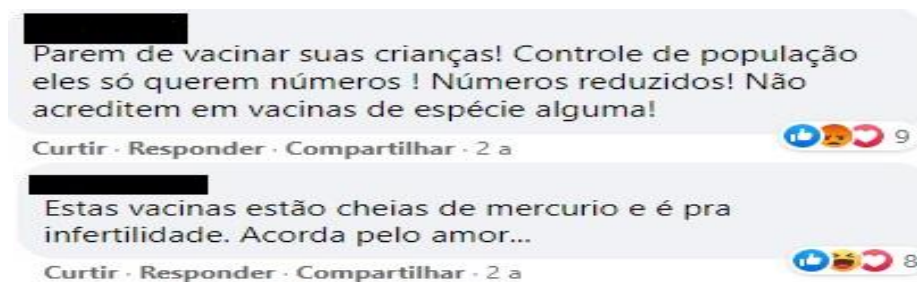
4) a materialidade do enunciado que é a forma como esses enunciados aparecem no grupo, sempre acompanhados de palavras agressivas, de ódio etc., algo típico do discurso pós-verdade.

Para Foucault, a análise enunciativa só pode ser feita sobre aquilo que foi dito (escrito), sem procurar interpretações escondidas.

A análise enunciativa só pode se referir a coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas, a elementos significantes que foram traçados ou articulados – e, mais precisamente, a essa singularidade que as faz existirem, as oferece à observação, à leitura, a uma reativação eventual, a mil usos ou transformações possíveis, entre outras coisas, mas como as outras coisas (FOUCAULT, 2017 p. 133).

Nos comentários da publicação, observamos que em sua maioria são publicados links de vídeos e publicações que incitam a crença contra a vacina HPV, mostrando as reações de outras pessoas e opiniões. Dentre esses comentários destaca-se a presença de crenças sem cunho científico, conforme observamos também na (Figura 2) a seguir.

Figura 2 – Comentários em post de maior interação 2018.



Os comentários trazem traços da pós-verdade. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>19</sup>.

No primeiro comentário, o sujeito reforça sua crença anticiência de não tomar as vacinas, nota-se que a escrita é feita de forma imperativa “Parem de vacinar suas crianças!”, uma confirmação daquilo em que ele acredita. Santaella (2019) lembra que em se tratando de

<sup>19</sup>Disponível

em:

<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

crenças, não há argumentação racional que possa fazer um sujeito a mudar de ideia, o viés da confirmação fala mais alto em nossa mente.

Mudar hábitos de pensamento implica mudança nos modos de agir. Essa trajetória também ajuda a explicar porque evitamos novas informações que não se alinham com aquilo que cremos ser verdade, pois isso nos desobriga de pensar diferente, sentir diferente e, conseqüentemente, agir diferente (SANTAELLA, 2019, p. 19).

É possível compreender que ao tomar o discurso do movimento antivacina para si, observa-se o que Foucault (2017) chamou de subjetivação do sujeito, o qual passa a ocupar a posição de apenas um mero repetidor, pois:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2017, p. 66).

Tal apontamento vai ao encontro de Kakutani (2018) que expressa a combinação da subjetividade com o relativismo que está em ascensão desde a década de 1960 “o discurso relativista tem sido usurpado pela direita populista, incluindo os criacionistas e os negacionistas climáticos, que insistem que suas teorias sejam ensinadas junto com as teorias baseadas na ciência” Kakutani (2018, p. 17).

O segundo comentário da Figura 2 indica outro problema sério em relação às manifestações sobre a vacina, a saber: a desinformação. A informação sobre o mercúrio e a infertilidade, sem qualquer embasamento científico, mostra o quanto a desinformação leva à reprodução e manutenção do discurso erigido pelo grupo. É de conhecimento que algumas vacinas possuem mercúrio como conservante em sua composição, a distorção quanto a essa informação, exemplifica um discurso deslocado de sua explicação racional e científica que gera a desinformação, como aponta Ferrari (2018):

[...] devemos reconhecer que as notícias falsas são, na verdade, uma variedade de desinformações que pode variar entre a correta utilização de dados manipulados, a utilização errada de dados verdadeiros, a incorreta utilização de dados falsos e outras combinações possíveis (FERRARI, 2018, p. 44).

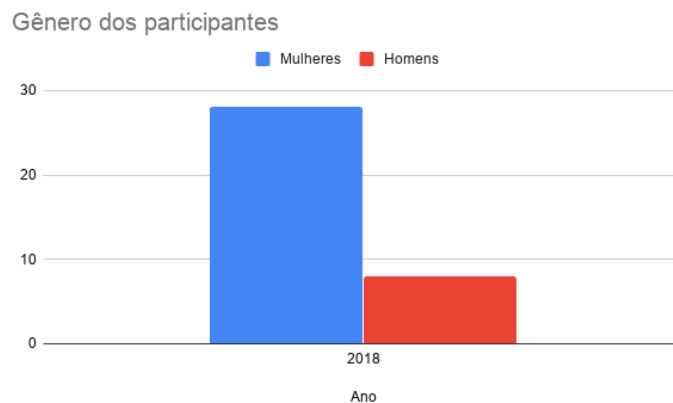
Retomando Foucault (2017), observamos que todo enunciado é utilizado em um determinado contexto, dentro de um campo específico de acontecimentos dos discursos, uma vez que:

[...] certos atos ilocutórios só podem ser considerados como acabados em sua unidade singular se vários enunciados tiverem sido articulados, cada um no lugar que lhe convém. Esses atos são, pois, constituídos pela série ou soma desses enunciados, por sua necessária justaposição [...] (FOUCAULT, 2017, p. 101).

No grupo, observa-se que a vacina HPV é um tema constante e recorrente em suas publicações, sendo também mencionada na postagem de maior interação em 2019 como veremos abaixo (Figura 3). Com relação aos participantes da postagem, os gráficos produzidos em agosto de 2020 mostram alguns dados para clarear as discussões deste estudo, as informações foram obtidas visualizando o perfil dos participantes que realizaram comentários.

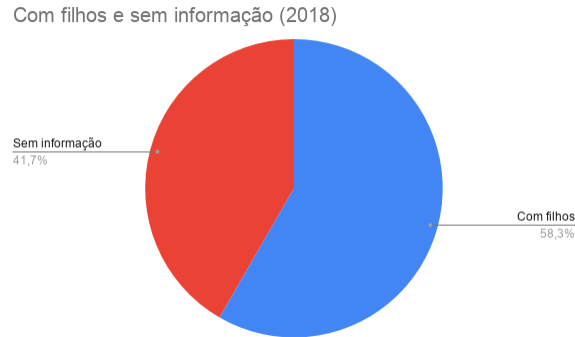
A maioria dos participantes é formada por mulheres, casadas, possuem filhos, e um grau de escolaridade em que se espera um conhecimento mais ampliado: ensino médio, superior e pós-graduação. Isso comprova que a adesão aos discursos antivacinas não depende de escolaridade, sexo, poder aquisitivo ou raça. “No entanto, a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade” (D’ANCONA, 2018, p.110 e 111).

Gráfico 1 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2018.



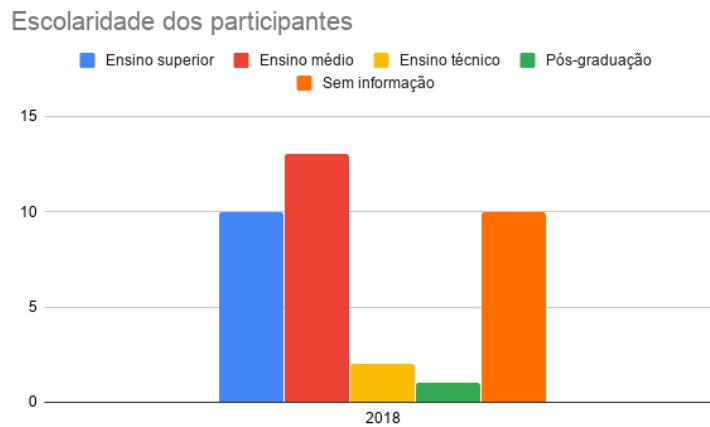
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>

Gráfico 2 – Informações sobre os participantes da postagem de maior interação 2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>

Gráfico 3 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>

Gráfico 4 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2186460271596582/>

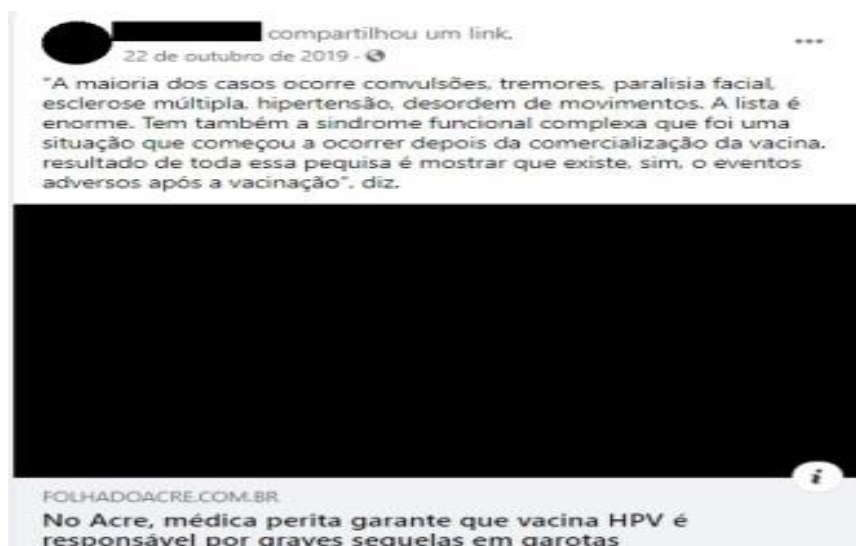
Em 2019, a postagem de maior interação no Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas continuou se referindo à vacina HPV. Acompanhada de uma matéria jornalística, na qual o título “No Acre, médica perita garante que vacina HPV é responsável por graves sequelas em garotas” (Figura 3), faz uma afirmação sobre o efeito da HPV em adolescentes e reafirma o pensamento do grupo de que aquela vacina faz mal à saúde.

Na “suposta” notícia, observamos a desconstrução da verdade em cima da pirâmide invertida do jornalismo, um traço típico das *fake news* que usam das estratégias jornalísticas para convencer o leitor. Apropriando-se do discurso jornalístico, a publicação traz um título impactante, com marcação de local e causa para um problema que ocorre.

Mais uma vez é questionada a credibilidade da ciência e a eficácia das vacinas, utilizando inclusive o “aval” de um especialista, como no caso, uma médica. Nesse momento, o movimento antivacina se apropria e manipula o discurso midiático (jornalístico) usando do especialista para validar sua informação e mostrar seu posicionamento em relação à vacina HPV.

O argumento é reforçado pelo advérbio também, que inclui outro grave problema ao exposto pela especialista e pelo sim, confirmando a suposta veracidade do discurso sobre o HPV.

Figura 3 - Postagem de maior interação Grupo antivacina 2019.



A apropriação do formato jornalístico pode ser observada em diversas postagens do grupo que muitas vezes direcionam a links inexistentes. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>20</sup>

<sup>20</sup>Disponível

em

<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>. Acesso em 17 de agosto de 2020.



Para demonstrar sua credibilidade, a mídia utiliza o que Charaudeau (2012) chamou de critério de exterioridade, do qual participam atores da vida social como analistas ou testemunhas em uma relação ambivalente “Ao solicitá-los constantemente, exibem-se como campeões de uma “democracia direta” – na tentativa de substituir a ágora política -, mas ao mesmo tempo, usam desse procedimento como álibi para a própria legitimação” (CHARAUDEAU, 2012, p. 190).

A sociedade do espetáculo também emprega esses atores descritos por Charaudeau (2012), porém Debord (1997) os chama de vedetes do espetáculo, “uma especialização do vivido aparente... que existe para representar tipos variados de estilos de compreensão da sociedade” (DEBORD, 1997, p.40).

Santaella (2019), por sua vez, lembra que com a emergência das redes sociais, surgiram novos modos de publicar, compartilhar e consumir notícias sem a supervisão de padrões editoriais previstos nos jornais, permitindo que qualquer pessoa pudesse ter um site e falar o que quisesse.

As notícias procedem das mais variadas e múltiplas fontes e, muitas vezes por falta de compreensão dos modos pelos quais as redes funcionam, ou por confusão diante do acúmulo de informações, torna-se difícil saber se as histórias ou as notícias são confiáveis ou não (SANTAELLA, 2019, p. 30 e 31).

Há de se levar em consideração a questão do discurso científico, já que o movimento antivacina se apropria de dizeres científicos (ou médicos) para que sua pseudociência possa se multiplicar nas redes sociais. Nesse sentido, é possível utilizar o que Foucault (2010, p. 38) chamou de “sistemas de restrição”.

Um ritual utilizado por discursos religiosos, judiciários e políticos que são inculcados nos sujeitos, os quais, por sua vez disseminam esses mesmos discursos.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2010, p. 39).

---

Ao fixar essa forma de dizer, o discurso científico é legitimado e fica restrito ao mundo científico, em um patamar no qual, grande parte da população não possui acesso, apenas pesquisadores, profissionais médicos e poucos outros profissionais. “As bolhas, portanto, são constituídas por pessoas que possuem a mesma visão de mundo, valores similares e o senso de humor em idêntica sintonia” (SANTAELLA, 2019, p. 16 e 17).

Assim, essas bolhas podem ser pensadas como um regime de exclusividade e de divulgação descrito por Foucault (2010). Dentro delas, somente aqueles sujeitos possuem acesso àquela informação, com apenas alguns pontos de vista, condizentes com o seu próprio, fenômeno descrito por Santaella como “segregação ideológica”.

Quando muito arraigada devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante. Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propagandas e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças (SANTAELLA, 2019, p. 15 e 16).

Desse modo, ao avaliarmos as agências de checagem, observamos que quem as acompanha em geral, são pessoas que se informam antes de compartilhar as *fakes news*, por isso é preciso pensar em uma educação que alcance a população por meio de outros canais de comunicação, como a TV aberta, por exemplo.

As bolhas nas redes sociais e na internet são constituídas de algoritmos projetados para que os usuários se aproximem uns dos outros. A inteligência artificial da *web* coleta nossas informações a cada pesquisa que fazemos no Google e nos leva a emitir sinais de nossas preferências e, a partir daí, somos direcionados a assuntos e propagandas a elas relacionadas, visando chamar nossa atenção.

As duas características distintivas do mundo virtual, em sentido mais amplo, são a imersão e a navegação por proximidade [...] na navegação por proximidade, o mundo virtual orienta os atos dos indivíduos ou do grupo. Além dos instrumentos de pesquisa e endereçamentos clássicos (índices, links hipertextuais, pesquisa por palavras-chaves etc.), as demarcações, pesquisas e comunidades são feitas por *proximidade* em um espaço contínuo (LÉVY, 1999, p. 72).

Além de bolhas, podemos dizer que os membros do movimento antivacina são ligados por uma espécie de “doutrina” que segundo Foucault (2010).

Liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação

para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros (FOUCAULT, 2010, p. 43).

Em comunidades fechadas como essa, observamos características próprias de discursos autoritários, como o modo de apresentar argumentos de forma imperativa e a semelhança entre os enunciados que se repetem em diversas postagens. “A constância do enunciado, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações, seus desdobramentos através da identidade das formas, tudo isso é função do campo de utilização no qual ele se encontra inserido” (FOUCAULT, 2017, p. 127).

Outra questão relevante na postagem (Figura 3) diz respeito ao título da reportagem “No Acre, médica perita garante que vacina HPV é responsável por graves sequelas em garotas”. As *fakes news* têm se apropriado do discurso jornalístico, trazendo um fato localizado, com a voz de um especialista para chamar a atenção, aparentemente a publicação direciona para um site de notícias, mas ao clicar no link, recebemos um aviso de página não existente ou removida. Veja abaixo os comentários da postagem de maior interação em 2019.

Figura 4 – Comentários postagem de maior interação 2019.



Para atestar suas crenças, os sujeitos utilizam links de vídeos antivacinas do Youtube sobre o assunto. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>21</sup>

Nos comentários, temos a evidência de um outro discurso, o do medo, alimentado por teorias conspiratórias que algumas vezes chegam a trazer como contraponto, a medicina alternativa e a naturalista em oposição à medicina tradicional, negando a pesquisa científica e seus resultados.

<sup>21</sup>Disponível em <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

A exemplo disso, Keyes (2018) lembra que quando o vírus da Sars apareceu nas manchetes em 2002, logo supostos remédios apareceram na internet, algo semelhante ao que vivemos com a Covid-19. “Uma revisão de sites médicos da *Web* encontrou uma plethora de informações erradas, remédios populares e óleos de cobras modernos vendidos por completos charlatões” (KEYES, 2018, p. 200).

A frase “Acredito que seja verdade” reforça a crença da opinante de que a vacina faz mal, a ela não interessa a verdade dos fatos, se crê que o motivo da filha ter problemas de saúde foi realmente o imunizante, é a batalha da verdade dela *versus* a verdade científica. O desejo da pós-verdade se junta à fobia e às crenças para justificar seus argumentos.

Para justificar seus argumentos, é comum os negacionistas publicarem links de matérias que vão ao encontro de seus credos, uma vez que a busca pela aprovação dos seus dizeres perpassa a própria ciência julgada, isso mostra uma apropriação de seus discursos que levando à doutrinação conforme comenta Foucault (2010):

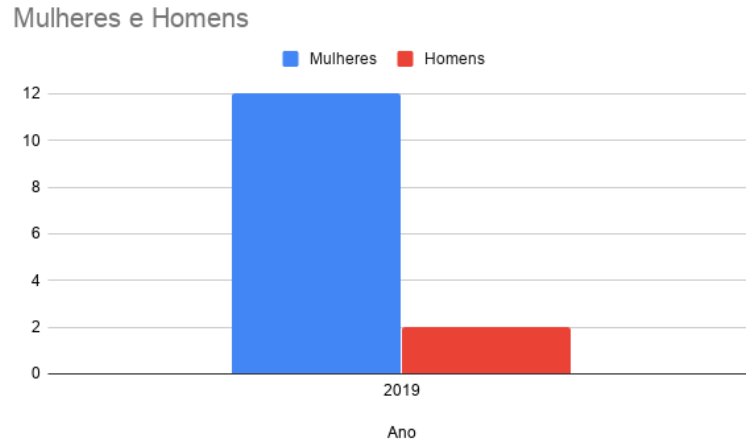
[...] a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. (FOUCAULT, 2010, p. 43).

A partir dessas considerações, podemos ponderar que a publicação (Figura 3) e seus comentários (Figura 4) apelam para as emoções, algo típico do universo da pós-verdade.

Na web, onde cliques são tudo e entretenimento e notícias estão cada vez mais misturados, o material sensacionalista, bizarro ou revoltante sobe para o topo, com posts que apelam cinicamente para a parte rudimentar de nossos cérebros—para emoções primitivas como medo, ódio e raiva (KAKUTANI, 2018, p. 151).

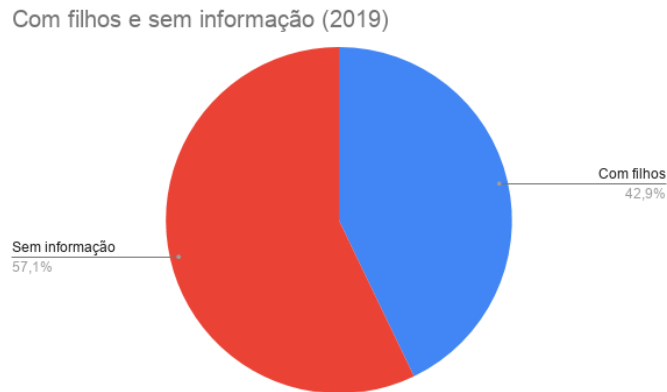
Ainda em relação à publicação de 2019 (Figura 4), há um aspecto interessante a ser ressaltado em relação aos participantes, repetindo o que se viu em 2018, a maioria dos opinantes é mulher, casados, porém, não há muitas informações específicas sobre escolaridade. A maior parte também não informou se tem filhos. Já a taxa de escolaridade ficou entre ensino médio e “não informado”, conforme observamos nos gráficos abaixo.

Gráfico 5 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2019.



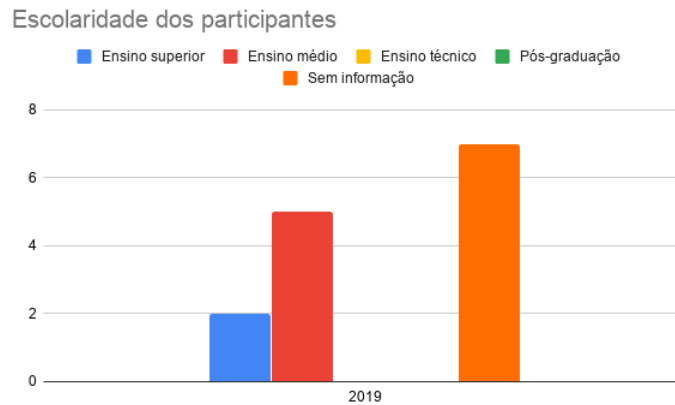
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>.

Gráfico 6 – Informações sobre participantes da postagem de maior interação 2019.



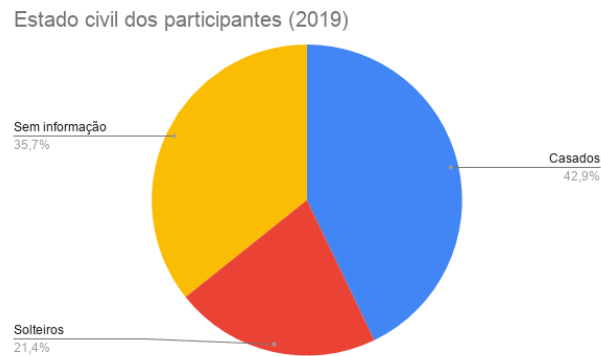
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>.

Gráfico 7 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2019.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>.

Gráfico 8 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2019.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2409177522658188/>.

A questão do movimento antivacina toca em um ponto importante do ano de 2020, no qual a busca pela vacina contra o novo Coronavírus se tornou, novamente, palco de debates, sobretudo políticos, retroalimentados por crenças populares e até mesmo por autoridades dos mais diversos âmbitos como mostra a Figura 5 da postagem de maior interação até agosto de 2020.

Figura 5 - Postagem de maior interação grupo antivacina até agosto 2020.



A questão da Cloroquina foi muito comentada no ano 2020 apesar da eficácia não comprovada pelos órgãos de saúde. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>. Acesso em 30 de agosto de 2020.

Em dezembro de 2019, o mundo conheceu uma nova doença, a Covid-19, causada pelo Coronavírus, denominado SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde (OMS) teve conhecimento dos primeiros casos na cidade de Wuhan, na China.

De alto contágio, a doença respiratória aguda se espalhou rapidamente por todo o planeta, levando a um dos maiores surtos do nosso século, causando milhões de mortes. Sendo assim, no dia 11 de março de 2020, a OMS declarou a Covid-19 uma pandemia mundial. Poucos dias depois, o Brasil registrou a primeira das mais de 320 mil mortes até março de 2021<sup>23</sup>.

Para conter a propagação do vírus, o distanciamento social foi recomendado pelas autoridades, assim como a redução das atividades comerciais consideradas não essenciais e a restrição de circulação de pessoas em eventos. Parques, escolas e universidades foram fechados, e o trabalho remoto (*home office*) um dia descrito por Lévy (1999) virou realidade para milhões de pessoas. Outras medidas de prevenção como o uso de máscaras e a higienização das mãos com álcool em gel 70%, também foram indicadas por instituições globais de saúde e pelo Ministério da Saúde do Brasil.

Nesse contexto de pandemia da Covid-19, foi possível acompanhar palestras virtuais com os mais renomados estudiosos e cientistas do mundo. Em uma live transmitida pela Abralin<sup>24</sup>, a Associação Brasileira de Linguística, o professor Charaudeau disse que vivemos em uma era que quanto mais informações, menos informações “estamos sem o poder de referências”, comentou o autor francês. Sendo assim, observamos uma intensificação do movimento antivacina e o negacionismo científico nos últimos meses, ganhando destaque até mesmo na mídia convencional, que voltou seus olhos com atenção para o perigo das notícias falsas na área da saúde.

A grande desinformação gerada pelo surgimento de um vírus novo, que provoca sintomas e efeitos que variam de indivíduo para indivíduo fez enaltecer o medo, as crendices e invenção dos mais variados remédios para cura e prevenção da Covid-19. Pela internet, os vários “remédios” foram anunciados e propagados, mesmo sem eficácia comprovada, colocando em risco a saúde pública e, em muitos casos, intensificando a doença devido à descrença em informações sérias e recomendadas pela OMS.

---

<sup>23</sup> Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/31/1-a-cada-5-brasileiros-vitima-da-covid-19-morreu-em-marco-de-2021>. Acesso em 21 de abril de 2021.

<sup>24</sup> Live transmitida em 16 de junho de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IMLTvdR3Xmk>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

O verdadeiro perigo não é que não desenvolvamos o ceticismo necessário acerca das mentiras e apócrifos, mas que, uma vez que o façamos, descartemos informações legítimas. Esse é o impacto inevitável da mentira promíscua (KEYES, 2018, p. 211).

Em plena pandemia causada pela Covid-19, temos um alerta: “a ciência mundial nunca produziu tanto e tão rapidamente: a cada hora, sete novos estudos sobre o novo coronavírus são publicados (RIGHETTI e GAMBÁ, 2020), diz a reportagem do jornal Folha de São Paulo, publicada em 05 de junho de 2020, a qual traz um panorama sobre a disseminação de resultados de pesquisas sobre a nova doença, resultados esses que tem sido muitas vezes refutados em um espaço de tempo tão pequeno quanto o da pesquisa.

Na correria pela possível cura, as *fakes news* disseminam as desinformações das mais diversas, algumas vezes com o incentivo de líderes políticos que expõem seu ponto de vista pessoal, sem se preocupar com o impacto que causa na opinião pública. Um desses casos foi o da recomendação de uso da hidroxicloroquina recomendada pelo governo brasileiro em abril de 2020 como tratamento para a Covid-19<sup>25</sup>, apesar das contradições científicas sobre seu uso e eficácia.

Em maio de 2020, a OMS suspendeu temporariamente os testes da cloroquina e da hidroxicloroquina para tratamento contra a Covid-19, após um estudo publicado pela revista científica *Lancet*<sup>26</sup>, mostrar que não havia benefícios no uso desses medicamentos contra o vírus SARS-CoV-2, podendo inclusive aumentar o risco de morte nos pacientes submetidos ao tratamento.

A publicação da revista foi contestada e retratada por três dos quatro autores, gerando um grande embate no meio científico<sup>27</sup>. Novamente em junho de 2020, a OMS suspendeu de modo definitivo, o uso da cloroquina e hidroxicloroquina em tratamentos contra a Covid-19.

Mesmo após a suspensão de testes, o governo brasileiro continuou a favor do uso do medicamento, distribuindo “kits de prevenção” usando a Cloroquina. Em novembro de 2020, um levantamento baseado em dados do CoronaVirusFacts Alliance<sup>28</sup>, na Rede Internacional de Checagem de Fatos e do Latam Chequea mostrou que o Brasil é o único país do mundo onde notícias falsas sobre a Cloroquina, Ivermectina e Azitromicina como curas/tratamentos

---

<sup>25</sup> Nota técnica disponível em <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/13/NT6-1-4-20-Cloroquina-DAF-SCTIE.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2021.

<sup>26</sup> Artigo retratado encontra-se disponível em [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31180-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31180-6/fulltext). Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/oms-suspende-testes-com-cloroquina-hidroxicloroquina-24444957>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://storage.googleapis.com/stateless-inctdd-website/2020/11/4df8900b-political-self-isolation-v2.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.



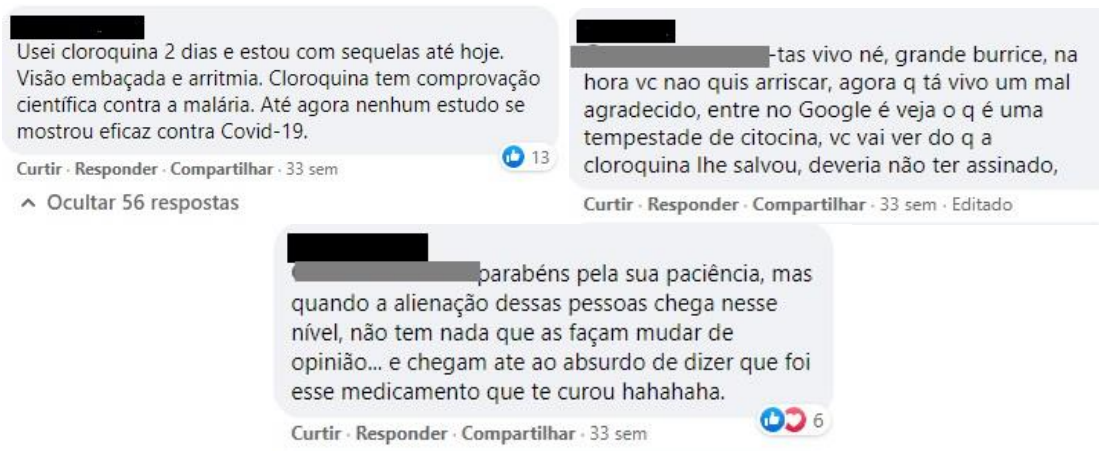
para a Covid-19 continuam a circular. O estudo apontou questões de políticas internas para a circulação das desinformações sobre os medicamentos.

Durante a pandemia, observamos a desinformação referente à Covid-19 uma preocupação não só do Brasil, como de diversos outros países, isso por quê:

pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões (KAKUTANI, 2018, p. 12).

Mesmo com o relato de alguém que tomou e sofreu com o efeito colateral da Cloroquina, as pessoas continuam acreditando em líderes políticos que constroem verdades que alienam, conforme consta do comentário de maior interação da postagem de 2020 (Figura 6). Nele, um sujeito relata ter usado a cloroquina e passado mal, uma pessoa o chama de “burro” e diz para ele pesquisar melhor no Google. Outra o defende, mostrando de fato o que é a pós-verdade.

Figura 6 – Comentários publicação 2020.



O Google é citado como fonte de informações, porém o comentário não esclarece que ao pesquisar o termo cloroquina, evidências cientificamente comprovadas irão aparecer, portanto cabe ao sujeito escolher em que acreditar. Fonte: Grupo Vacinas: o lado obscuro das vacinas<sup>29</sup>.

Ao dizer que se trata de uma “burrice”, a autora do comentário trata o outro de uma forma pejorativa haja vista o emprego dessa lexia. O sufixo –ice também é considerado um morfema depreciativo, assim, além de chamá-lo de ignorante, ela o ofende e ainda sugere uma pesquisa no Google, onde é possível encontrar todo tipo de (des)informação que exerce influência direta na crença dos sujeitos como o autor do comentário. “Na sociedade

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>. Acesso em 30 de agosto de 2020.

desconfiada, “Google” se tornou um verbo” (KEYES, 2018, p. 209), e isso ocorre porque o instinto das pessoas opera pelo viés da verdade, portanto se está no Google, na internet, para elas, é verdadeiro.

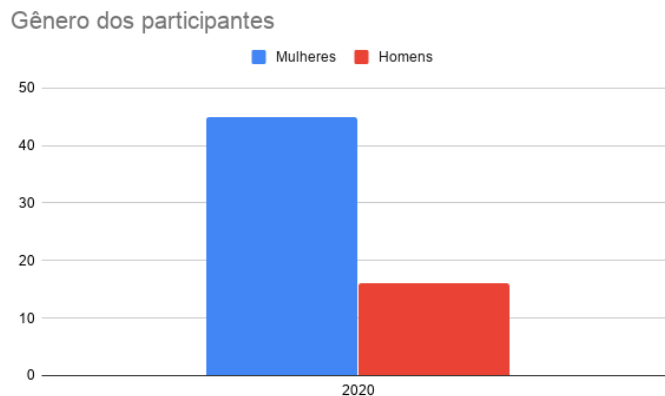
Os negacionistas não apenas discordam da ciência, eles provocam a dúvida sobre ela, e isso pode ser feito de diversas formas como lembra Kakutani (2018) citando indiretamente a escritora Zeunep Tüfekçi. A enxurrada de informações errôneas tem sido uma das principais táticas de seus adeptos:

inundando o público com informações, produzindo distrações para diluir a atenção e o foco; deslegitimando a imprensa que fornece informações corretas; semeando confusão, o medo e a dúvida deliberadamente; criando rumores ou alegando que determinadas informações são boatos [...] (KAKUTANI, 2018, p. 178 e 179).

Assim ao nos referirmos ao comentário do sujeito que menciona em outras palavras o que neste estudo entendemos por pós-verdade podemos dizer que “o espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação” (DEBORD, 1997, p. 24).

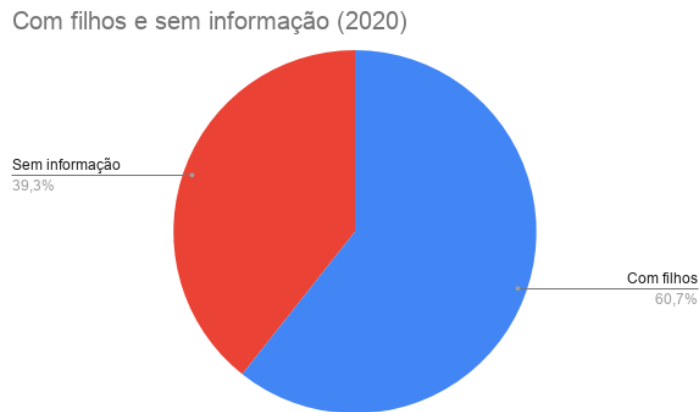
Em relação aos participantes da postagem de maior interação em 2020, temos em sua maioria mulheres, com filhos, com ensino superior e casados como mostram os gráficos abaixo.

Gráfico 9 – Gêneros dos participantes da postagem de maior interação 2020.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>

Gráfico 10 – Informações sobre os participantes da postagem de maior interação 2020.



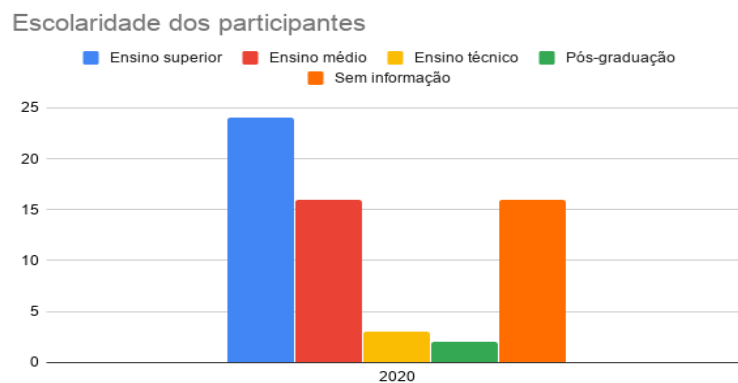
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>

O espaço-tempo da informação é fugaz no que se refere às mudanças de pensamento por parte do sujeito em relação a determinado assunto. Dessa forma, podemos notar que mesmo uma pessoa com grau de instrução elevado pode compartilhar *fake news* e ser contra vacinas, por exemplo, mesmo tendo acesso a informações baseadas em fatos científicos, como observamos no Gráfico 11.

É interessante notar a semelhança nos gráficos das três publicações; a maioria são mulheres, casadas, com filhos e um nível escolar que podemos descrever como de um sujeito “alfabetizado”, porém, não letrado, posto que apesar de leitor, não apreende o contexto social no qual o código, isto é, a palavra, se insere.

Nota-se que a relação entre esses sujeitos nas três postagens mostra o poder das bolhas, corroborando que “A mente funciona por reconhecimento de padrões, sendo atraída por padrões já conhecidos em detrimento dos desconhecidos.” (SANTAELLA, 2019, p. 18).

Gráfico 11 – Escolaridade dos participantes da postagem de maior interação 2020.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>

Gráfico 12 – Estado Civil dos participantes da postagem de maior interação 2020.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2619754144933857/>

O Facebook fechou 2020 com 2,8 bilhões de pessoas conectadas através de suas redes, onde fotos, mensagens, textos, notícias, *fake news* e um grande volume de informações são compartilhados em milésimos de segundos. Grupos fechados como o analisado neste capítulo 2 representam um seguimento com determinadas estratégias, as quais restam-nos buscar compreender como estas se distribuem na história conforme apresenta Foucault (2017).

Esta é uma análise que vai se moldando, conforme o foco e olhar do pesquisador, sendo possível de acordo com o autor francês apenas direcionar a pesquisa. O que aqui observamos até então é que o discurso antivacina define-se por opiniões que se amparam em falsas informações e está enraizado no emocional<sup>30</sup>. As teorias elaboradas pelos negacionistas antivacinas se baseiam na interpretação da ciência para atender a interesses e desejos próprios, seja para uma reação à vacina ou ao surgimento de uma enfermidade, para alcançar a cura para uma pandemia mundial, ou se opor à indústria farmacêutica e outros sistemas de poder que podemos considerar que:

maneiras sistematicamente diferentes de tratar objetos de discurso (de delimitá-los, reagrupá-los ou separá-los, encadeá-los e fazê-los derivar uns dos outros), de dispor formas de enunciações (de escolhê-las, organizá-las, constituir séries, compô-las em grandes unidades retóricas), de manipular conceitos (de lhes dar regras de utilização, fazê-los entrar em coerências regionais e constituir, assim, arquiteturas conceituais). Essas opções não são germes de discursos (onde estes seriam determinados com antecedência e prefigurados sob uma forma quase microscópica); são maneiras reguladas (e descritíveis como tais) de utilizar possibilidades de discursos (FOUCAULT, 2017, p. 82).

<sup>30</sup> Este trabalho adota como foco o viés emocional no contexto da Pós-verdade e nas informações por trás das crenças e desejos dos sujeitos. Há de se observar, também, que o enraizamento perpassa questões política e econômicas, entre outras.

Entre as estratégias antivacinas apresentadas no grupo analisado, notamos que fotos de supostas vítimas são usadas como comoção, descrita por Charaudeau(2012) como uma forma de evocação de lembranças de experiências passadas ou de outras imagens, ao vermos adolescentes na cama, podemos associar a tragédias humanitárias e surtos de doenças, mesmo sem nunca termos vivenciado isso. “Esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual ou coletiva” (CHARAUDEAU, 2012, p.255).

Esse agrupamento no Facebook possui uma maior identificação do que outras mídias como o Youtube, por exemplo, onde são necessários filtros para chegar em publicações que são usadas por antivacinas. Porquanto, entendemos que a internet possui diversas formas de conexão entre seus usuários, como esclarece Ferrari (2019).

Nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se organizavam a partir de relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões (FERRARI, 2019, p. 72).

### **1.5 O discurso antivacina no Youtube**

O site Youtube foi lançado oficialmente em junho de 2005, fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. A plataforma permite que os usuários façam *uploads* de seus vídeos de maneira simples, sendo possível visualizar, compartilhar e publicar em outros sites e redes sociais. Os vídeos incluem *takes* caseiros, opiniões, reportagens, propagandas, filmes, videoclipes e mais recentemente, as *lives* – transmissões ao vivo que se tornaram comuns no início da pandemia da Covid-19, em 2020.

Essa interação digital situada no campo do ciberespaço, proporcionada por mídias como o Youtube é compreendida por Pierre Lèvy (1999) como um movimento social que veio para fazer parte de nosso dia a dia.

As páginas da Web exprimem idéias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Por trás do grande hipertexto fervilham a multiplicidade e suas relações. No ciberespaço, o saber não pode mais ser concebido como algo abstrato ou transcendente. Ele se torna ainda mais visível — e mesmo tangível em tempo real — por exprimir uma população (LÉVY, 1999, p. 161).

Rapidamente, o Youtube conquistou o mundo, figurando entre os dez sites mais visitados. Em 2009, já eram mais de um bilhão de vídeos visualizados por dia na plataforma<sup>31</sup>, localizada em mais de 20 países e 38 idiomas, seu público possui uma ampla faixa etária, que vai dos 18 aos 54 anos.

Mais do que um serviço de *streaming*, o Youtube se tornou um encontro de comunidades alternativas onde é possível localizar diversas e as mais variadas informações a respeito de um assunto. A esse respeito, um dos pesquisadores da mídia mais influentes da atualidade, Henry Jenkins disse:

O YouTube emergiu como um site fundamental para a produção e distribuição da mídia alternativa – o marco zero, por assim dizer, da ruptura nas operações das mídias de massa comerciais, causada pelo surgimento de novas formas de cultura participativa (JENKINS, 2009, p. 356).

Dessa forma, em uma mesma plataforma é possível assistir a vídeos sobre o terraplanismo e suas teorias, assim como o de pesquisadores renomados que explicam com embasamento científico porque a Terra é redonda. Do mesmo modo, o movimento antivacina encontrou no Youtube uma forma de compartilhar suas crenças, ao mesmo tempo em que cientistas atestam a eficácia das vacinas.

Alvo de críticas por parte de pesquisadores que lutam contra a desinformação, o Youtube tem endurecido as regras da plataforma para não permitir a publicidade e fins lucrativos de vídeos que promovem mensagens antivacinas, isso ocorre porque a forma de pagamento na plataforma ocorre em função do número de visualizações de vídeos e inscrições no canal em que estes vídeos são divulgados.

Em 2020, a empresa disse ter removido 200 mil vídeos que violavam sua política sobre a disseminação de informações médicas incorretas sobre a Covid-19.<sup>32</sup> No entanto, uma pesquisa do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto, mapeou que de março a outubro de 2020, 65 vídeos considerados antivacinas foram publicados em 37 canais do Youtube. Juntos, os vídeos tiveram quase 4 milhões de visualizações<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

<sup>32</sup> Disponível em [https://cultura.uol.com.br/noticias/13755\\_movimento-denuncia-falha-no-youtube-que-recomenda-e-monetiza-videos-antivacina.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/13755_movimento-denuncia-falha-no-youtube-que-recomenda-e-monetiza-videos-antivacina.html). Acesso em 28 de janeiro de 2021.

<sup>33</sup> Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/saude/youtube-permite-circulacao-de-fake-news-sobre-vacina-da-covid-19-diz-estudo/amp/?fbclid=IwAR2L9KTlbQ73G8fxJ4X8MB8fdeYz8cbwQyroa1phJqiY38X9WnU3Zh3Nr-U>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

Compreendendo a dimensão da gravidade do tema que vem assolando o mundo, compartilhamos também a análise de vídeos encontrados no YouTube que fazem referência ao movimento antivacina e ao negacionismo científico.

De forma exploratória, foi realizada uma busca de modo manual no site YouTube utilizando as palavras-chave “*não tome vacina*”, “*verdade e vacinas*” e “*antivacinas*” que representam o tema abordado neste estudo, com o filtro “*contagem de visualizações*” para mensurar qual o impacto das publicações.

A pesquisa e a coleta dos vídeos para este capítulo 2 foi realizada entre os dias 29 e 30 de janeiro de 2021. Ao utilizar o termo “*não tome vacinas*”, observamos que o primeiro item que aparece é uma música, sendo, portanto, descartado.

Já o segundo item que aparece como indicado foi publicado em dezembro de 2020, dentro dos anos mensurados como critérios para esta pesquisa (2018, 2019 e 2020). O vídeo publicado na página do jornal UOL em 17 de dezembro de 2020 possui 2 minutos e seis segundos, com 802 mil visualizações. Nele, o presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro (sem partido) durante um evento em Porto Seguro, na Bahia, diz que não irá tomar a vacina contra a covid-19, porque já teve o vírus e possui anticorpos.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), vinculada à OMS, orienta que mesmo pessoas que já contraíram a doença devem se vacinar, uma vez que a vacina pode oferecer uma imunidade mais duradoura e trazer mais benefícios em relação à imunidade natural<sup>34</sup>.

Figura 7 – Vídeo Youtube termo “Não tome Vacina”.



O discurso do presidente Jair Bolsonaro se referindo às vacinas durante um evento repercutiu em diversas redes sociais em dezembro de 2020. Fonte: Youtube<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Informativo da OPAS disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

<sup>35</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

No grupo antivacina monitorado durante essa pesquisa, a imunidade natural - quando se adquire a imunidade contraindo uma doença - é apontada como um meio de se opor às vacinas. Ao considerar que não necessita da vacina por já ter contraído a doença, o sujeito não leva em conta que um vírus novo, carece de estudos, já que no meio científico sabemos que o ocorre em uma doença pode não ser considerada em outra e quando um novo vírus circula entre uma população, os efeitos podem ser os mais adversos.

Ao assimilar este fato, o sujeito é levado à desinformação em relação à imunidade natural, isso se intensifica devido ao fato de essa informação equivocada ter sido repassada por um sujeito que ocupa o cargo de soberano da nação.

Ao contrário da pura mentira, a desinformação – e é nisto que o conceito é interessante para os defensores da sociedade dominante - deve fatalmente conter uma certa parte de verdade, mas deliberadamente manipulada por um hábil inimigo (DEBORD, 1997, p. 202).

Tal fato nos leva a refletir sobre o quão grave é o uso da pós-verdade no contexto da saúde pública. Há ainda a questão da confiança em instituições, Keyes (2018) argumenta que a credibilidade das pessoas é afetada quando há uma quebra na veracidade, a sociedade, então, passa a desconfiar de tudo, gerando um impacto negativo no modo como assimilamos as informações que chegam até nós.

Depois que o líder de um país, ou um clérigo, ou um professor universitário é pego manipulando a verdade, questionamos se podemos contar com a honestidade de *qualquer pessoa*. Essa é a maneira pela qual o comportamento pós-verdadeiro de indivíduos específicos afeta nosso contrato social como um todo (KEYES, 2018, p. 223) .

De fato, como apontado por Santaella (2019, p.35), uma das áreas mais afetadas pelas notícias falsas é a política “justamente esse campo de atuação e decisão de que dependem os destinos da democracia nessa era do pós-digital”. Em complemento, citamos o poder de afirmação dos discursos apontado por Foucault (2010), que pode tanto afirmar ou negar proposições verdadeiras e falsas, desta forma, devido à posição política e social que ocupa o presidente, seu discurso “*eu não vou tomar (vacina), alguns falam que eu tô dando péssimo exemplo, ô imbecil! Eu já tive o vírus, eu já tenho anticorpos*”, possui um alto grau de influência para com seus eleitores/cidadãos. “A análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação” (FOUCAULT, 2010, p. 70).



Com sua posição de presidente da nação, Jair Bolsonaro intimida e silencia o outro, neste caso, a imprensa, por meio de sua legitimidade de governante. Por meio de interditos, a afonia da verdade se mostra evidente como se observa no discurso acima.

Desde que assumiu a presidência, Jair Bolsonaro troca ataques com a imprensa tradicional, ao dizer “*alguns falam que eu tô dando péssimo exemplo*”, o sujeito tenta “desacreditar o jornalismo que considera ameaçador ou desfavorável” (KAKUTANI, 2018, p. 117), se passando por vítima, ele ataca o inimigo.

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D’ANCONA, 2018, p. 19).

O adjetivo e substantivo de dois gêneros “imbecil” que é colocado no final da fala traz uma ofensividade que resulta até mesmo em um crime segundo o código penal brasileiro, o de difamação.

No vídeo (Figura 7), o presidente ainda fala sobre o contrato da Pfizer se isentando de efeitos colaterais, a esse respeito ele diz: “*Se você virar um jacaré é problema de você*” (Figura 7), comentário que gerou grande repercussão nas redes sociais, com memes que vinculam o fato de virar jacaré ao de estar vacinado contra a Covid-19.

Ao mencionar tal frase, o enunciado por parte do político gera uma controvérsia e incita o espetáculo de modo que seu discurso seja (re) transmitido pelas mídias, deixando-o em evidência, como mostra Charaudeau (2012). “Fazer da informação um objeto de espetáculo é arriscar-se a ultrapassar as instruções do contrato, a eliminar a finalidade informativa em prol da captação, e a cair num discurso de propaganda com fins de autopromoção” (CHARAUDEAU, 2012, p. 192).

Em seu livro sobre a pós-verdade, Kakutani (2018) critica a forma como o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, ataca a verdade dos fatos com discursos de improviso, insultos e insinuações. Trazendo ao contexto brasileiro, podemos supor que Jair Bolsonaro e Trump se assemelham em tais declarações como “parte de uma estratégia deliberada para acostumar as pessoas ao bizarro” (KAKUTANI, 2018, p. 124) que aliena e gera o espetáculo. De modo que “o espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o autorretrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência” (DEBORD, 1997, p. 20).

Declarações como essa de virar um jacaré após se vacinar entram em uma discussão sobre a troca da mentira pelo “falar besteira” sem preocupação com a verdade, conforme citado no livro *On Bullshit* (2009) do filósofo e professor norte americano Harry Frankfurt. Na obra, o autor esclarece que pessoas que falam besteira são menos julgadas do que as que são mentirosas e expõe seu pensamento sobre porque isso ocorre. Entre alguns argumentos está o fato de a pessoa não ter conhecimento sobre o assunto. “A besteira é inevitável sempre que as circunstâncias exigem que alguém fale sem saber do que está falando” (FRANKFURT, 2009, p. 15).

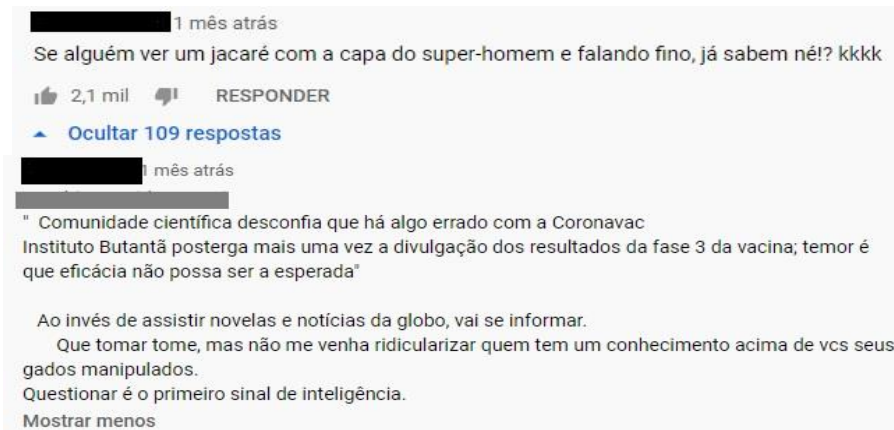
Para o jornalista D’Ancona (2018) podemos pensar que o ato de falar uma besteira é uma prova da pós-verdade em um discurso. “Ridicularizar é outra força que desmascara as mentiras, mas faz isso com impacto emocional, e não como um aríete intelectual” (D’ANCONA, 2018, p. 119).

O vídeo (Figura 7) aparece acompanhado das *hashtags* #bolsonaro #covid19 #vacina, e possui 20 mil curtidas e 4,7 mil não curtidas, além de 7.603 comentários até a data da coleta das informações.

Em relação ao imunizante, no início de dezembro de 2020, um ano após a descoberta do vírus SARS-CoV-19, o Reino Unido aprovou o uso da vacina da Pfizer e BioNTech, e foi o primeiro país do ocidente a dar início à vacinação contra a Covid-19. O mesmo ocorreu em outras nações, como os Estados Unidos, Canadá, União Europeia. No Brasil, a agência reguladora ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou no dia 17 de janeiro de 2021, o uso emergencial de duas vacinas: a Coronavac produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a fabricante chinesa de medicamentos Sinovac Biotech e a vacina AstraZeneca produzida pela Universidade de Oxford contra a Covid-19.

Dentre os comentários do vídeo da Figura 7, observamos sujeitos expressando discursos contra e a favor do presidente brasileiro, da política e da ciência, como ilustra a Figura 8 abaixo, a qual é de um comentário com mais de 2 mil curtidas e 109 respostas.

Figura 8 - Comentários no vídeo do Bolsonaro.



Centenas de comentários são observados na postagem no Youtube. Fonte: Youtube<sup>36</sup>

Na primeira frase “*Se alguém ver um jacaré com a capa do super-homem e falando fino, já sabem né!? KKK*”, há o tom de sarcasmo, uma figura de linguagem que ofende o outro de maneira agressiva denotando o pensamento do seu locutor e expondo seu ponto de vista, neste caso, condizente com seu preconceito e suas crenças, típico das bolhas nas quais o sujeito está inserido. Assim, Foucault vai dizer que “o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2017, p. 128), compreendendo, então, o discurso do movimento antivacina inserido nos enunciados selecionados.

Na resposta da Figura 8, novamente o discurso comum dos negacionistas antivacina, o de buscar informações, principalmente na internet é encontrado em “*Ao invés de assistir novelas e notícias da globo, vai se informar*”. “A internet combina informações e desinformações indiscriminadamente, sem que guardas suficientes determinem o que é o quê”, afirma Keys (2018, p.201), dessa forma, buscar informação na internet, conforme esse autor, significa estabelecer um viés de verdade para reforçar aquilo em que o sujeito acredita, mesmo que seja uma desinformação.

Para o filósofo Dunker (2017), a principal característica da pós-verdade, é a recusa ao outro, a reação com ódio e indiferença ao pensamento de outro sujeito que é diferente do seu. “Um fato importante na nova cultura da indiferença e do ódio é que nossas respostas não são exatamente concentradas no que o outro diz, mas no ambiente, no contexto, no que se ajusta bem à paisagem” (DUNKER *et al.*, 2017, p. 35). Presenciamos, dessa maneira, que os

<sup>36</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

comentários da Figura 8 vão ao encontro do que foi observado nas análises referentes às postagens do Facebook.

Dando continuidade em nossa pesquisa através do Youtube, pelo levantamento do termo “*verdade e vacinas*”, o vídeo intitulado “A vacina contra a Covid-19 é perigosa? Anthony Wong responde” (Figura 9), aparece como primeiro nas buscas dentro da plataforma. Trata-se de um programa de opinião da Jovem Pan, com mais de 2 milhões de visualizações. A entrevista de 25 minutos e 25 segundos é feita com o médico toxicologista Anthony Wong, e foi publicada em 20 de outubro de 2020, se enquadrando, portanto, nos critérios de busca para esta pesquisa.

No vídeo, são abordados temas como a eficácia da Coronavac, produzida pela Sinovac em parceria com o Instituto Butantan e a segurança das vacinas contra a Covid-19, visto que elas ainda estão em fase de testes. O médico questiona o funcionamento das fases das vacinas para a Covid-19, fala sobre a vacina da gripe suína que, segundo ele, foi pior que o vírus e, ainda, comenta os efeitos colaterais da Poliomielite viral. O entrevistado ainda acusa a mídia de incitar o medo e o desespero contra a Covid-19, negando os fatos divulgados e, ao ser questionado se tomaria a vacina contra a Covid-19, afirma ter anticorpos e que, por causa disso não iria tomá-la, semelhante ao que ocorreu no vídeo da figura 7.

Retomando o que diz Foucault (2010, p. 39) entendemos que o discurso antivacina equivale a “um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”, ou seja, notamos a similaridade da fala, o apelo emocional, a figura autoritária, o negacionismo científico, a acusação e o ódio encontrados nos discursos.

Um canal como esse no Youtube, possui um grande poder de alcance dentro da sociedade, impulsionado pela rapidez e liquidez que as redes sociais proporcionam. Ferrari (2018) comenta que os consumidores de informação não se preocupam com a veracidade dos fatos, os quais antes era mediadas pela imprensa.

Haveria nisso um paradoxo pedindo uma explicação. De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que potencializam a precisão e a memória digital. De outro a possibilidade de assistir a produtos audiovisuais em qualquer lugar e a qualquer momento abre a porta para as *fakes News*[...] (FERRARI, 2018, p. 79).

No vídeo da Figura 9, as *hashtags* utilizadas foram os nomes da emissora e do programa: #JovemPan #OsPingosNosIs. O vídeo vem acompanhado por duas tarjas, uma sobre informações mais recentes do Ministério da Saúde sobre a Covid-19 que direciona o

espectador ao site <https://www.gov.br/saude/pt-br>, onde é possível obter informações oficiais da pasta. A outra tarja traz informações da Anvisa quanto às vacinas direcionando ao seguinte endereço: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/fique-por-dentro-do-mapa-das-vacinas-em-teste-no-brasil>. Notamos, desse modo, que o conteúdo foi identificado pelos algoritmos do Youtube como uma possível ameaça às informações repassadas pelos meios de comunicação oficiais.

O programa radiofônico jornalístico “Os pingos nos Is” foi criado em 2014 e possui um número expressivo de espectadores, contemplando notícias políticas com comentários e opiniões próprias. Em fevereiro de 2021, o site de checagem de informações “Aos Fatos<sup>37</sup>” atribuiu ao programa e a outros veículos da imprensa brasileira o impulsionamento da desinformação sobre o tratamento precoce e ineficácia das medidas de prevenção contra a Covid-19 no Brasil.

Como utilidade pública, as notícias transmitidas pelo rádio têm o poder de afetar o cotidiano das pessoas. Em metrópoles, as horas gastas no trânsito excitam a criação de programas radiofônicos que informam o trânsito, o tempo, trazem relatos sobre sua cidade, país e mundo:

A regionalização do rádio colaborou decisivamente para que o jornalismo se fortalecesse na cobertura local. A estruturação das emissoras procurou atender ao chamado mercado local e isso, de certa forma, condicionou o radiojornalismo (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 48).

Atualmente, esses programas são transmitidos simultaneamente pela internet, aumentando seu alcance e mostrando como o rádio tem sido um meio de comunicação que se moldou ao seu tempo. Não importando o meio como a informação chega até seus ouvintes, o rádio/Youtube deve seguir as mesmas diretrizes da imprensa e utilizar como disse Charaudeau (2012) de fontes internas da própria mídia ou externas segundo seu caráter institucional ou não. “A instância de produção tem, pois, uma dupla responsabilidade: a de obter os meios de aceder a um máximo de fontes possíveis, verificá-las e apresentá-las” (CHARAUDEAU, 2012, p. 148).

---

<sup>37</sup> Disponível em <https://www.aosfatos.org/noticias/impulsionados-pela-imprensa-medicos-que-desinformam-sobre-covid-19-somam-30-mi-de-visualizacoes-no-youtube/>. Acesso em 13 de abril de 2021.

Figura 9 – A vacina contra a Covid-19 é perigosa?

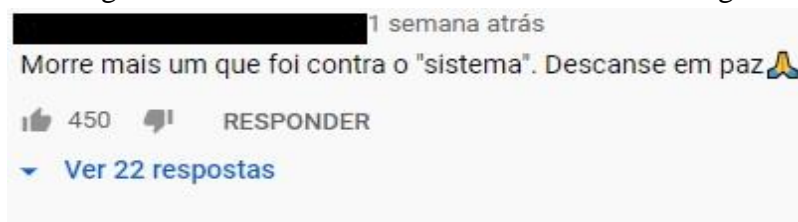


Quando o jornalismo questiona a ciência, ele leva a população à um paradoxo que pode afetar diretamente a formação da opinião pública. Fonte: Youtube<sup>38</sup>

O problema ocorre quando essas fontes que deveriam trazer as informações baseadas na ciência disseminam a desinformação, como observamos no vídeo da figura 9, isso se torna um banquete nas mãos dos negacionistas. “De fato, nunca houve um modo mais rápido e mais poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la online” (D’ANCONA, 2018, p. 53).

Diante dos 12.679 comentários, é possível observar pessoas que apoiam o discurso do médico e acreditam que ele falou a verdade e que por isso teria sido “calado” por ir contra ao “sistema”. Para esses sujeitos que acreditam na posição do médico, de ir contra os órgãos oficiais como a OMS, entre outros, há inclusive uma teoria da conspiração, a de que seus argumentos produzidos durante a entrevista o fizeram ser “calado”, insinuando que sua morte pouco tempo depois da entrevista teria sido algo planejado.

Figura 10 - Comentário sobre a morte do Dr. Wong.



O sistema reflete o que seria a verdade do sujeito e não o que de fato é. Fonte: Youtube<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pZhcD-wF5gI>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

<sup>39</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pZhcD-wF5gI>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

O Dr. Wong faleceu em janeiro de 2021, após sofrer uma parada cardiorrespiratória. O médico era conhecido por defender o uso de hidroxicloroquina para tratar a Covid-19 e criticar o isolamento social. Entre seus apoiadores é possível observar comentários de pessoas dizendo que não tomarão a vacina.

Na figura 11, ainda notamos alguns comentários dos espectadores do programa acerca das vacinas contra a Covid-19. Sobre o modo como as pessoas expressam suas opiniões na internet, Lévy (1999) vai nos dizer que:

[...] como já enfatizei diversas vezes, o ciberespaço é justamente uma alternativa para as mídias de massa clássicas. De fato, permite que os indivíduos e os grupos encontrem as informações que lhes interessam e também que difundam sua versão dos fatos (inclusive com imagens) sem passar pela intermediação dos jornalistas. O ciberespaço encoraja uma troca recíproca e comunitária, enquanto as mídias clássicas praticam uma comunicação unidirecional na qual os receptores estão isolados uns dos outros (LÉVY, 1999, p. 206).

As insinuações levantadas pelo Dr. Wong em sua entrevista foram um combustível para os mais variados comentários contra a eficácia das vacinas, por isso Dunker *et al.* (2017, p.39) lembra que “...onde há polêmica e controvérsia de opiniões é porque estamos no campo da ideologia e da metafísica. Para a pós-verdade, a ciência silencia e a ideologia faz falar”.

Figura 11 - Comentários sobre a vacina chinesa no vídeo do Dr. Wong.



Entre os comentários pessoas afirmam não serem cobaias da China, país onde teve início a pandemia da Covid-19. Fonte: Youtube<sup>40</sup>

A “guerra aberta de opiniões” descrita por Dunker (2017) nos leva a entender que não só a imprensa, mas todos devemos ser checadores de fatos como diz Ferrari (2018) em uma jornada em busca do combate às *fake news*.

<sup>40</sup> Idem 11.

Depois de séculos de manipulação, temos a chance [com as ferramentas digitais, gratuitas e disponíveis para nós] de fazer a diferença, de enxergar através do buraco da fechadura. Temos a chance de fazer um planeta melhor (FERRARI, 2019, p. 169).

O que diz a jornalista se torna mais claro ao pesquisarmos o termo “*antivacina*” no Youtube. Notamos que os vídeos são relacionados a explicações sobre o que é o movimento e como ele prejudica a saúde pública no Brasil. A primeira publicação que aparece é “Por que existe gente antivacinas? (OU: o tempo algoz das memórias) (#Pirulla 267)” (Figura 12).

O vídeo em questão possui 139. 854 visualizações até o dia da coleta dos dados, e foi publicado no dia 27 de setembro de 2018, no canal do Pirulla que faz parte da iniciativa *Science Vlogs* Brasil, um selo de qualidade colaborativo que reúne os divulgadores de ciência mais confiáveis do Youtube Brasil.

Como uma luz na escuridão, o vídeo nos mostra que a luta pela ciência e a verdade dos fatos, embora ainda em um curto espaço já está presente entre nós. Com 21 minutos e 43 segundos, a publicação se enquadra na linha de tempo dessa pesquisa, com 19 mil curtidas e 339 não curtidas. De forma explicativa, o paleontólogo e *youtuber* Paulo Miranda Nascimento, conhecido como “Pirulla” fala que as pessoas se preocupam em se vacinar somente quando há uma doença atacando uma determinada sociedade, porém, quando a doença é controlada, e não há mais aquela busca pela cura, o que começa a ganhar destaque são os efeitos colaterais das vacinas, os quais atingem uma pequena parcela da população.

Há de se destacar que se compararmos ao que vivemos com a Covid-19, isso é diferente, nesse caso, nunca se falou tanto sobre o processo de produção de vacinas e nunca houve tantas *fake news* e desinformações sobre vacinas como agora.

Retomando o vídeo da Figura 12, o palestrante cita exemplos de diversas doenças letais erradicadas que voltaram a circular, pois as pessoas pararam de se vacinar. Ele comenta o fato de a atual geração não conhecer pessoas infectadas, o que faz com que o saber de uma provável reação se torne pior do que a própria doença, e assim é gerando a desconfiança em relação às vacinas, aliada às teorias da conspiração e outras questões, ou seja, para ele trata-se do fato de que a memória das pessoas é temporária.

A esse respeito, Santaella (2019) vai dizer que:

Se não houver registro do fato, ele não existiu. Ademais, se dissimulado pela mentira, poderá ser difícil redescobrir um fato, pois eles existem no tempo e no espaço. Se não forem gravados em algum tipo de memória, viram poeiras perdidas



no tempo. Apesar de poderem ser mantidos separados, fatos e opiniões também pertencem ao mesmo domínio da realidade. (SANTAELLA, 2019, p. 77).

Como antes da Covid-19, nossa geração não conhecia pandemias, a luta para salvar vidas e o grande número de mortos que uma nova enfermidade pode causar trouxeram à tona a realidade do que as doenças são capazes de causar em uma sociedade, algo que as pessoas haviam esquecido, cuja veracidade até questionavam. Debord (1997) lembra que vivemos em um presente perpétuo, com a perda de uma referência racional de nosso passado, dando espaços às ideologias.

Quando a ideologia, tornada absoluta pela posse do poder absoluto, transforma-se de conhecimento parcelar em mentira totalitária, o pensamento da história fica tão aniquilado que a própria história, no nível do conhecimento mais empírico, já não pode existir (DEBORD, 1997, p. 74).

O fato também de não estar doente é outro ponto apontado pelo Pirulla na Figura 12 para que as pessoas deixem de se vacinar. O *youtuber* compara, inclusive, as pessoas que hoje defendem a ditadura e não sabem ou se esqueceram o que foi de fato esse regime autoritário em nosso país.

Figura 12 - Porque existe gente antivacinas?

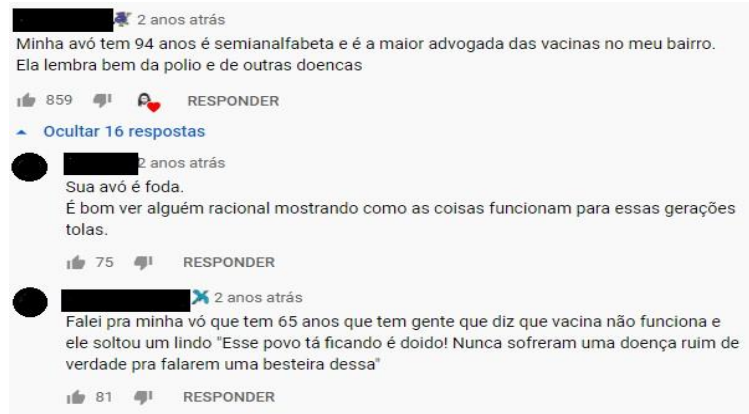


Apesar de existir vídeos que explicam o que são os antivacinas como esse, links em inglês são comumente compartilhados no grupo analisado do Facebook. Fonte: Youtube<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=2p9vqg8\\_Hsk](https://www.youtube.com/watch?v=2p9vqg8_Hsk). Acesso em 30 de janeiro de 2021.

A publicação possui 1.765 comentários, muitos dos quais fazem elogios à análise feita pelo produtor e mostram o exemplo de pessoas que defendem as vacinas, principalmente os que viveram outros surtos de doenças.

Figura 13 – Comentários pró-vacina das gerações anteriores.



Outras gerações se lembram do que as doenças hoje erradicadas graças à imunização podem fazer. Fonte: Youtube<sup>42</sup>

Combater as *fakes news* e a desinformação não é tarefa simples, estudiosos apontam para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o que chega até nós ou visualizamos na internet e a ampliação das agências de *fact-checking*. No Brasil, plataformas como a “Aos Fatos”, “Lupa” “RNCD – Rede Nacional de Combate à Desinformação”, sites jornalísticos como a Folha de São Paulo, Zero Hora, G1, entre outras checagens vinculadas às instituições de pesquisa tem se dedicado a desmentir as *fakes news* disseminadas na rede mundial de computadores.

Mais do que desmascarar a mentira e mostrar a verdade dos fatos, é preciso educar como mostra o vídeo da Figura 12. A professora Santaella em seu livro “A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa (2019) insiste em dizer que é preciso educação para nos livrar das bolhas que nos aprisionam na rede de notícias falsas, assim como argumenta que “[...] tanto contra as bolhas, que servem de alimento para as FNs, quanto contra a sua cega disseminação não pode haver melhor proteção do que o processo educativo pessoal, coletivo e público”(SANTAELLA, 2019, p.45).

Retomando Foucault (2010), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2010, p. 44). Educar para evitar a desinformação é um caminho longo e árduo, porém se cremos em dias melhores para a ciência, sobretudo para a

<sup>42</sup> Idem 37.

valorização das vacinas como forma de prevenção segura para as enfermidades, assim esperamos obter sucesso no combate às notícias falsas, uma vez que:

essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. (FOUCAULT, 2010, p. 18).

O vídeo de Pirulla representado na Figura 12 é um exemplo sobre a importância de fazermos a nossa parte para evitar as *fakes news*, e essa tem sido a principal motivação deste trabalho.

O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise, e é este hoje, essencialmente, o papel do historiador. Trata-se, com efeito, de ter do presente uma percepção densa, de longo alcance, que permita localizar onde estão os pontos frágeis, onde estão os pontos fortes, a que estão ligados os poderes [...] (Foucault, 1988, p. 86).

Além das agências de checagem e da imprensa, em 2021, diversas organizações se uniram para a criação de um consórcio pró-vacina, intitulado #UniaoPróVacina<sup>43</sup>, o grupo tem o objetivo de reunir instituições acadêmicas e de pesquisa, poder público, institutos e órgãos da sociedade civil para combater a desinformação sobre as vacinas, planejando e coordenando atividades conjuntas. A “União Pró-vacina” está presente nas redes sociais e em um site onde podem ser encontrados materiais informativos que auxiliam no combate às *fake news*. A parceria entre as agências de checagem, instituições e a imprensa ainda é recente, mas pretende servir de modelo para outras iniciativas pró-vacinas.

Dando continuidade em nossa busca por palavras-chave no Youtube, não obtivemos êxito ao procurar o termo “antivacina” na plataforma até abril de 2021, provavelmente isso ocorra como parte do programa de combate às notícias falsas na plataforma. É importante mencionar que não encontramos postagens / publicações diretas sobre o movimento antivacina no Brasil, no entanto, observamos que muitos dos vídeos compartilhados pelo grupo antivacina no Facebook utilizado neste estudo são provenientes de títulos em inglês, ainda possíveis de serem encontrados no Youtube.

---

<sup>43</sup> Disponível em <https://sites.usp.br/iearp/uniao-pro-vacina/>. Acesso em 14 de abril de 2021.

## 1.6 O WhatsApp como instrumento de propagação da hesitação vacinal

Para trazer uma maior contribuição a essa pesquisa, apresentamos uma *fake news* compartilhada pelo Whatsapp, a segunda rede social mais usada pelos brasileiros. Em 2019, uma pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Nacional mostrou que o WhatsApp é a principal fonte de informação dos brasileiros, das 2.400 pessoas que participaram da entrevista, 79% disseram receber notícias sempre pelo aplicativo. A pesquisa levou em consideração, usuários de todos os estados e do Distrito Federal. Além do aplicativo, outras mídias como o Youtube, Facebook e Instagram apareceram como fontes de informação citadas.

Assim, com o crescente avanço das redes sociais conforme temos mostrado, acompanhamos a disseminação de notícias fraudulentas atreladas ao negacionismo científico em diversas mídias, sobretudo em 2020 devido à pandemia do novo coronavírus. Teorias conspiratórias, desinformações, imagens e *fake news* são encaminhadas via Whatsapp, o caráter mais íntimo dessa rede social faz com que o sujeito possa vir a acreditar com mais facilidade no que seja proveniente de um conhecido próximo do que nas postagens de um grupo ou em um comentário na rede social.

No que compete à disseminação de notícias fraudulentas podemos citar Dunker (2017), o qual diz que “não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, nos levam a confirmar conclusões tendenciosas” (DUNKER, 2017, p. 38). Desse modo, entendemos que os enunciados falsos utilizam de traços de uma verdade universal, de confiança de seus receptores e de discursos de autoridade que são endereçados aos que compartilham de suas crenças e preconceitos.

Citando Nilson Lage, podemos dizer que essa proximidade dos contatos do WhatsApp pode ser comparada a um jornal de bairro que possui uma influência muito maior no cotidiano de um sujeito do que um meio de comunicação mais geral que aqui podemos citar o Ministério da Saúde.

Sistemas de comunicação muito amplos, como jornais nacionais ou redes de televisão, podem ser enfrentados por sistemas infinitamente menos poderosos, porém de mensagem mais próxima, como os jornais locais ou de bairro, os shows de clube e as estações de programação regional. Tal confronto depende, é claro, de circunstâncias políticas, econômicas e técnicas, mas a tendência teórica na medida em que o processo de concentração monopolista atinge o auge (LAGE, 2001, p. 94).

Na figura 14, observamos uma mensagem sobre a inclusão de nano-chips na vacina que é produzida pela China, como uma forma de “controle” da população, uma alusão às obras de ficção científica que vemos nas telas de cinema.

Nem mesmo os pesquisadores e defensores da checagem dos fatos escapam do envio de conteúdo como o da Figura 14, recebido pela autora dessa pesquisa em seu WhatsApp. A publicação foi enviada por uma amiga, e esse grau de proximidade a uma *fake news* que se espalha pelo aplicativo é preocupante já que:

Como o vivenciar é líquido e, no minuto seguinte, estamos vivenciando outra postagem, o tempo necessário para o cérebro verificar a veracidade do fato narrado fica prejudicado, pois, na maioria das vezes, só para citar um exemplo, os consumidores compartilham a informação apenas pelo título, sem se dar ao trabalho de ler o texto completo ou mesmo de verificar a fonte de informação (FERRARI, 2019, p. 77).

Os antivacinas utilizam da teoria conspiratória, da rapidez do compartilhamento e do alcance dessa rede social para alimentar o medo pelas vacinas e induzir a desinformação.

[...] as teorias conspiratórias sempre se destacaram como um recurso explicativo... No século XXI, a mentalidade conspiratória é, em parte, uma resposta a um mundo de mudanças ocasionalmente atordoantes: a globalização e seus descontentes, a mobilidade populacional sem precedentes, a revolução digital, as formas em rápida mutação do extremismo e do terrorismo, as possibilidades estonteantes da biotecnologia (D'ANCONA, 2018, p.79).

Figura 14 - Mensagem transmitida através do WhatsApp.



A proximidade do aplicativo, onde geralmente você recebe informações de parentes e amigos que conhece faz com que a propagação de *fake news* seja uma constante no dia a dia. Fonte: Whatsapp.

Após analisarmos as postagens e comentários das redes sociais Facebook, Youtube, além de uma *fake news* compartilhada através do WhatsApp, a partir do referencial teórico elencado, seguiremos para a análise comparativa entre o discurso do Movimento Antivacina e o discurso do Órgão oficial brasileiro, o Ministério da Saúde.

### **CAPÍTULO III - ENTRE O REAL E A FICÇÃO: UMA COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE E DAS REDES SOCIAIS ANALISADAS**

*“Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto, está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada” (Michel Foucault).*

Passadas as etapas teórica e de análise que sustentam o tema desenvolvido nesta dissertação, consideramos agora outro ponto importante para responder aos objetivos propostos neste trabalho. Neste capítulo apresentaremos algumas ações do Governo Brasileiro compreendendo ao período de análise deste trabalho (2018 - 2020), especificamente as atuações do Ministério da Saúde com o intuito de propor uma reflexão se há ou não um interesse em combater as notícias falsas sobre as vacinas, e entender se de fato, as ações têm sido ou não suficientes.

Compreender esse contexto é necessário para provocar discussões que possam de algum modo, lançar propostas que levem à identificação de pontos que possam ser melhorados em prol da saúde pública. Para a análise, foram consultados o site institucional, o Facebook e Youtube do Ministério da Saúde, de acordo com a data das postagens das publicações analisadas no Capítulo 2, pois entendemos que o período de amostra serve como parâmetro para refletir se houve ou não, um interesse por parte do órgão oficial de combater as *fakes news* em circulação naquele momento.

Diante da perspectiva teórica deste trabalho, a análise comparativa leva em consideração o pensamento de Foucault (1982), tendo em vista que as relações de poder apontadas por ele dialogam com os discursos analisados. Podemos considerar se há a influência de um órgão oficial (o Estado) sobre a opinião pública acerca das informações a respeito das vacinas. Através dos discursos tanto do movimento antivacina, quanto do Ministério da Saúde também elencamos elementos de contrários e de semelhança como forma de análise.

Para Foucault (1986) não existe uma sociedade sem relação de poder, esse poder podemos entender que é concretizado por meio de instituições econômicas, políticas e sociais como escolas, igrejas e, em nossa atualidade, em grande parte pela *mass media*, refletindo na construção da opinião pública conforme reporta Charaudeau (2012).

Mais que uma rede social, podemos considerar, então, o Facebook, Youtube e o WhatsApp como mídias de informação que “contribuem de maneira muito mais ativa para a realização do debate social, dispendo num lugar particular - que é o delas, e que elas

dominam - dispositivos que proporcionam o surgimento e o confronto de falas diversas” (CHARAUDEAU, 2012, p. 188).

É dessa forma que este trabalho realiza a análise comparativa entre o discurso oficial e o discurso antivacina à luz dos conceitos aqui apresentados, de forma esquematizada e objetiva como veremos a seguir.

### 3.1 A retórica da verdade sobre as vacinas

Retomando as publicações analisadas no Capítulo 2, observamos que o *post* de maior interação em 2018 diz respeito aos efeitos colaterais da vacina contra a HPV. Ao buscar o termo HPV no site oficial do Ministério da Saúde <sup>44</sup> são encontrados 334 arquivos de notícias e 218 de mídia, totalizando 568 menções ao HPV. As publicações começam no ano de 2016. Em sua maioria, as matérias reportam a convocação dos adolescentes para a vacinação nos estados brasileiros.

Ao aplicar o filtro referente ao ano de 2018, duas notícias chamaram a atenção, a primeira é “Ministério da Saúde quer vacinar 10 milhões de jovens e adolescentes contra meningite e HPV”, publicada no dia 13 de março de 2018. A matéria esclarece que a campanha do órgão não é somente pela vacinação e sim, por um esclarecimento acerca das informações verdadeiras, baseadas em dados científicos acerca da vacina contra o HPV.

A segunda matéria que nos chama a atenção foi publicada no dia 19 de dezembro de 2018, embora a data esteja de acordo com o foco dessa investigação, uma vez que a postagem no grupo antivacina é datada em 02 de dezembro, não encontramos evidência de ser uma publicação em contraponto ao movimento antivacina. A reportagem intitulada “SUS passa a oferecer novos tratamentos para sintomas do HPV”<sup>45</sup>, fala sobre a inclusão de dois cremes para a profilaxia de sintomas da doença, além de citar a existência no calendário nacional da vacina como forma de prevenção. Não há nenhuma notícia se referindo a possíveis efeitos colaterais da vacina, em nenhum mês ou ano que aparece em nossas buscas. Dessa forma, no que tange ao combate a desinformação específica aos efeitos colaterais mencionados na Figura 1 do Capítulo 2 sobre a postagem de maior interação do grupo antivacina no Facebook em 2018, o site do Ministério da Saúde não atende a expectativa desse estudo.

---

<sup>44</sup> Busca realizada no site oficial do Ministério da Saúde, endereço <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em 01 de março de 2021.

<sup>45</sup> Reportagem disponível em <http://www.isc.ufba.br/sus-passa-a-oferecer-novos-tratamentos-para-sintomas-do-hpv/>. Acesso em 17 de abril de 2021.



Voltamos então, para as redes sociais, como a postagem analisada foi compartilhada no Facebook, nosso intuito era saber se houve publicações oficiais do Ministério da Saúde que pudessem se encaixar na luta contra as *fakes news*. Acessamos a página oficial do órgão na rede social e aplicamos os filtros por assunto e ano.

No Facebook da pasta, ao longo do ano de 2018, observamos publicações de cunho informativo sobre as doenças provocadas pela HPV, recomendações sobre a vacina e, também, menções às *fake news* sobre as vacinas. As postagens possuem como *hashtags* principais: #VacinarÉProteger e #HPV, sendo que há links direcionando para o Blog da Saúde<sup>46</sup>, onde é possível, por exemplo, encontrar perguntas e respostas sobre como funciona a vacina contra a HPV.

A publicação sobre o HPV no Facebook do MS em 20 de junho de 2018, trata-se de um banner sobre a segurança da vacina contra o HPV e seus possíveis efeitos colaterais, o *post* possui 578 curtidas, 19 comentários e 610 compartilhamentos, conforme observamos na Figura 15.

Comparando a Figura 15 com a Figura 1 do capítulo 2, notamos alguns pontos que julgamos relevantes. A postagem do grupo antivacina no Facebook, diz que “Crianças/adolescentes do estado do Acre, depois de tomarem a vacina contra o HPV Parte 2. Elas sofrem, os pais sofrem, os amigos, sofrem, **e o governo diz que não tem nada a ver com a vacina.** Infelizmente a vacina contra o HPV, **é uma vacina que está a deixar um rastro de reações e mortes, em quantidade, nunca visto antes**, quando comparado com outras vacinas”.

No discurso destacado, o argumento dos antivacinas é que o governo não atribui as reações das crianças à vacina contra o HPV, e que a quantidade de mortes e reações é acima do que ocorre com as outras vacinas. Entretanto, na postagem da Figura 15, notamos a contradição existente entre os discursos, ou seja, os antivacinas falam uma coisa e o Ministério da saúde, outra. “A vacina contra o HPV é uma vacina segura e recomendada pela Organização Mundial da Saúde... Já é utilizada como estratégia de saúde pública em mais de 100 países, **sem registros de evidências que pudessem pôr em dúvida a segurança dessa imunização.**”

Segundo o site da Organização Pan-Americana da Saúde, efeitos graves das vacinas são raros e cuidadosamente investigados e “é muito mais provável que uma pessoa adoça

---

<sup>46</sup> Endereço do Blog da Saúde: <http://www.blog.saude.gov.br/>. Acesso em 21 de março de 2021.

gravemente por uma enfermidade evitável pela vacina do que pela própria vacina” (OPAS, 2016)<sup>47</sup>.

Nesse contexto, podemos dizer que, na Pós-verdade, a confiança nas instituições foi abalada pelas bolhas que espalham *fake news*, e assim, a verdade dos fatos não chega aos seus membros, que ficam à mercê de falsos discursos como se fosse uma névoa atrapalhando sua visão. “As bolhas e as *fakes news*, em prol da disseminação de crenças enrijecidas por ideias fixas e inflexíveis, trabalham para minar a confiabilidade de quaisquer fontes de registros e transmissão da efetiva ocorrência dos fatos” (SANTAELLA, 2019, p. 80).

A data da postagem do Ministério da Saúde (junho 2018) é anterior a da página do movimento antivacina (dezembro 2018), levando em consideração que a explicação sobre a segurança da vacina foi feita meses antes da postagem quanto aos efeitos que causam reações e mortes no grupo antivacina, neste caso, a influência na opinião do autor da publicação antivacina ou dos seguidores da página no Facebook se deu como uma reação à verdade da vacina, e, conseqüentemente, uma reação ao poder do MS, assim sendo, o movimento antivacina é vitimado pela própria verdade instituída e se fortalece no discurso da pós-verdade.

[...] somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder. Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1999, p. 29).

---

<sup>47</sup>Disponível em [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5361:mitos-e-fatos-sobre-vacinacao&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5361:mitos-e-fatos-sobre-vacinacao&Itemid=875). Acesso em 17 de abril de 2021.

Figura 15 - Efeitos colaterais do HPV – Facebook Ministério da Saúde.



Um adolescente sorrindo para tomar vacina foi uma forma que o MS encontrou para dizer que o imunizante contra a HPV é seguro. Fonte: Facebook Ministério da Saúde<sup>48</sup>.

Ainda nas postagens de 2018 no Facebook do Ministério da Saúde, identificamos em agosto, o lançamento do projeto “Saúde sem *fake news*”, um canal de combate às notícias falsas sobre a saúde. Houve também uma transmissão intitulada “Saúde em Pauta”, a qual abordou o tema da vacinação contra o HPV esclarecendo que ela é a medida mais eficaz para prevenir diversos tipos de câncer. Também em 2018, o MS lançou um vídeo fazendo um apelo emocional aos pais sobre o risco de não vacinar seus filhos, a campanha “O que dói mais” também seguiu o intuito de combater as *fakes news* contra as vacinas.

Em dezembro de 2018, embora não encontremos nenhuma postagem direta no Facebook do Ministério da Saúde se referindo ao HPV, especificamente, no dia 03 de dezembro, uma publicação (Figura 16) traz o link de uma matéria exibida no programa televisivo Fantástico da Rede Globo sobre as principais *Fake News* recebidas pelo Ministério da Saúde em seu então, recém-lançado canal no WhatsApp: “Saúde Sem *Fake News*”. As notícias falsas são comentadas pelo médico Draúzio Varella, com as *hashtags* #SaúdeSemFakeNews, #FakeNews e #FakeNewsMata. A matéria “Drauzio Varella alerta contra *fake news* na saúde e comenta algumas delas” está disponível na Globoplay<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2073970635954875>. Acesso em 22 de março de 2021.

<sup>49</sup> Matéria disponível no link: [https://globoplay.globo.com/v/7203535/programa/?fbclid=IwAR2uv5IPNzhGRdnF2bjhi8khLpP2XMO\\_hBRYI2n33KgDf18quXuumGKUw8](https://globoplay.globo.com/v/7203535/programa/?fbclid=IwAR2uv5IPNzhGRdnF2bjhi8khLpP2XMO_hBRYI2n33KgDf18quXuumGKUw8). Acesso em 21 de março de 2021.

Segundo a reportagem, 11% das *fake news* recebidas pelo canal são sobre as vacinas, entre elas a do HPV. O médico ainda comenta “Não é só na política que existe *fake news*, na saúde também, infelizmente. As da saúde prejudicam mais, porque faz com que as pessoas tentem tratamentos milagrosos que fazem mal para sua saúde” (VARELLA, 2018).

A notícia (Figura 16) ainda aborda uma *fake news* recebida pelo canal sobre a vacina HPV com a mensagem “Vacina contra HPV foi proibida porque pode matar”. O médico contesta a veracidade, porém não a comprova com evidências científicas ao espectador que assiste a reportagem. “Essas notícias sobre a vacina HPV que correm pela internet são criminosas, a vacina contra o HPV é absolutamente segura, você deve vacinar as meninas e os meninos antes de iniciar a vida sexual. Ela previne contra o câncer do colo do útero e contra o câncer de pênis” (VARELLA, 2018).

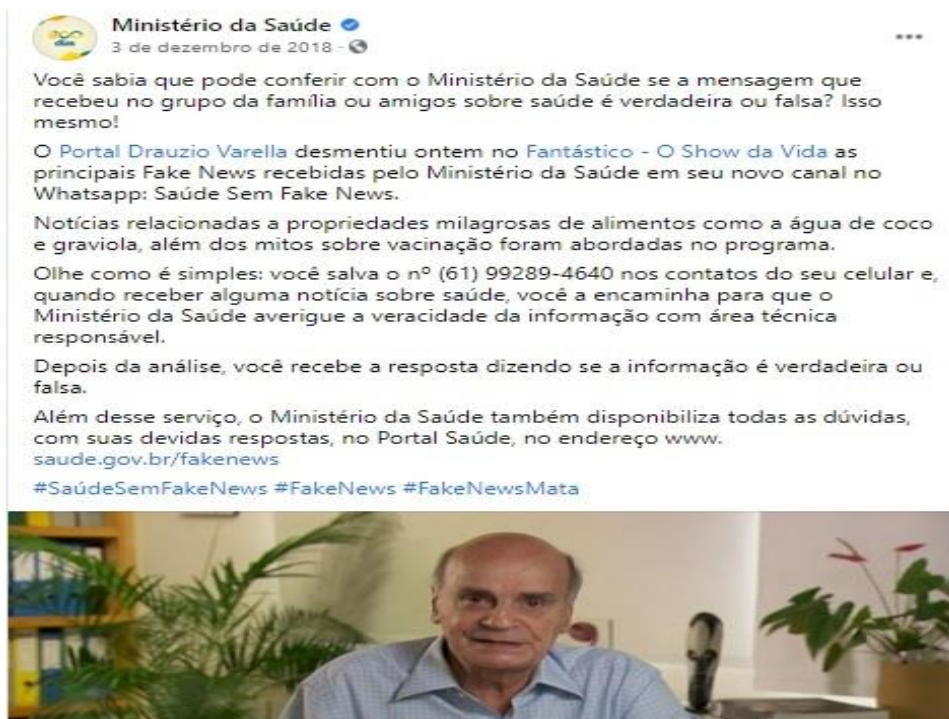
A publicação (Figura 16) possui 503 curtidas/reações, 21 comentários e 315 compartilhamentos. Se comparada à Figura 1, extraída do Facebook do grupo antivacina, a qual possuía na data da coleta 49 comentários, cerca de 300 curtidas e 1.900 compartilhamentos, podemos supor que o alcance, devido às suas interações e compartilhamentos, é maior do que o da página oficial do Ministério da Saúde, um agravante para compreendermos como uma *fake news* se propaga em uma velocidade maior do que a verdade dos fatos.

A postura do autor da publicação (Figura 1) de publicar imagens chocantes e trazer graves acusações revela a presença de *trolls* que a escritora Kakutani (2018) disse ter sido comuns durante as eleições norte-americanas. Os *trolls* como já citamos são usuários que, por meio de provocações e ataques tentam desqualificar outros indivíduos ou grupos, eles:

não se preocupam com a veracidade ou inconsistências, eles conseguem frequentemente divulgar sua versão ficcional dos eventos antes que veículos de notícias legítimos possam publicar os relatos apurados, tirando vantagem da tendência psicológica das pessoas de aceitar a primeira informação recebida sobre um assunto (KAKUTANI, 2018, p. 176 e 177).

A autora lembra ainda que a “trolagem” é feita a pessoas e instituições por meio de insinuações, *fake news* ou “argumentos relativistas para insistir na ideia de que a disseminação de fatos alternativos simplesmente adiciona uma voz à conversa, de que não existem mais verdades objetivas, apenas percepções e enredos diferentes” (KAKUTANI, 2018, p. 199).

Figura 16- Postagem dezembro de 2018 – Ministério da Saúde.



Usando da credibilidade do especialista, o MS busca mostrar que seu canal de fact-checking tem checado as informações que chegam até ele. Fonte: Ministério da Saúde <sup>50</sup>.

Outro ponto importante na análise comparativa dessas postagens diz respeito às *hashtags*. Devemos considerar que elas agem como filtros daquilo que os algoritmos nos direcionam para visualizar, conforme nossas buscas ocorrem na *web*. Na postagem do grupo antivacina no Facebook, há apenas uma *hashtag* #VACINAHPV, já na publicação analisada na Figura 15, encontramos #VacinarÉProteger e #HPV. Já na Figura 16, as *hashtags* diz respeito às *fake news* #SaúdeSemFakeNews, #FakeNews e #FakeNewsMata. Dessa forma em uma procura específica por “Vacina HPV” é bem provável que a postagem do grupo antivacina chegue à frente das demais publicações a respeito.

Conforme Santaella (2019), embora a diversidade das informações alcançadas por meio de buscas nas mídias sociais seja menor, quem busca notícias e informações nessas mídias sociais tem mais chances de cair em bolhas coletivas. “Dada a importância do consumo de notícias para o desenvolvimento do discurso cívico, essa evidência é especialmente relevante para a hipótese da influência das bolhas no fortalecimento dos preconceitos” (SANTAELLA, 2019, p. 20).

Dentre os comentários da postagem representada na Figura 16, destaca-se o da Figura 17 abaixo, em que uma pessoa contesta o que está escrito na mensagem do Ministério da

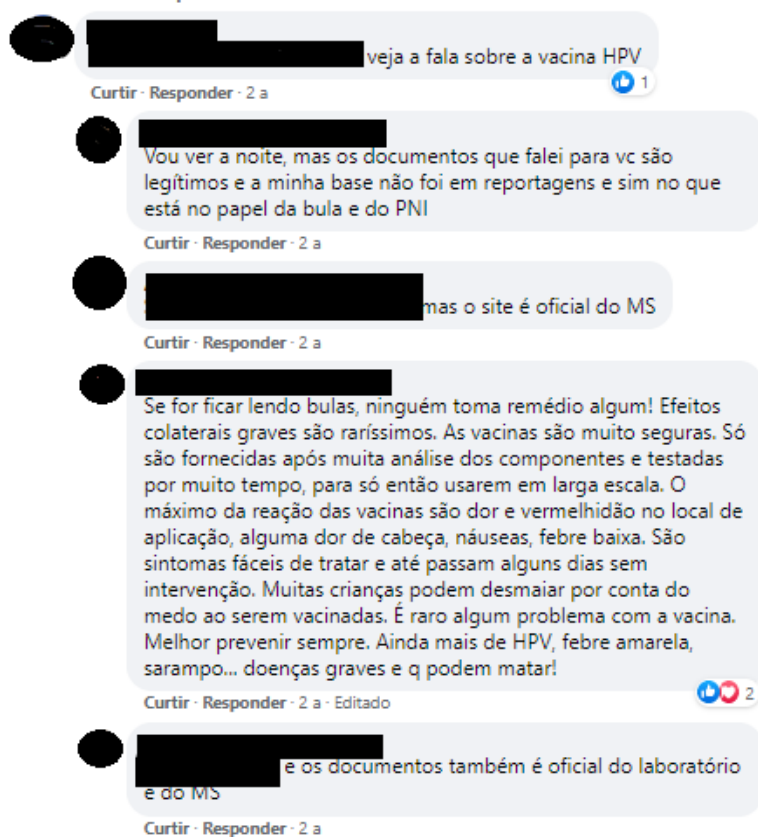
<sup>50</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2333119316706671>. Acesso em 22 de março de 2021.

Saúde, mesmo esta sendo uma fonte confiável para atribuir sua crença ao que estaria escrito em outros documentos que segundo ela, também oficiais.

A discussão em torno do comentário se dá em relação aos efeitos colaterais das vacinas, uma pessoa afirma ter lido em fontes confiáveis sobre o mal que o imunizante contra o HPV pode causar, outra pessoa contesta a informação e esclarece que todo medicamento pode provocar reações, porém são muito raras. A discussão sobre essa eficiência e segurança é um tema comum entre os antivacinas, esse fenômeno pode ser justificado, pois,

Junto com o enorme desenvolvimento das ciências e com a multiplicação de seus ramos a partir do final do século XIX, multiplicaram-se também as tendências epistemológicas voltadas para a discussão da natureza da ciência, da validade de seus métodos e das justificativas que legitimam suas conclusões? Não obstante as controvérsias, não são colocados em xeque os rigores de que a ciência deve se cercar para validar suas conclusões (SANTAELLA, 2018, p. 83).

Figura 17 – Comentário publicação Ministério da Saúde 2018



Cada um tenta provar sua verdade nos comentários da publicação. Fonte: Facebook Ministério da Saúde<sup>51</sup>.

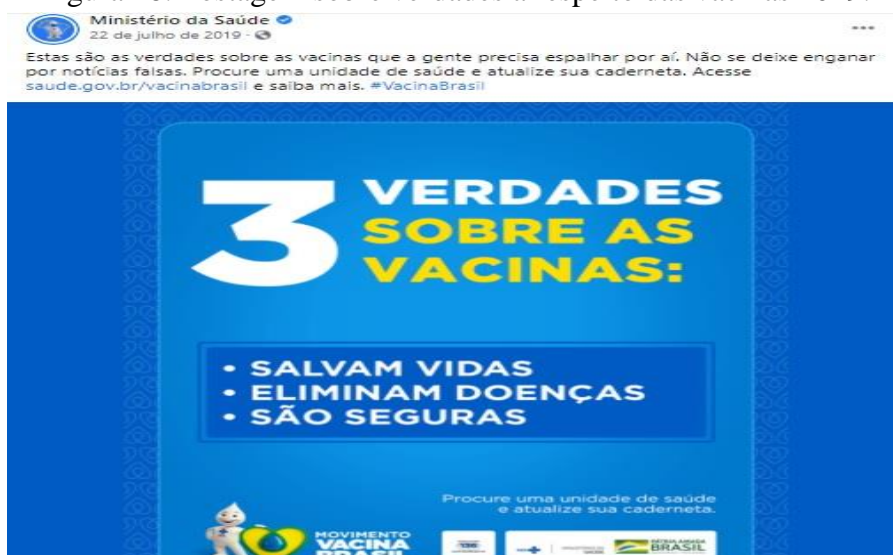
<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2333119316706671>. Acesso em 22 de março de 2021.

Em 2019, houve uma mudança na condução das ações por parte do Ministério da Saúde, após a posse do novo presidente eleito em 2018, Jair Messias Bolsonaro (Sem Partido). A postagem de maior interação de 2019 no grupo analisado neste estudo (Figura 3) relacionava a vacina HPV às sequelas em garotas e foi publicada em outubro daquele ano.

Relacionando nossa busca sobre a HPV ao ano de 2019, encontramos no Facebook do Ministério da Saúde, publicações que falam sobre a segurança, gratuidade e importância da vacina contra o HPV para prevenção contra a infecção do Papilomavírus Humano. Também observamos *posts* relacionados às *fake news* sobre as vacinas, à queda do número de pessoas vacinadas no Brasil, atestando a segurança e importância da imunização e postagem sobre quais são as 19 vacinas disponíveis gratuitamente à população. Notamos um reforço na gratuidade muito presente nas postagens e novamente o canal “Saúde sem *Fake News*” é apontado como um caminho de combate às notícias falsas sobre as vacinas.

O uso das *hashtags* continua constante, é possível encontrar #VacinarÉProteger, #VacinaBrasil, #VacinaHPV, #HPV, #Saúde. No dia 1º de julho de 2019, uma publicação traz uma matéria publicada no programa “Bom Dia Brasil”, da TV Globo, a qual trata sobre o estudo que mostra que casos de câncer de colo do útero caíram em populações vacinadas contra HPV. No dia 22 do mesmo mês, um banner (Figura 18) reforça as “verdades” sobre as vacinas dizendo que são seguras, salvam vidas e eliminam doenças.

Figura 18: Postagem sobre verdades a respeito das vacinas 2019.

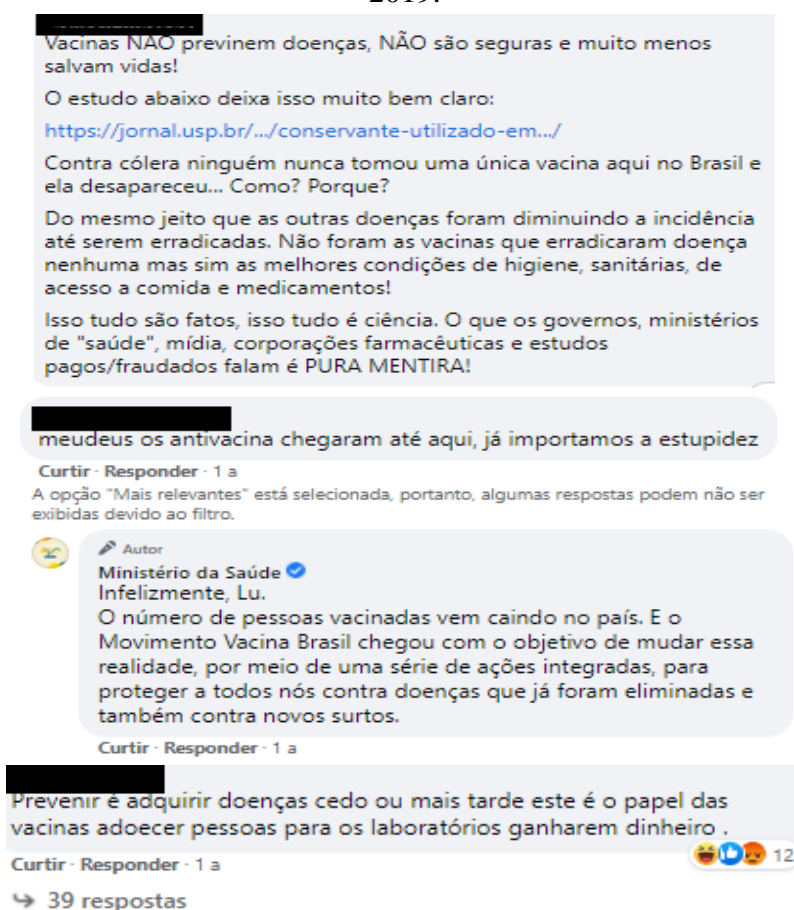


MS traz posts informativos sobre as vacinas de forma prática. Fonte: Facebook Ministério da Saúde.<sup>52</sup>

<sup>52</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2686094868075779>. Acesso em 23 de março de 2021.

Na publicação há comentários antivacinas que são contestados por outras pessoas, como observamos na Figura 19 a seguir:

Figura 19: Montagem da autora sobre comentários na postagem sobre verdades das vacinas 2019.



MS responde a algumas questões levantadas pelos usuários na publicação. Fonte: Facebook Ministério da Saúde.<sup>53</sup>

Uma pessoa questiona o fato dos antivacinas agora atacarem diretamente a publicação do MS, o qual alerta quanto à queda no número de pessoas vacinadas no Brasil, e comenta sobre o Movimento Vacina Brasil, um programa do governo para aumentar a imunização no país. A reação do comentário antivacina ao post nos revela que além da desinformação, o principal objetivo da pós-verdade é causar desentendimentos e reverter os discursos.

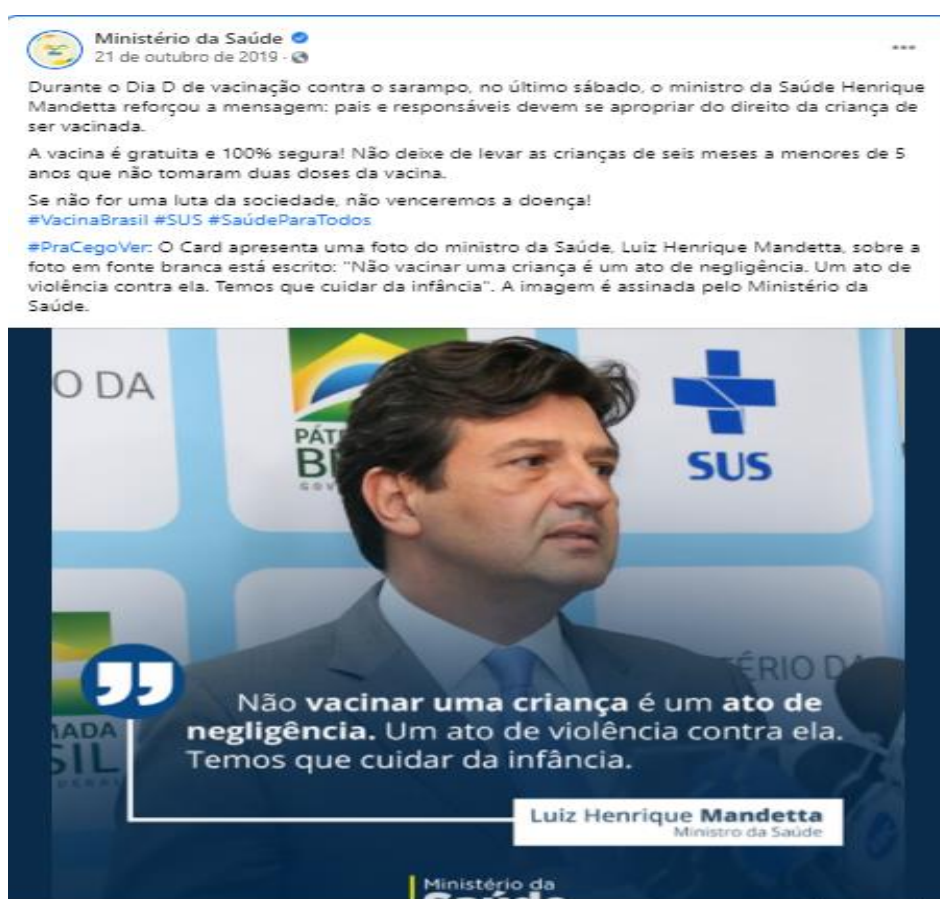
<sup>53</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2686094868075779>. Acesso em 23 de março de 2021.



Essas campanhas de desinformação preparam o terreno para a era da pós-verdade. Invariavelmente, seu propósito é semear dúvida, em vez de triunfar de imediato no tribunal da opinião pública (em geral, um objetivo impraticável)..A questão é manter a discussão em andamento, para assegurar que nunca cheguem a uma conclusão (D'ANCONA, 2018, p. 49).

Levando em consideração a data da postagem no grupo antivacina da publicação de maior interação de 2019 (Figura 3), encontramos no dia 21 de outubro de 2019, um post do Ministério da Saúde, com o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. A publicação diz respeito ao “Dia D de vacinação contra o Sarampo”, onde o Ministro reforça a importância de pais e responsáveis vacinarem suas crianças (Figura 19).

Figura 20 – Responsabilidade de vacinar nossas crianças MS 2019.



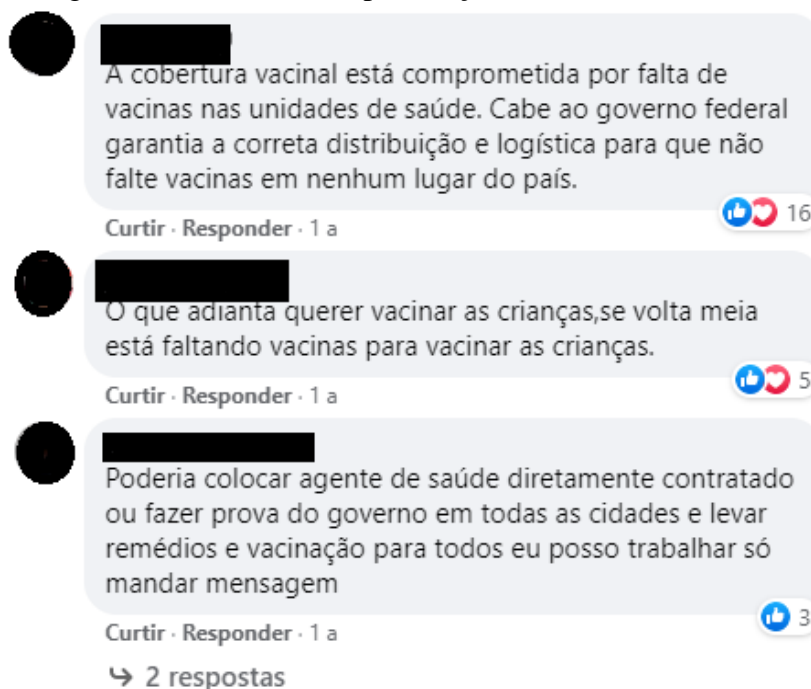
Ministro da Saúde faz apelo aos pais para que vacinem seus filhos. Fonte: Facebook do Ministério da Saúde<sup>54</sup>.

A publicação do MS possui 907 curtidas/interações, 78 comentários e 481 compartilhamentos, dentre os quais observamos queixas dos usuários referentes à falta de

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/posts/2919007068117890>. Acesso em 23 de março de 2021.

vacinas nas unidades de saúde (figura 21). Este ponto nos chama a atenção, uma vez que há o interesse e a preocupação de parte da população que consideram as vacinas, um elemento fundamental para a prevenção de doenças.

Figura 21 - Comentários publicação Ministério da Saúde 2019.



Usuários relatam falta de vacinas em diversos pontos do país. Fonte: Facebook do Ministério da Saúde<sup>55</sup>.

Dando continuidade à análise comparativa entre as publicações do Facebook do movimento antivacina e do Ministério da Saúde, o *post* de maior interação no grupo “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” até julho de 2020 foi relacionado ao uso da Cloroquina. Ocorre que o próprio Ministério da Saúde havia determinado um protocolo com o uso do medicamento em pacientes com a Covid-19 em 2020 em seu site oficial<sup>56</sup>, apesar da não comprovação científica quanto a sua eficácia<sup>57</sup>. Assim sendo, ao analisarmos as publicações no Facebook oficial da pasta, com os filtros “cloroquina” e “2020”, encontramos publicações relacionadas à distribuição e uso da Hidroxicloroquina e da Cloroquina para o tratamento da Covid-19.

<sup>55</sup> *Idem* 51

<sup>56</sup> Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-amplia-orientacoes-para-uso-da-cloroquina-2>. Acesso em 28 de abril de 2021.

<sup>57</sup> Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/ministro-da-saude-vai-lancar-protocolo-para-uso-de-medicamentos-contracovid-19-incluindo-cloroquina-de-ineficacia-comprovada-1-24984016>. Acesso em 24 de abril de 2021

As publicações sobre o assunto têm início em 26 de março, um dia após o anúncio do MS sobre a distribuição 3,4 milhões de unidades de Cloroquina e Hidroxicloroquina para uso em pacientes com formas graves do novo coronavírus. Na mesma data, o Brasil contabilizava 2.915 casos de Covid-19 confirmados, e 77 mortes.

Como vimos no capítulo anterior, em maio de 2020, a OMS suspendeu de modo temporário o uso da Cloroquina e Hidroxicloroquina em testes nos tratamentos contra a Covid-19, a suspensão se tornou definitiva em 17 de junho do mesmo ano. Notamos, porém, mesmo sem evidências científicas, o MS continuou recomendando o tratamento com o uso da Cloroquina, como observamos na publicação (Figura 22) feita no mesmo dia em que a OMS suspendeu de forma definitiva os testes clínicos. O medicamento usado para combater a doença malária se mostrou ineficaz contra a Covid-19, conforme atesta pesquisas publicadas em todo o mundo<sup>58</sup>, e está associado inclusive a complicações dos pacientes com a Covid-19.

Em abril de 2021, o Youtube removeu de sua plataforma quatro vídeos do presidente Bolsonaro<sup>59</sup> por conter conteúdos classificados como desinformação. A exclusão se deu em virtude da nova política do site iniciada no dia 16 de abril com o intuito de remover qualquer conteúdo que recomendasse o uso da hidroxicloroquina ou da ivermectina para tratar a Covid-19.

O fato de um órgão oficial recomendar um medicamento que teve sua ineficácia comprovada e portando não deveria ser utilizado contradiz o próprio discurso do Ministério da Saúde. O órgão que deveria combater o movimento antivacina contraria a prerrogativa esperada por uma instituição ligada à saúde, acirrando ainda mais a discussão acerca do remédio contra a malária, provocando uma rachadura que compromete sua credibilidade junto à sociedade e à OMS.

Essa postura por parte de alguns membros do MS e do próprio presidente da República leva a um conflito em escala imensurável, colocando os cidadãos em posições antagônicas extremadas, promovendo o ódio e justificando o injustificável, ou seja, a ideologia acima de tudo para a produção e reprodução de suas próprias verdades, o poder de soberania descrito por Foucault (1988, p.12) “o problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade”.

---

<sup>58</sup>Como podemos observar na matéria publicada no site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/17/hidroxicloroquina-nao-tem-efeito-e-deve-ser-abandonada-no-tratamento-de-qualquer-fase-da-covid-diz-sbi.ghtml>. Acesso em 27 de março de 2021.

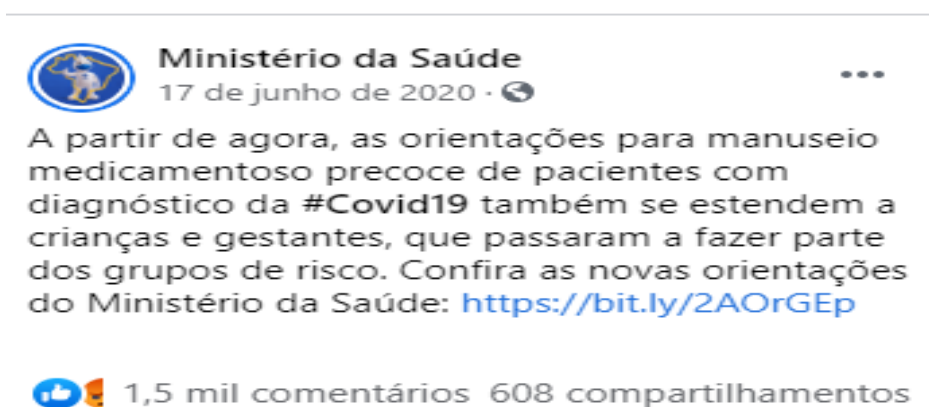
<sup>59</sup> Disponível em <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/04/23/youtube-exclui-mais-quatro-videos-de-bolsonaro-por-desinformacao.htm>. Acesso em 27 de abril de 2021.

Desse modo, podemos dizer que a relação de poder e espetáculo veiculados pelo presidente Jair Bolsonaro (Sem Partido) e alguns membros do Ministério da Saúde fomentam a desinformação que grassa a sociedade e que fortalece, em alguma medida, o movimento antivacina, sobretudo com o poder midiático que eles têm às mãos.

O poder que fala de desinformação não se acha a si mesmo isento de defeitos, mas sabe que pode atribuir a toda crítica precisa essa excessiva insignificância que existe na natureza da desinformação; e que, dessa maneira, nunca terá de admitir um defeito específico. Em suma, a desinformação seria o mau uso da verdade. Quem a profere é culpado, e quem nela crê, imbecil (DEBORD, 1997, p. 202).

A publicação representada na Figura 22 possui mais de três mil interações/curtidas e 1.500 comentários de pessoas contra ou a favor do uso do medicamento. Na Figura 23 trouxemos um desses comentários que gerou 170 interações e outros 45 comentários. No comentário a quebra da confiança no Ministério da Saúde é resultado da ambiguidade de seus discursos. Em meio a uma pandemia mundial, notamos como o poder da desinformação pode levar à possibilidade da destruição em massa.

Figura 22 – Recomendação para o uso da Cloroquina pelo Ministério da Saúde (continua).



**CORONAVÍRUS**

**O Ministério da Saúde divulga novas orientações para o uso de medicamentos para o tratamento de crianças e gestantes com Covid-19**

A prescrição do medicamento, como cloroquina e hidroxicloroquina, é uma prerrogativa do médico.

O Ministério da Saúde já distribuiu 4,3 milhões de comprimidos de cloroquina.

**A automedicação pode causar riscos à saúde.**

Ministério da Saúde

Recomendação para uso de medicamentos em discordância a OMS. Fonte: Facebook Ministério da Saúde<sup>60</sup>.(Concluído).

Figura 23 – Comentário na publicação do MS sobre o uso da Cloroquina.

Quem ainda confia em nosso Ministério da Saúde???? Boa sorte a quem confiar...

170

Curtir · Responder · 40 sem · Editado

^ Ocultar 48 respostas

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

eu prefiro confiar no ministério da saúde, do que a OMS depois de tantos erros pelo mundo afora.

49

Curtir · Responder · 40 sem

↳ 38 respostas

Comentários mostram a quebra da credibilidade do MS e da OMS. Fonte: Facebook Ministério da Saúde.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/photos/a.205936522758305/3565700496781874>. Acesso em 24 de março de 2021.

Desse modo, as instituições que deveriam ser a voz da verdade se tornam alvo da desconfiança que aliena e alimenta a pós-verdade. “Quebraram-se, assim, para as pessoas, as instituições tradicionais não apenas de transmissão de informação, mas também aquelas responsáveis pela divulgação do conhecimento” (SANTAELLA, 2019, p. 53).

Para ilustrar o que diz a OMS e o Ministério da Saúde a respeito do uso da Cloroquina e da Hidroxicloroquina em relação ao tratamento da Covid-19, preparamos um fluxograma evidenciando alguns pontos a serem refletidos. O uso desses e outros de medicamentos como a Ivermectina faz parte do chamado “Kit Covid”, um mix de fármacos que foi duramente criticado e contraindicado por diversas autoridades de saúde, pois não apresentava eficiência no tratamento precoce contra a Covid-19<sup>62</sup>.

Em janeiro de 2021, após uma coletiva de imprensa em que o então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, negou que o Ministério da Saúde tenha indicado o uso Hidroxicloroquina e a Cloroquina como tratamentos para a Covid-19<sup>63</sup>, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) enviou ao MS um ofício pedindo a revogação de qualquer instrumento (nota técnica, nota informativa, orientações, protocolos ou ofícios) que incentive o uso de medicamentos para Covid-19, sem eficácia e seguranças comprovadas e aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)<sup>64</sup>. Sobre as controvérsias do MS, é importante salientar que a “A Verdade é um dos pilares da democracia” (KAKUTANI, 2018, p. 19).

Quadro 1 – A questão da Cloroquina (continua)

<b>Fonte</b>	<b>Data da postagem</b>	<b>Título</b>
<b>Organização Mundial da Saúde</b>	23 de março de 2020	OMS critica uso de remédios não testados contra o coronavírus
	25 de maio de 2019	OMS suspende testes com hidroxicloroquina e cloroquina

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/minsaude/photos/a.205936522758305/3565700496781874>. Acesso em 24 de março de 2021.

<sup>62</sup> Informações disponíveis em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>. Acesso em 25 de abril de 2021.

<sup>63</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/18/pazuello-mente-ao-dizer-que-saude-nunca-indicou-remedios-contra-a-covid-19.htm>. Acesso em 25 de abril de 2021.

<sup>64</sup> Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1570-cns-pede-que-ministerio-da-saude-retire-publicacoes-sobre-tratamento-precoce-para-covid-19>. Acesso em 25 de abril de 2021.

<b>Ministério da Saúde no Facebook</b>	25 de março de 2020	Cloroquina poderá ser usada em casos graves do coronavírus
	18 de junho de 2020	Ministério da Saúde amplia orientações para uso da cloroquina

Fonte: Da autora (2021). Concluído.

Em relação às publicações analisadas do Facebook oficial do Ministério da Saúde, em comparação com as publicações do grupo “Vacinas: o lado obscuro das vacinas”, elaboramos o Anexo A, para demonstrar as proeminências de nossa análise.

### 3.2 O discurso do Ministério da Saúde no Youtube

Criado em 2011, o Canal Oficial do Ministério da Saúde do Brasil no Youtube possui 353 mil inscritos e mais de 263 milhões de visualizações. Entre as playlists criadas é possível observar temas como “Sus Informa”, “Campanhas 2021”, “TV Saúde”, “Minuto Saúde”, “Coronavírus”, entre outras.

Como o mecanismo de busca no Youtube é diferente do Facebook, para este estudo utilizamos como parâmetro, o assunto referente às publicações analisadas no Capítulo 2, bem como sua data de postagem. A coleta das informações foi realizada nos dias 27 e 28 de março de 2021.

O primeiro vídeo analisado no Capítulo 2 é o do presidente Jair Messias Bolsonaro em um pronunciamento a respeito das vacinas contra a Covid-19. A data de publicação do vídeo no youtube foi 17 dezembro de 2020.

Ao pesquisar o termo “*Vacina Covid*” no Youtube oficial do MS, são encontrados 406 vídeos, entre os assuntos observamos, questões relacionadas à vacinação contra a Gripe, Febre Amarela, pronunciamento de ministros, reações às vacinas, proteção e sua segurança, entre outros. No intuito de manter o período documental compartilhado com a primeira publicação do Youtube avaliada (Figura 7), são filtrados os vídeos publicados no mês de dezembro de 2020, no total foram encontrados nove vídeos.

Ao analisar as publicações de dezembro não é encontrada nenhuma menção ao pronunciamento do presidente Bolsonaro descrito na Figura 7, embora no mesmo dia 17 de dezembro encontramos um vídeo editado de 1’40”. Nele, sua excelência e o então, Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, apresentam o plano de vacinação contra a Covid-19.

Figura 24 - Apresentação do plano de vacinação contra a Covid-19.



Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, e presidente Bolsonaro realizam evento para apresentar o plano de vacina contra a Covid-19. Fonte: Youtube Ministério da Saúde.<sup>65</sup>

O vídeo (Figura 24) possui 3.039 visualizações, 165 curtidas e 20 não-curtidas, o Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, comenta sobre o Brasil ser referência na produção de vacinas, e que estas serão disponibilizadas aos Estados através do Sistema Único de Saúde. Não há fala do Presidente da República na edição do vídeo. Observamos que na gravação há a presença de alguns governadores. Durante os pronunciamentos, notamos que algumas das autoridades presentes encontravam-se sem máscara de proteção facial, apontada pelo próprio MS como uma das formas de prevenção à Covid-19<sup>66</sup>.

Sem o exemplo dos próprios governantes a população fica sem um referencial. “Nossa própria era da pós-verdade é uma amostra do que acontece quando uma sociedade afrouxa em sua defesa dos valores que sustentam sua coesão, ordem e progresso: os valores da verdade, honestidade e responsabilização” (D’ANCONA, 2018, p. 100).

A notícia sobre o plano nacional de vacinação contra a Covid-19, também foi publicada no site<sup>67</sup>, mais uma vez sem nenhum pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mR6KKy3Ssfs>. Acesso em 1º de abril de 2021.

<sup>66</sup> Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/mascaras-caseiras-podem-ajudar-na-prevencao-contr-o-coronavirus>. Acesso em 1º de abril de 2021.

<sup>67</sup> Matéria do Ministério da Saúde sobre Plano de Vacinação contra a Covid-19. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/presidente-da-republica-e-ministro-eduardo-pazuella-apresentam-plano-de-vacinacao-contr-a-covid-19-201ctodas-as-vacinas-produzidas-no-brasil-terao-prioridade-do-sus201d>. Acesso de 02 de abril de 2021.



Já na análise do Youtube do Ministério da Saúde em relação ao vídeo “A vacina contra a Covid-19 é perigosa? Anthony Wong responde” (Figura 9), continuamos a pesquisa sobre o termo “*Vacina Covid*”, fazendo o filtro em relação ao mês de outubro de 2020. Naquele mês, 20 publicações foram feitas no canal da pasta, grande parte em decorrência da campanha nacional de multivacinação. Uma publicação no dia 08 de outubro nos chama a atenção, com 22.563 visualizações.

No pronunciamento do então, Secretário-executivo do MS, Elcio Franco fala sobre a garantia de 140 milhões de doses vacina contra Covid-19 no primeiro semestre de 2021. As vacinas citadas são a de Oxford (AstraZeneca) e do Convênio COVAX Facility. As *hashtags* utilizadas na publicação de 38 segundos são #OCuidadoContinua, #Covid19 e #Vacinação.

Figura 25 – 140 milhões de doses da vacina contra a Covid-19.



COVID-19

Veja as informações mais recentes do MS sobre o COVID-19

Veja as informações da Anvisa sobre a vacina

#OCuidadoContinua #Covid19 #Vacinação

140 milhões de doses vacina contra Covid-19 no primeiro semestre de 2021

22.563 visualizações · 8 de out. de 2020

354 66 COMPARTILHAR SALVAR ...

Governo promete compra de vacinas para a Covid-19. Fonte: Youtube Ministério da Saúde.<sup>68</sup>

Embora não faça parte do dia exato da entrevista da Figura 9 (20 de outubro), a publicação é a que mais se aproxima do tema do vídeo analisado no capítulo 2, de modo que podemos entender que as fontes oficiais pautam a imprensa de uma maneira geral. Para Charaudeau (2012, p.132) as notícias são “um conjunto de informações que se relaciona a um

<sup>68</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=183JhHKNRIk>. Acesso em 1º de abril de 2021.

mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado”. Neste caso, podemos supor então, que essas informações sobre as 140 milhões de doses da vacina contra a Covid-19 então pautaram reportagem da Figura 9 que foi exibida dias depois.

Comparando a Figura 25 com a Figura 9 da entrevista do programa da Jovem Pan, um conhecido meio de comunicação do nosso país, lembramos das palavras de Ferrari (2018, p.94). “No jornalismo o que importa é chegar na frente do concorrente, e isso contribuiu e muito, a meu ver, para avalanche de *Fake news*”.

Em setembro de 2018, a publicação “Por que existe gente antivacina”, do canal do Pirulla (Figura 12) foi a terceira que apareceu nas nossas buscas de análise. Partindo desse pressuposto, procuramos o termo “antivacina” no Youtube do Ministério da Saúde, porém nenhum vídeo direto foi encontrado. Entre os 12 vídeos que apareceram de sugestão, dois são sobre mentiras a respeito das vacinas e foram publicados em 2019. Como nossa linha do tempo se refere a 2018, não há nenhum vídeo que se encaixe nos critérios dessa análise, uma vez que o único de 2018 encontrado na busca se refere à vacina da gripe.

Na comparação dos vídeos do Youtube selecionados no capítulo 2, mediante palavras-chave com os vídeos publicados no mesmo ano no canal oficial do Ministério da Saúde, temos o fluxograma representado pelo Anexo B.

Na análise dos vídeos no Youtube encontramos dificuldades, uma vez que os mecanismos de filtragem e busca dessa plataforma são diferentes das do Facebook, isso demonstra, por exemplo, que a facilidade em encontrar informações sobre vacinas e/ou antivacinas é maior na rede social Facebook.

Em relação à Figura 14, de uma imagem recebida pela autora pelo WhatsApp mencionando o chip nas vacinas, não foi encontrada nenhuma publicação oficial do Ministério da Saúde a respeito. Porém, encontramos a checagem no site G1 e na agência de *fact-checking* Lupa<sup>69</sup>, demonstrando mais uma vez a importância das agências de checagem e da imprensa para combater as *fakes news*.

Ao notar que não há no site no MS nenhuma publicação a respeito dessa *fake news*, podemos entender o quão grave são as mensagens publicadas via WhatsApp. “A mentira sem contestação consumou o desaparecimento da opinião pública, que, de início, ficará incapaz de se fazer ouvir e, logo em seguida, de ao menos se formar. (DEBORD, 1997, p.176).

---

<sup>69</sup> Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/04/verificamos-vacina-5g-microchip/> Acesso em 25 de abril de 2021.

### 3.3 Saúde sem *Fake News*

Como forma de combater as *Fake News* sobre saúde, o Ministério da Saúde, disponibilizou o número de WhatsApp (61)99333-8597 para que a população possa enviar mensagens sobre notícias recebidas nas redes sociais a fim de testar sua veracidade.

Para contribuir para esta análise, utilizamos o site de *fact-checking* do Ministério da Saúde, o “Saúde sem *Fake News*” para consultas dentro dos temas e periodicidade apresentados. Para tanto, foram pesquisadas os termos “ Vacina HPV”, “Vacina Chip”, “Covid 19” e “ Antivacina”.

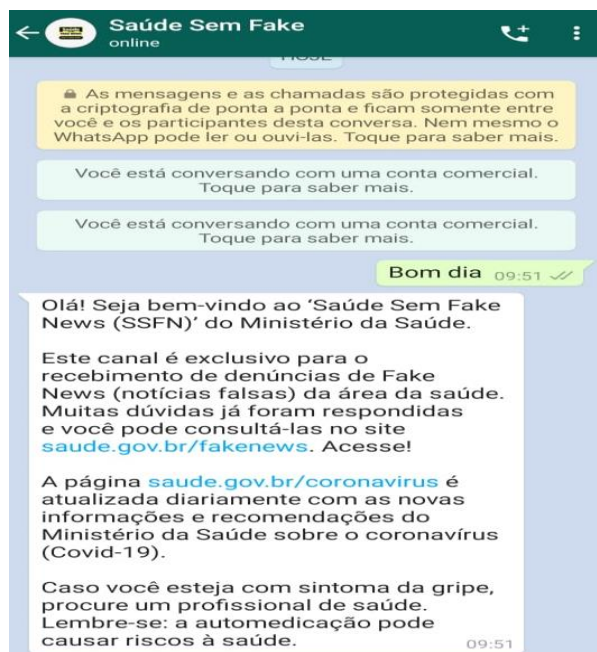
Em 2018, encontramos apenas duas publicações se referindo à vacina contra o HPV, em ambas o MS esclarece a respeito da segurança e eficácia da vacina que é utilizada em mais de 80 países, bem como de todas as que são ofertadas pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI). O órgão informa que as vacinas passam por um rígido processo de validação e registros na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Nos chama a atenção o fato de mencionar que como qualquer medicamento, a vacina pode causar Eventos Adversos Pós-Vacinação (EAPV), mesmo que raros. Ou seja, a pasta esclarece ao público que podem existir efeitos colaterais embora não especifique quais, isso denota um desconhecimento da necessidade de informar o público das autoridades competentes. Pesquisamos o mesmo termo em 2019, porém, não encontramos nenhuma checagem.

Na busca livre pelos termos “antivacina” e “vacina chip” nenhuma publicação foi encontrada. Em relação ao Coronavírus, observamos algumas checagens sobre a doença, relacionadas a assuntos como alimentos que previnem a doença, máscaras contaminadas, número de mortos. As postagens, no entanto, cessaram no dia 17 de julho de 2020<sup>70</sup>; não encontramos nenhuma evidência do porquê houve essa interrupção, embora o WhatsApp continue ativo, como observamos na Figura 26 abaixo. Claramente, isso nos mostra que há uma possível falta de comprometimento ou até mesmo desconhecimento por parte das autoridades e, como consequência, a interrupção sem justificativa deixa a população à mercê da desinformação mostrando quão grave é a omissão do poder público em relação às *fake news*.

---

<sup>70</sup> Disponível em <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/>. Acesso em 25 de abril de 2021.

Figura 26 – WhatsApp do canal Saúde sem *Fake News*.



Mensagem automática enviada através do whatsapp do Saúde sem Fake News. Fonte: Da autora (2021).

A partir da comparação entre os discursos do movimento antivacina e do Ministério da Saúde feito neste capítulo, notamos que, embora tenhamos observado algumas iniciativas no ano de 2018 durante o governo do ex-presidente Michel Temer (MDB) para melhorar a comunicação e combater *fake news* sobre as vacinas, a partir de 2019, já no atual governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (sem partido), essas ações se modificaram e o MS entrou em contradição. Essa desconstrução da verdade cientificamente comprovada impactou diretamente na opinião pública, haja vista as repercussões que temos acompanhado nas redes sociais sobre informações erradas a respeito de medicamentos não comprovados para tratar a Covid-19, ou o atraso na compra de vacinas e insumos para produzi-las, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o problema que orientou essa pesquisa sobre qual seria o impacto causado pelo discurso antivacina nas campanhas de vacinação veiculadas pelo Ministério da Saúde, cuja hipótese foi a de que ao construir seus argumentos sem a devida apropriação de dados cientificamente comprovados, o movimento Antivacina compromete as campanhas de vacinação na medida em que, com o intuito de convencer a população acerca da veracidade de suas informações, busca fontes advindas do senso comum e dos pensamentos místico, ideológico ou mágico, tecemos algumas considerações.

Após reunir as bases conceituais e teóricas para fundamentar o tema desse trabalho e de pesquisar o discurso antivacina, consideramos que a hipótese se confirmou. Os sujeitos participantes de grupos antivacina perdem sua voz (afonia) e são sugados pela bolha, ficando a mercê da pós-verdade, *fake news* e discursos negacionistas que levam a consequências diretas sobre sua saúde, com risco até mesmo de vida, como temos acompanhado no caso dos possíveis tratamentos para a Covid-19 que levou centenas de pessoas a estágios mais graves da doença e até mesmo à morte.

Nossas análises mostraram que a adesão aos discursos antivacinas não dependem do nível de escolaridade, sexo, poder aquisitivo ou raça, ele está inserido em todas as camadas da sociedade. O discurso antivacina define-se por opiniões, crenças, preconceitos e fobias que se amparam em (in) verdades e está enraizado no emocional, na comoção através de imagens e nas teorias da conspiração elaboradas para atender a interesses próprios. Essas teorias da conspiração alimentam o negacionismo científico, caindo no campo de ideologias que formam opiniões muitas vezes nutridas por um ódio coletivo. Os antivacinas almejam apenas instaurar o debate que se transforma em um caos de (des) informações que confunde, aliena e deixa a sociedade em estado vegetativo, perdendo sua capacidade de raciocínio, percepção e aprendizagem.

Os discursos antivacinas analisados variam em função do momento, adquirindo diferentes significados de acordo com os interesses vigentes à época de sua elaboração, já os enunciados se repetem em diversas postagens. Nas postagens analisadas, observamos que o sujeito se reconhece no discurso e as imagens chocantes, constituem os espetáculos que remete à memória de tragédias humanitárias.

As análises demonstraram que a disseminação da desinformação leva os sujeitos a se tornarem meros repetidores de discursos autoritários, os quais, utilizando de palavras agressivas e de medo propagam teorias conspiratórias, sem cunho científico. Além disso,

muitos utilizam da interpretação científica para atender a interesses próprios, colocando em check a credibilidade da ciência.

Outro ponto importante diz respeito às postagens do Ministério da Saúde, as quais, embora escassas, foram encontradas e denotam que apesar das contradições discursivas no seu interior, ainda existem algumas publicações que tentam desmentir as *fakes news*, porém não há, até esse momento, uma articulação de checagem de fatos. A iniciativa “Saúde Sem *Fake News*” que fazia esta função, não possui publicações há mais de seis meses sem nenhuma justificativa para isso. Desse modo, as informações acerca das vacinas ficam muito soltas, tornando difícil o acesso do público geral.

Com base nessas verificações, é aconselhável que o Governo brasileiro busque parcerias com a imprensa e com as agências de checagem para combater bolhas e a disseminação de notícias falsas, principalmente em relação às vacinas. Tal investimento se torna urgente e necessário para, ao menos, evitar casos mais graves da Covid-19 e a volta de doenças antes erradicadas como o Sarampo, Poliomielite, entre outras. Afinal, vivemos em um país onde 7 em cada 10 brasileiros já acreditaram em *fake news* sobre as vacinas, segundo pesquisa Avaaz (2019).

Para combater a pós-verdade no âmbito da saúde, especificamente em relação às vacinas, as agências de checagem e a imprensa tradicional têm realizado um trabalho que vem crescendo nos últimos meses. A apresentação da ciência de forma mais atrativa ao público, informa e sana dúvidas, como vimos ocorrer durante a pandemia, quando explicações sobre como as vacinas são produzidas, como combatem as doenças e qual a relação com nosso sistema imunológico foram divulgadas ao público. Dessa forma, acreditamos que o jornalismo científico quando se torna mais acessível ao público, com espaços de destaque em programas de audiência em massa, é uma arma muito eficaz no combate à desinformação. Outro ponto importante desse diálogo são as parcerias entre órgãos e instituições firmadas no intuito de se opor às notícias falsas.

Para fechar o cerco às *fake news* a regularização de plataformas como o Youtube, algo já possível em outros países deve ser considerada. Leis sobre o acesso a informações e dados que compartilhamos tornará a internet um ambiente mais seguro às gerações futuras, uma vez que sabemos que não há neutralidade na internet, no entanto, não é a tecnologia em si só o problema, mas a forma como ela é utilizada. Basta lembrar dos benefícios que ela é capaz de propiciar, quando corretamente utilizada.

Em 2019, quando iniciamos este estudo não imaginávamos que o movimento antivacina no Brasil ganhasse tamanha força. Somos testemunhas oculares de um momento

grave no mundo. A afonia da verdade que mostramos no Capítulo 1 se alastrou em uma velocidade tão grande quanto o vírus da Covid-19. O discurso esvaziado de sentido e afônico pode anular propostas científicas extremamente significativas para a sociedade. Mais do que enfrentar um vírus que matou milhões de pessoas e deixou sequelas em outras milhares, lutamos com contra nossos medos, incertezas e contra as mentiras que tentam solapar fatos cientificamente comprovados.

Por toda parte, em todo lugar, precisamos de filtros de verdade para seguir em frente, e esse seguir em frente não é somente aplaudir a imunização ou a ciência, é se reinventar, buscar ser cidadãos mais atentos, mais proativos, cobrar de nossos governantes a responsabilidade que lhes foi dada, afinal, lutar contra a desinformação nunca foi tão essencial.

Como dissemos no início não procuramos aqui instalar mais uma verdade, e sim, contribuir com elementos que colaborem para uma reflexão sobre as atuais políticas públicas e socioeducacionais de modo a despertar a população sobre o quão grave pode ser uma notícia falsa, principalmente aquelas relacionadas à saúde.

Ainda que de forma sucinta, dados os limites dessa pesquisa por questão de tempo, buscamos demonstrar que quando a saúde pública é transformada em ideologia política, a credibilidade de um órgão como o Ministério da Saúde fica abalada. É preciso repensar suas responsabilidades e trazer à população o amparo necessário para lidar com enfermidades e suas consequências.

Acreditamos que esse mapeamento possa contribuir para reflexões acerca da necessidade de verificar as informações veiculadas, sobretudo por parte das autoridades, demandando um olhar mais atento e compromissado, não se furtando a suas responsabilidades. Há de ser esperar que o poder soberano faça mais pelo seu povo se comportando como autoridade que de fato é. O Brasil necessita disso.

Se ao ler essa pesquisa você considerou alguns dos aspectos apresentados, então, cumprimos nossa missão de ecoar o combate à pós-verdade contra a saúde, mais precisamente contra os antivacinas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P, R. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. 2. ed. Ver. Atu. 5. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf> . Acesso em 16 de agosto de 2020.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. 1955. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod\\_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf). Acesso em 29 de março de 2020.
- BODDICE, R. **Vaccination, Fear and Historical Relevance**. History Compass 14 (2), pp. 71–78, 2016. DOI: 10.1111/hic3.12297. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/hic3.12297>. Acesso em 23 de maio de 2020.
- BOLSONARO: Hidroxicloroquina é "realidade bastante palpável" contra Covid. **Correio Braziliense**. Disponível em [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/01/interna\\_politica,841797/bolsonaro-hidroxicloroquina-e-realidade-bastante-palpavel-contra-co.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/01/interna_politica,841797/bolsonaro-hidroxicloroquina-e-realidade-bastante-palpavel-contra-co.shtml). Acesso em 19 de abril de 2021.
- BRASIL é o 4º país em número de usuários de internet. **Exame**, 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/brasil-e-o-4o-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet/> . Acesso em 10 de maio de 2020.
- BRASIL é o único país onde fake news sobre cloroquina circulam com frequência. **UOL**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/brasil-e-unico-pais-onde-fake-news-sobre-cloroquina-ainda-circulam-com-frequencia.shtml>. Acesso em 19 de abril de 2021.
- CARREIRO, R. O. A. **O Gosto dos Outros: Consumo, cultura pop e Internet na crítica de cinema em Pernambuco**. Recife, Dissertação de mestrado, UFPE, 2003. Disponível em [https://www.academia.edu/5311250/O\\_Gosto\\_dos\\_Outros\\_Consumo\\_cultura\\_pop\\_e\\_Internet\\_na\\_critica\\_de\\_cinema\\_em\\_Pernambuco\\_disserta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_mestrado?email\\_work\\_card=thumbnail](https://www.academia.edu/5311250/O_Gosto_dos_Outros_Consumo_cultura_pop_e_Internet_na_critica_de_cinema_em_Pernambuco_disserta%C3%A7%C3%A3o_de_mestrado?email_work_card=thumbnail) . Acesso em 28 de março de 2020.



CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S.M. Corrêa. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

CHRÉTIEN, C. **A ciência em ação**. São Paulo: Papirus, (1994).

COLORQUINA poderá ser usada em casos graves do coronavírus. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/cloroquina-podera-ser-usada-em-casos-graves-do-coronavirus>. Acesso em 24 de abril de 2021.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: A nova guerra contra fatos em tempos de Fake News**. Tradução: Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DARNTON, R. **A verdadeira história das notícias falsas**. *El País*, 2017. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536\\_863123.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html). Acesso em 24 de maio de 2020.

DAVIES, P; CHAPMAN, S; LEASK, J. **Antivaccination activists on the world wide web**. 2002. Disponível em <https://adc.bmj.com/content/archdischild/87/1/22.full.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2020.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIONÁRIO Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit. **El País**, 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638\\_931299.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html). Acesso em 23 de agosto de 2019.

DUNKER, C. et.al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

ENTENDA o que são fake news, trolls e outras armas usadas para desinformação. **FolhaPress**. Disponível em <https://www.folhape.com.br/politica/entenda-o-que-sao-fake-news-trolls-e-outras-armas-usadas-para/163333/> Acesso em 19 de abril de 2021.

EPSTEIN, I. **Ciência e anticiência: apontamentos para um verbete**. *Comunicação e Sociedade*, n. 29, 1998, p.11-33. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7852/6790>. Acesso em 29 de março de 2020.

FAKE NEWS é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. **BBC**, 2017. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695> . Acesso em 10 de maio de 2020.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. 1ª reimpr. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém de Cultura, 2019.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, M. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Disponível em: [http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault\\_%20etica\\_cuidado\\_si.pdf](http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_%20etica_cuidado_si.pdf). Acesso em 15 de maio de 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 10.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **O Sujeito e o Poder**. In: FOUCAULT, M. Dits et escrits, volume IV. Paris, 1982. Disponível em <http://libertaire.free.fr/MFoucault102.html>. Acesso em 21 de março de 2021.

FRANKFURT, H. G. **On bullshit**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo:Atlas, 2002.

GRAGNANI, J. **Como 'comportamento de manada' permite manipulação da opinião pública por fakes**. BBC, 2017. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42243930>. Acesso em 24 de maio de 2020.

HALLAGE, M.L. **Valorização das imagens voláteis nas redes sociais digitais**. In: FERRARI, P. (org.). Fluido, Fluxo: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas. Porto Alegre, Editora Fi, 2018. Disponível em <https://www.editorafi.org/428fluidofluxo>. Acesso em 10 de maio de 2020.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural** Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17. ed., São Paulo: Loyola, 2008.

HENRIQUES, C. M. P. **A Dupla epidemia: febre amarela e desinformação**. Fundação Oswaldo Cruz. Brasília, DF, Brasil. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25772>. Acesso em 23 de junho de 2019.

HOCHMAN, G. **Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil**. In: Ciência & Saúde Coletiva, vol. 6 (n.2), 2011, p. 375-386. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a02.pdf>. Acesso de 17 de novembro de 2019.

ITAGIBA, G. **Fake news e internet: esquemas, bots e a disputa pela atenção**. Disponível em [https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/04/v2\\_fake-news-e-internet-bots.pdf](https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/04/v2_fake-news-e-internet-bots.pdf). Acesso em 23 de junho de 2019.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Tradução André Czarnobai, Marcela Duarte. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KEYES, R. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Tradução Fábio Creder, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018, 310p.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1998. LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia. 3. ed. Florianópolis, SC: Insular, UFSC 2001.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LAVADO.T. G1. **Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada**. 28 de agosto de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>. Acesso em 28 de março de 2020.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34,1999.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. **SANAR Saúde**. Disponível em <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 19 de abril de 2021.

LOPAU ZULIAN, B.; KIMURA, H.; CRUZ BASSO, L. F. **Estudo de índices de comportamento de manada em fundos brasileiros de investimentos em ações**. Revista Alcance, Universidade do Vale do Itajaí Biguaçu, vol. 19, núm. 1, p. 7-23, jan./mar. 2012. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4777/477748598002.pdf> . Acesso em 12 de maio de 2020.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2a edição. São Paulo: EDUC, 1999.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª edição. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1998.

MARSHALL, Leandro. **A imprensa cor-de-rosa**. Observatório da imprensa. Ed, v. 245, 2003. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-imprensa-cor-de-rosa/>. Acesso em 24 de maio de 2020.

MATOSO, F.; LIS L. **Anvisa autoriza por unanimidade uso emergencial das vacinas Coronovac e de Oxford contra a Covid-19**. G1. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/01/17/relatora-na-anvisa-vota-a-favor-do-uso-emergencial-das-vacinas-coronovac-e-de-oxford.ghtml>. Acesso em 17 de janeiro de 2020.

MCGUILLEN, P. **How the techniques of 19th-century fake news tell us why we fall for it today**. *Nieman Lab*, 2017. Disponível em <http://www.niemanlab.org/2017/04/how-the->

techniques-of-19th-century-fake-news-tell-us-why-we-fall-for-it-today/z. Acesso em 24 de maio de 2020.

MENDES, A. **Ministro alerta secretários de saúde para ampliar cobertura vacinal do sarampo.** Agência Saúde. Brasil. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45219-ministro-alerta-secretarios-de-saude-para-ampliar-cobertura-vacinal-do-sarampo>. Acesso em 23 de junho de 2019.

MINISTÉRIO da Saúde amplia orientações para uso da cloroquina. **Ministério da Saúde.** Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-amplia-orientacoes-para-uso-da-cloroquina-2>. Acesso em 24 de abril de 2021.

MINISTÉRIO da Saúde quer vacinar 10 milhões de jovens e adolescentes contra meningite e HPV. **Ministério da Saúde.** Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-quer-vacinar-10-milhoes-de-jovens-e-adolescentes-contrameningite-e-hpv>.

MINISTÉRIO da Saúde. **Informe técnico sobre a vacina papilomavírus humano (HPV) na atenção básica.** Brasília, 2014. Disponível em <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2015/junho/26/Informe-T--cnico-Introdu---o-vacina-HPV-18-2-2014.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2020.

MOVIMENTO antivacina é uma das dez ameaças para a saúde mundial. **Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 2019. Disponível em <https://www.sbmt.org.br/portal/antivaccine-movement-is-one-of-the-ten-threats-to-global-health/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

NOTA de esclarecimento. **Ministério da Saúde.** Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/o-ministerio-da-saude-esclarece-que-em-momento-algum-foi-dito-ao-o-globo-que-sera-criado-um-protocolo-para-o-uso-de-cloroquina>. Acesso em 24 de abril de 2021.

OLIVEIRA, S. M. P. DE. **Disseminação da Informação na era das Fake News.** Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 8, n. 2, 17 nov. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16878/13637>. Acesso em 24 de maio de 2020.

OMS anuncia nova suspensão de testes com hidroxicloroquina. **Agência Brasil.** Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/oms-anuncia-nova-suspensao-de-testes-com-hidroxicloroquina>. Acesso em 19 de abril de 2021.

OMS critica o uso de remédios não testados contra o coronavírus. **Terra.** Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/oms-critica-uso-de-remedios-nao-testados-contracoronavirus,76000b3585cb6710b585e95776f1ade3f1jih9r8.html>. Acesso em 24 de abril de 2021.

OMS suspende o uso da cloroquina e hidroxicloroquina em testes contra a Covid-19. **Portal PebMed.** Disponível em <https://pebmed.com.br/oms-suspende-o-uso-da-cloroquina-e-hidroxicloroquina-em-testes-contracovid-19/>. Acesso em 19 de abril de 2021.

OMS suspende o uso da cloroquina e hidroxicloroquina. **O Globo**. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/oms-suspende-testes-com-cloroquina-hidroxicloroquina-24444957>. Acesso em 24 de abril de 2021.

ONU: Vacinação evita cerca de 2 a 3 milhões de mortes ao ano. **ONU**, 2013. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-vacinacao-evita-cerca-de-2-a-3-milhoes-de-mortes-ao-ano/>. Acesso em 28 de março de 2020.

ORIENTAÇÕES para retomada com segurança. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>. Acesso em 17 de janeiro de 2020.

ORWELL, G. **Lutando na Espanha**. 2002. Disponível em <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/George%20Orwell-3.pdf>. Acesso em 25 de março de 2020.  
 OXFORD. **Word of the year 2016**. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

PESQUISA Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: **Secom**, 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em: Acesso em 23 de maio de 2020.

REINO Unido aprova vacina da Pfizer e BioNTech e anuncia que iniciará aplicação na próxima semana. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/02/reino-unido-anuncia-que-iniciara-vacinacao-contracovid-na-proxima-semana.ghtml>. Acesso em 19 de abril de 2021.

RIGHETTI, S; GAMBA,E. **Na pandemia de Covid-19, cientistas revisam estudos em menos de 24h e erros aumentam**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/anulacao-de-estudos-aumenta-na-pandemia.shtml>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

ROCHA, G. **Ministério da Saúde lança serviço de combate à Fake News**. Agência Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44139-ministerio-da-saude-lanca-servico-de-combate-a-fake-news>. Acesso em 19 de abril de 2021.

SANTAELLA, L. **(Des) informação em tempos de COVID-19**. Canal do TIDD PUC-SP no Youtube, 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=fIy-JM\\_dKGM&t=1678s](https://www.youtube.com/watch?v=fIy-JM_dKGM&t=1678s). Acesso em 02 de junho de 2020.

SANTAELLA, L. **A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

**São Paulo registra a primeira morte pelo novo coronavírus no Brasil**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/17/estado-de-sp-tem-o-primeiro-caso-de-morte-provocada-pelo-coronavirus.ghtml>. Acesso em 19 de abril de 2021.

SETE em cada dez brasileiros já acreditaram em 'fake news' sobre vacina, diz estudo. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/sete-em-cada-dez->

brasileiros-ja-acreditaram-em-fake-news-sobre-vacina-diz-estudo-24073494 . Acesso em 10 de maio de 2020.

SHELBY, A.;ERNST, K. **História e ciência:** como fornecedores e pais podem utilizar a narrativa para combater a desinformação anti-vacina. *Vacinas humanas e imunoterapêuticos*, 2013, p. 1795–1801. Disponível em <https://doi.org/10.4161/hv.24828>. Acesso em 28 de março de 2020.

SILVA FILHO, R. C; SILVA, L.M.; LUCE, B. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. *RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, p. 271-287, dez. 2017. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/892>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SILVA, T. D. **A linguagem e as relações entre mídia, produção textual e tecnologia.** In: SILVA, T. D. et.al. *Mídia, produção textual e tecnologia*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

SOARES, C. C. **Competência em informação:** as fakes news no contexto da vacinação. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/3762/2198>. Acesso em 24 de junho de 2019.

SOUSA, P.S. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Labcom, 2008. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

SPINELLI, E.; SANTOS, J. **Jornalismo na era da pós-verdade:** fact-checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, v. 4, n. 3, p. 759-782, 29 abr. 2018.

SUS passa a oferecer novos tratamentos para sintomas do HPV. **Ministério da Saúde.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/sus-passa-a-oferecer-novos-tratamentos-para-sintomas-do-hpv>. Acesso em 21 de março de 2021.

TANDOC J. E.C., LIM Z. W., LING, R. **Defining “Fake News”.** *Digital Journalism*, 6:2, 137-153, 2018. DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143 . Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

TESICH, S. **A Government of Lies.** *The Nation*. Nova York, vol. 254, 1992. Disponível em: <https://www.questia.com/magazine/1G1-11665982/a-government-of-lies>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

TIBURI, M. Pós-verdade, Pós-Ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, C. et.al. **Ética e pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/40954554/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina> . Acesso em 30 de maio de 2020.

VACINAÇÃO: quais são as vacinas, para que servem, por que vacinar, mitos. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/vacinacao/sobre-o-programa>. Acesso em 01 de maio de 2020.

VACINAS evitam 4 mortes por minuto e poupam R\$ 250 milhões por dia. **BBC Brasil**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54029641>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

VACINAS: praticamente metade dos brasileiros vê ou ouve informações sobre o tema nas redes sociais e/ou pelo WhatsApp. **IBOPE Inteligência**, 2019. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/vacinas-praticamente-metade-dos-brasileiros-ve-ou-ouve-informacoes-sobre-o-tema-nas-redes-sociais-eou-pelo-whatsapp/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

VIANA, R.C. T. **Os impactos das fake news na sociedade de usuários da informação**. Disponível em <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/30710>. Acesso em 25 de junho de 2019.

WARD, J. *et al.* **Vaccine criticism on the Internet: Propositions for future research**. Human Vaccines & Immunotherapeutics. v.12(7). p. 1924-1929. jul. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2C2GbDK>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

World Health Organization (WHO). **Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em 07 de janeiro de 2020.

XEYLA, R. **Secretário fala sobre orçamento, produção e fornecimento de vacinas no país e cenário internacional**. Agência Saúde. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45877-secretario-nacional-de-vigilancia-em-saude-fala-sobre-fornecimento-e-orcamento-para-vacinas-alem-de-investimento-para-a-area>. Acesso em 10 de Maio de 2020.

ANEXO A – Comparação entre as postagens do Facebook (continua)

<b>Fonte</b>	<b>Data da postagem</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de Postagem</b>	<b>Tópicos abordados</b>
<b>Grupo Antivacina no Facebook</b>	02 de dezembro de 2018	Crianças/adolescentes do estado do Acre, depois de tomarem a vacina contra a HPV.	Post do administrador do grupo	- Efeitos colaterais da vacina HPV - Mortes atribuídos a vacina - Vacina como causa de sofrimento
	22 de outubro de 2019	No Acre, médica perita garante que vacina HPV é responsável por graves sequelas em garotas.	Reportagem	- Apropriação do discurso jornalístico - Espetáculo - Efeitos colaterais da vacina HPV
	14 de junho de 2020	Cloroquina utilizada há mais de 60 anos Não Pode! Não tem comprovação científica. Vacina nova da China Pode! É segura!	Post do administrador do grupo	- Descrença na ciência, Pesquisas no Google/ Provoca a dúvida
<b>Ministério da Saúde no Facebook</b>	03 de dezembro de 2018	Matéria do fantástico: Drauzio Varella alerta contra fake news na saúde e desmente algumas delas.	Reportagem da TV aberta	- <i>Fact-checking</i> - <i>Fake news</i> sobre as vacinas - Presença de trolagem
	21 de outubro de 2019	Não vacinar uma criança é um ato de negligência.	Post do Ministério da Saúde	- Usuários apresentam falta de vacinas



				- Campanha de vacinação - Importância da vacinação
	17 de junho de 2020	A prescrição do medicamento, como cloroquina e hidroxicloroquina, é uma prerrogativa do médico.	Post do Ministério da Saúde	- Divergência em relação à OMS - Kit Covid - Quebra de confiança

Fonte: Da autora (2021) (Concluído).

ANEXO B - Comparação dos vídeos do Youtube

<b>Fonte</b>	<b>Data da postagem</b>	<b>Título</b>	<b>Termo de referência</b>	<b>Tópicos abordados</b>
<b>Postagem de maior interação no Youtube</b>	17 de dezembro de 2020	Bolsonaro “Se tomar vacina e virar jacaré eu não tenho nada a ver com isso”	“Não tome Vacina”	Silenciamento do outro / espetáculo / besteira
	20 de outubro de 2020	Vacina contra Covid-19 é perigosa?	“verdade e vacinas”	Guerra de opiniões / descrença na ciência / jornalismo
	27 de setembro de 2018	Por que existe gente antivacina?	“antivacina”	Combate aos antivacinas/ educação / esquecimento dos efeitos das doenças
<b>Vídeos do Ministério da Saúde no Youtube</b>	17 de dezembro de 2020	Presidente da República e ministro Eduardo Pazuello apresentam plano de vacinação contra a Covid-19	“ Vacina Covid / dezembro 2020”	Vacinação Covid /espetáculo /divergência OMS (falta da máscara)
	08 de outubro de 2020	140 milhões de doses da vacina contra Covid no primeiro semestre de 2021	“ Vacina Covid / outubro 2020”	Fontes oficiais pautam a imprensa
	-	Sem vídeos.	“antivacina”	-

Fonte: Da autora (2021)